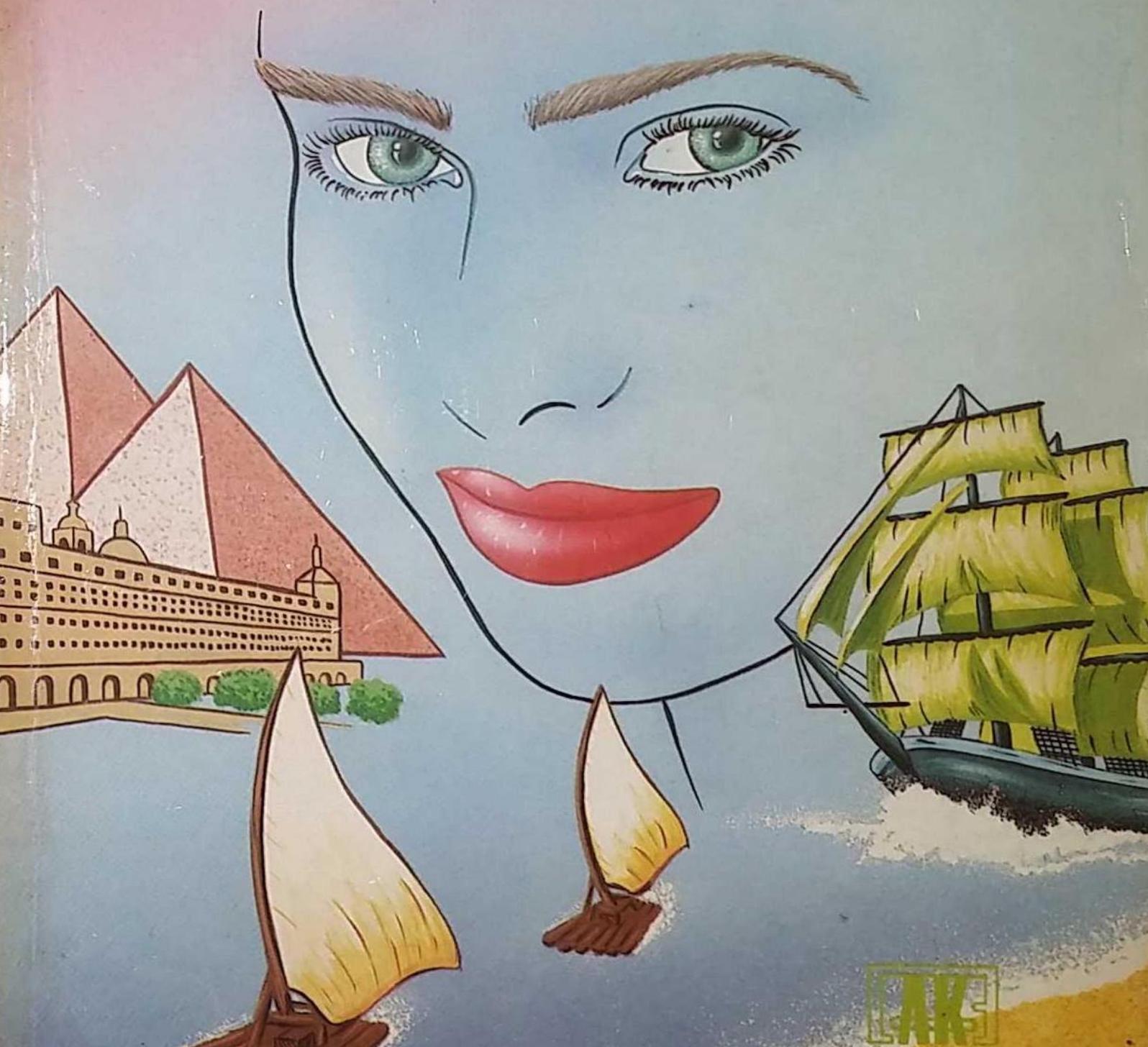


JERUSA

(Romance Mediúnico)



OLYMPIA S. BELÉM

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

JERUSA

(Romance Mediúnico)

CARTA PREFÁCIO

Prezado Coronel Domicio de Menezes.

Consciência em paz, o melhor bem que posso desejar às criaturas humanas.

Acabo, por dever profissional, junto da nossa Editora Espírita, de rever as provas de JERUSA, a empolgante novela que a conhecida e operosa Olympia Belém, sua autora, recebeu, me- diunicamente, há um ano e que só agora pôde ser concluída.

Não pude, dada em mim a fraca qualidade de censo crítico e exigüidade de tempo, atinar das causas que te levaram e ainda de parceria com a co-autora, a pedir-me que expusesse, por escrito, alguma coisa sobre ela.

Será porque venho estudando e espalhando, há um quarto de século, como me é possível, a incomparável Doutrina dos Espíritos?

Mas, essa condição, não pode autorizar a escolha. Mas permite, quando muito, ser um fator de eleição para a propaganda, justamente, por me faltarem os requisitos para o pleito de crítico.

Na falta de tudo isso, só me resta servir dos aspectos da Doutrina, e com eles escapulir dos métodos da crítica literária!

O enredo da novela inicia-se com o abandono de uma encantadora menina, que nascera aleijada e certamente adúltera, dadas as condições aviltantes e desumanas em que fora, alta noite, encontrada em caminhos desertos das terras asiáticas. A rica indumentária que a envolvia, rejeitada pelo preconceito de poderosos senhores que preferiam abafar um ato talvez criminoso, e segundo a imperfeição das leis humanas, sabemos que é um dos crimes mais hediondos, indicava, como melhor força de argumentos, a abundância financeira que imperava na sua procedência, de resto, paupérrima de sentimentos humanos, segundo as leis divinas!

Uma trama complicadíssima envolve nada menos de oito personagens, ora na vida terrena, ora na vida espiritual, presos todos à cadeia de sérios compromissos assumidos. Antecipadamente, a cada renascimento e na maioria rotos ao contato das seduções dos planos materiais pelas transitórias riquezas do ouro, homologavam nas posições sociais a eles distribuídas nas grandes e luxuosas cortes. Cada personagem, dentro de seu feitio — vida humana —, se particulariza por tal forma seqüente da sua conduta, conservando todos o mesmo sexo, em países e raças diferentes embora, que, não é difícil o leitor surpreende-lo!

O Espiritismo que, quer na lógica, quer na parte experimental, vai, incoercivelmente, se afirmando pela prova, pelo fato; se modificando pelo estabelecimento de leis até então

desconhecidas e, que regulam a marcha inalterável da vida do espírito, ligando o passado ao futuro, aparentemente cortada pelo fenômeno, impropriamente chamado “morte”, constitui na JERUSA o seu expoente moral e filosófico.

A luz brilhante e fixa do Espiritismo, assistimos ao arrasamento de todas as velhas escolas e com ele as inúteis quinquilharias dos seus insustentáveis aforismos.

“Mors última ratio”— diz o provérbio latino—, no entanto, vem a escola espírita e mostra com fatos, que “a morte nunca foi a razão final de tudo”.

Nas idas e vindas dos personagens que, movimentando os cenários sociais e dramatizando a novela JERUSA, alguns dos quais se reuniram contemporaneamente na metrópole brasileira e ainda ali vivem; liquidando os seus compromissos, sob a força do que lhes foi traçado no pretérito. Assim, está a prova do erro, da sem razão, da falência, enfim, do aforismo latino.

Sob a direção da palingenesia, já se vê o espírito humano conquistando, com o auxílio de vários fatores oriundos da Causa Prima, os planos evolutivos rumo da perfectibilidade.

As separatividades geográficas do nosso planeta não servem, absolutamente, de empecilho à implantação do regime judiciário aos espíritos culpados; pois, é fora de dúvida, que os continentes oferecem, pela sua posição, clima e constituição física, meios para a preponderância decisiva no seu emprego.

Uma escala ascendente, na ordem geográfica-planetária, deve mesmo constituir um concerto de alta significação no acomodar das almas delinquentes, principalmente, num presídio como o nosso.

Não havendo, como não há, arbitrariedade em nenhum dos planos da Causa Prima que é Deus, tudo se movimenta através da mais perfeita ordem, rumo do plano amoroso.

A ação, os acontecimentos que vêm narrados na excelente novela, tiveram a sua origem em eras remotas, na Síria, onde seus protagonistas faleceram. Seqüentemente na Irlanda, na Dinamarca, na Espanha, no Egito, em África, no Paraguai no Brasil, renasceram, todos, retomando cada qual o seu lugar, na ordem em que deixaram no momento, interrompidas, pela morte, as cenas que lhe estavam assinadas, em reencarnações várias.

A urdidura de toda a trama tem linhas surpreendentes no seu valor constante e há painéis inéditos, desenhando as nuances morais, que nelas são antecedidas pelas mais dolorosas e pungentes agonias dos componentes!

JERUSA

A figura central de toda peça é, incontestavelmente, a personagem que dá o nome à novela.

Pode-se dizer que esse delicadíssimo espírito que pediu e suportou, estoicamente, dolorosas provas, é o êmbolo motor, sob o qual giram as polias velozes, de transmissão do seu amor fraternal; e que solícitamente assiste, acionando com o maior desvelo as alavancas do Bem, amparando e reanimando os fracos, exortando todos os companheiros a prosseguirem

firmes, a rota traçada pelos desfiladeiros do amor.

É a primeira vez que vem a lume, por via mediúnica, fatos que, perante suas raízes fincadas em pretérito remoto, alcançam, com indicações precisas, numéricas, matemáticas, vivendo de novo e no nosso meio, os personagens que, inicialmente, tomaram parte nos mesmos; e são surpreendentes a movimentarem, no novo meio social, o cenário que é, nem mais nem menos, uma lógica seqüência daqueles fatos, liquidando dívidas, reparando danos, sepultando ódios, apurando simpatias, amando o amor, sentindo o amor, gozando o amor, num ingente e trabalhoso processo evolutivo, ao preço de custosos sacrifícios de toda a espécie, de cilícios incríveis, — de renúncia a mais invejável!

Dos três personagens, de maior projeção nos acontecimentos, constituídos nos episódios de JERUSA, dois eu conheço pessoalmente, mantendo com um deles, relações que me são prezadas, máxima na propaganda do Espiritismo. O outro com quem tratei apenas uma vez, há dias, por força do trabalho, cuja revisão me confiaste; deixou-me ótima impressão, revelada pela sua distinção no trato, sobriedade, modéstia e fina educação espiritual; e, notadamente, pela destacada conduta com que se houve no episódio último, no que se encerra o livro. A primeira é a D. Olympia Belém, esposa do Sr. Olinto Belém, sobejamente conhecida, exemplar mãe de família e notável ornamento de virtudes no meio social do Rio de Janeiro. Possuidora de acatados dotes de bondade, é notório o seu desvelo pelos necessitados, de que dão provas quantos têm passado pela “Associação Discípulos de Jesus”. E vê-la e encaixá-la na velha “Maffra”, que aparece logo no primeiro capítulo da novela.

A segunda é a D. Geny Paiva da Cruz, natural de Bagé — Rio Grande do Sul —, filha do General Viriato Cruz e D. Francisca Paiva da Cruz. E a “Zaida”, personagem com e em torno do qual se desenrolaram, no passado e no presente, os fatos de maior relevância e, por tanta razão, surpreendente, está assinalado no livro. E essa estóica criatura, cognominada “Teresa”, por quem usou do direito, que julgou possuir, de ocultar-lhe o verdadeiro nome de Geny, — o venerável Sr. Leonardo Severo Torrents —, a senhorita com quem, a 30 de outubro de 1944, ele contraiu em segunda núpcias, já no leito de onde não mais pôde se erguer.

O terceiro personagem que foi o venerando Sr. Leonardo Torrents, acatado sub-Diretor da Contadoria Central da República, em cujo cargo faleceu, — nasceu a 6 de novembro de 1866, no Paraguai e faleceu a 26 de janeiro do corrente ano (1935), no Hospital Evangélico — Rio de Janeiro. Foi viúvo de D. Helena de Almeida, de cujo casal, deixou três filhos: D. Iracema e Lúcia e o Sr. Fausto, casados todos com excelentes famílias brasileiras. Apesar de espírita militante, pois, foi fundador do “Centro Espírita Amar a Deus”, nele sempre se mantendo, eu não o conheci pessoalmente; e o círculo das suas relações de amizade era vastíssimo, não só nos meios espiritistas, mas também nos meios burocráticos. A bondade era o traço característico das suas peregrinas qualidades de alma. E ele — esse cavalheiro cuja saudade sentida por todos que com ele privaram atesta a grandeza de bondade e do altruísmo, de que era dotado o seu espírito, — o “Yános”, o cigano —, aquele atleta esbelto, formoso e

jovial, com quem a encantadora “Zaida” já renascida, — ao assistir uma sanguinolenta luta por ele travada com feras bravias, num circo e da qual saiu galhardamente vitorioso —, num rápido olhar, com que reascendeu o fogo de uma paixão passada —; firmou o pacto para novas núpcias que, só se ajustou pelo rapto, cujas peripécias, a novela plasma em períodos de ofegantes emoções e inenarráveis delírios de amor.

Eis aí, meu prezado companheiro Domício, o que pude, mal resumidamente, transladar da objetiva embaciada do meu intelecto, quanto ao aspecto do arcabouço da magnífica novela JERUSA.

A parte literária poderia, sem dúvida, ter sido revestida com melhores e mais artísticos adornos. Se as tintas para o maior realce das telas tivessem sido escolhidas com mais tempo, mesmo na jazida original, talvez lhe prestassem outro relevo.

A peça perde um tanto no cenário, por falta do descritivo, que é como que a apresentação do painel dos locais.

Isso, porém, não envolve deslize, nem descobre defeito na contextura da novela, porque os paladares não são uniformes, mas, compensado na fidalguia dos traços egenuidade dos fatos todos, que ela encerra no seu esplêndido conjunto, notadamente de profunda e elevadíssima lição moral e filosófica de que o Espiritismo é o expoente máximo.

— Quem, meu prezado Domício, será capaz de, lendo a mensagem que Jerusa deu ao velho Torrents no dia do seu natalício, — nimbando-o com a suavidade das suas carícias e levantando a moral abatida pela terrível ingratidão dos que tudo lhes deviam —, não se sentir tomado de um consolo que, por mais vasqueiro entre as criaturas humanas, é a melhor riqueza que aqui se possa alcançar?

E Quem ainda, amigo, pai como somos, há de se deixar indiferente, sem ao menos o prêmio social da nossa cortesia, um constante pensamento de respeito, uma prece de profunda homenagem, um hino de admiração ao Senhor pela Sra. Paiva da Cruz Torrents, de ser o exemplo vivo de abnegação, de renúncia de si mesma; era o sacrificar todos os dotes, quando moça, que fora agraciada e com eles, áviamente livrar-se dos censores, da crítica bastarda dos moralistas, para vencer todos os óbices dos preconceitos sociais; enfim, cumprisse a prova, a dura prova que na vida errátil tomara o compromisso de suportar, resgatando desVarte um passado culposos?

O Torrents precisava de um coração virgem — espécie de esposa do túmulo —, para confortá-lo na hora da partida; de mãos sedosas que conduzissem o bálsamo espiritual capaz de ungi-lo de amor fraternal; de ouvir preces pronunciadas por quem, em corpo físico, tivesse a neutralidade das almas superiores, espartilhadas pelo suave amplexo da abstinência e da renúncia; de organização resistentemente casta, enfim e capaz de quitar-se de culpas mútuas, sem o que vedada lhe ficaria a entrada no pórtico da eternidade!

Esse coração, esse conjunto de qualidades, ele o teve integral, nessa mulher diplomada com o hábito de viuvez sem símbolos, — preço —, com que também a fidalga heroína quitou-

se do seu grande débito!

— Paz ao Torrents, extensivamente a todos, eis a súplica que elevo ao Senhor, ao encerrar emocionalmente nestas linhas mal traçadas, pelo ensinamento que me proporcionou a encantadora Jerusa.

Teu ex-corde

CÉSAR GONÇALVES

Niterói, noite de 7-3-1935.

1ª PARTE NO EGITO

NOITE DE NATAL

Vagarosa e triste, impregnada do mais sutil perfume, como que sob a impressão de cânticos celestes, corria a noite de Natal, naquela região erma e sombria, despida dos atavios e faustos das cidades, mas agreste e remansoso recanto, onde pobres peregrinos dos sofrimentos terrenos se refugiavam das perseguições dos poderosos.

As toscas caravanas, puxadas por camelos de altivos cocurutos, cobertas de lona escurecida pelas intempéries, chegavam àquela região agreste, conduzindo dezenas de ciganos, que formavam um circo ambulante; ali aportando, sob o manto celeste, para o descanso da grande caminhada, através montanhas e vales. Eram eles formosos morenos de cabelos de ébano e longos cílios aveludados, que lhes davam, ao olhar vivo e ardente, a nostalgia do sonho.

Ali, refugiados, poderiam mais facilmente executar, no Cairo, o programa de trabalho.

A escuridão era profunda naqueles arredores alcantilados e de uma frescura acrídoce, onde, somente o luzeiro celeste fulgurava na abóbada infinita, como que oferecendo ao viajor cansado um refúgio às misérias da sua triste existência.

Era de ver-se os ciganos em tomo das caravanas: homens de fronte tostadas pelas ardências do calor intenso e mulheres formosas, com as tranças negras brincando sobre as morenas espáduas, com seus colares policromos e longos vestidos matizados de variegadas e alegres cores, sentadas sobre a fresca e olorosa relva, entoando suas canções ao som das castanholas.

Súbito, os sinos dos campanários mais próximos timbaram na mudez taciturna da noite, comemorando, alegremente, o Natal, ao tempo em que, de dentro de uma das barracas, escapou a nota sonora de um vagido, que ecoou na calada noite.

Acabava de nascer a criancinha que todos esperavam com anseio, no instante em que se ouvia o cantar do galo, com seu ritmo cadenciado, lá longe, nas cercanias do Cairo...

Iluminada pelo fulgor das estrelas, a linda criança, que era uma menina robusta e formosa como uma açucena, pairou de mão em mão.

Cantarolavam todos uma canção, ao som das múltiplas guitarras.

O mais velho dentre os ciganos, de barbas e cabelos grisalhos, já encanecidos pela neve dos anos e das muitas fadigas, tomou a criancinha nos braços e dirigiu-se, acompanhado de todos, para o riacho mais próximo, que serpenteava catadupas de espuma; e, banhando-a sutilmente, proferindo palavras mágicas do seu rito, deu ao delicado ser, vinda das regiões etéreas para povoar de amor o ambiente, o nome mágico de *Jerusa*, que significava “de Jerusalém”, vinda de lá... .

Depois, colocando esse precioso tesouro nos braços de seu pai, conduziu-o, entre alegres cânticos, até o acampamento.

Aguardava-a, ali, um bercinho macio, improvisado de momento, de folhagens e flores campestres — lírios e boninas olorosos, colhidos nos vales mais próximos pelos jovens ciganos.

Ali, Jerusa dormiu o primeiro sono embalada pelas brisas agrestes que brincavam nas corolas das flores, impregnando a atmosfera de um perfume inebriante.

Pela manhã formosa de primavera em flor, Jerusa recebeu os beijos ardentes de púrpura e ouro da primeira alvorada daquela existência!...

ZAIDA

De uma formosura de deusa pagã, tendo na fisionomia a expressão ardente das virgens do Oriente, seu olhar deixava transparecer a ânsia de sua alma, de vibrações de sonho. Habitada à vida nostálgica a que obedecia o caráter da sua raça, adaptara-se, também, à rigidez de idéias e à força a que obedecia a sua inflexível vontade.

Quando Zaida completou sete primaveras, perdeu sua mãe, santa mártir dos impulsos grosseiros do esposo — avarento e autoritário, na época em que a mulher era considerada uma escrava.

Sendo filha única, não podendo permanecer no lar, devido a ausência da mãe, seu pai resolveu interná-la num colégio de freiras, de onde só saiu quando completou dezoito primaveras, quadra feliz das paixões e dos sonhos ardentes, quando a vida lhe parecia sorrir de inefável ventura.

Virgem da mais púdica inocência, afastada da convivência paterna, nem de leve poderia pensar que o avarento a esperava para ligar seu destino ao de um rico negociante ambulante, enlace esse que teria seu cunho de interesse financeiro.

Surpreendeu-se, pois, quando o pai lhe declarou que a casaria, brevemente, logo que regressasse aquele que escolhera para seu noivo, como se fosse impor-se amor, especialmente na fase feliz da juventude, quando o coração só pode obedecer aos seus impulsos!

A formosa menina, relevada de uma graça irresistível, pediu, carinhosamente, a seu pai que lhe deixasse um pouco de tempo, visto que saíra do colégio sem nada conhecer da vida.

Que remédio?

Embora contrariado, o mísero avarento concedeu-lhe algum tempo, com a condição de,

nessa ocasião, tratar dos preparativos para os esponsais.

Com bastante desgosto, Zaida teve que anuir à imposição paterna, mas, no fundo dt sua alma, algo lhe segredava uma esperança, sentindo que alguém viria em seu auxílio; era a voz intuitiva de sua mãe querida, talvez, pensava a donzela...

E, nestes momentos, sua alma ficava como que extasiada ante a percepção de alguma coisa, que não conhecia.

Oh! Como evocava, anelante, a reminiscência da mãe adorada, que nunca esquecerá!
É que as mães são, sempre, boas e santas!

Jerusalém estava em festa!

O circo, como espetáculo comum da época, estava armado numa das maiores praças, onde seriam executados os mais lindos programas de trabalho, danças, cânticos, acrobacias, leitura de “buena-dicha”, etc..

Lindas ciganas, de faces morenas e rosadas, com seus vestidos rodados passavam, de um para outro lado.

Surge, enfim, na arena do circo, um formidável leão, sacudindo a juba, em atitude feroz, quando um mancebo audaz, de porte atlético, de largas espáduas requeimadas pelo sol, com a cabeleira negra e em desalinho, penetrou no recinto e chegou junto à fera, medindo a possibilidade do combate. O leão rugiu e o ousado mancebo, de uma vira-volta, subjugou o rei dos animais, entre os aplausos delirantes da multidão fremente.

Dentre esta, mãozinha aveludada acenou da arquibancada. Yános, num gesto gracioso, atirou o seu barrete aos pés da delicada dama que lhe acenara e, uma troca de olhar ardente, simbolizou toda a ternura de um sentimento de amor puro.

Quando Zaida regressou à sua casa, tudo lhe pareceu vazio ante a volúpia do seu sonho e Yános levava n’alma a mais doce, sensível e ardente paixão.

Nunca amara daquela forma! Não conhecera mãe, pai ou irmãos; criado ao léu pelos ciganos, nunca soube a sua origem e nem onde nascera. Destacara-se, dentre os companheiros de destino, pela nobreza e altivez de caráter, pela bondade peculiar do seu coração. Todos o admiravam, com a sinceridade das suas almas simples.

Yános e Zaida se comunicaram, se entenderam, porque o amor não conhece barreiras...

E, quando, em Jerusalém, se preparavam os esponsais da encantadora filha do rico negociante, também no acampamento dos ciganos, naquelas proximidades, preparava-se, de trepadeiras e flores, de madressilvas e lírios perfumosos dos vales, a câmara nupcial para receber Zaida e Yános.

As danças tinham sido iniciadas em volta da fogueira.

A noiva, radiante de voluptuosa ventura, renunciara conforto do lar paterno e, envolta nas vestes nupciais, fugira nos braços de Yános, para celebrar a união lá, na caravana.

.Assim, nas cercanias de Jerusalém, o audaz cigano, de alma boa e caráter nobre, recebia

em seus braços aquela única mulher que lhe inspirara amor!

Noite de sonhos e de emoção poética! O acampamento em festa, as flores salpicadas de orvalho, a natureza cantando...

Ao primeiro clarão da aurora, quando o sol tingia de púrpura e ouro a cripta das serranias, as caravanas partiam em demanda de outras paragens.

No rico casarão do negociante de Jerusalém, quem poderia supor o que se passara, longe, nos arredores?!

Depois de peripécias de toda a sorte, chegamos, afinal, a encontrar, novamente, Zaida e o intemerato Yános, nas imediações do Cairo, e os deixamos no momento em que depositavam, no bercinho de flores e lírios, a encantadora Jerusa.

NOTAS SOLTAS

A vida daquela gente nômade era rotineira, sem nome nem pátria, mas que conservava em seus corações a simplicidade dos deserdados.

A menina que nascera naquela noite memorável cuja vimos, nos braços do ancião, receber o seu primeiro banho na água cristalina do riacho, como para lavar as culpas das vidas antepassadas, — um rito que incutia aquela gente crer na re-íncarnação —, era considerada o talismã da caravana pela sua beleza e bondade; todos a queriam junto de si, com as suas superstições de que era “o enviado da felicidade”.

Aos três anos, já era levada às funções do circo; com seu vestidinho de baralho, seu pandeiro, dançava e a todos encantava com a sua formosura; os cachos negros rolando sobre o corpete de veludo encarnado, davam-lhe uma graça extraordinária.

O cigano de porte varonil, que empolgava os espectadores pela audácia e bravia força, percorria a arena do circo com o braço estendido para o ar e a menina sentada ou de pé na palma da sua mão; e quando terminava o espetáculo, Jerusa regressava carregada de brinquedos, doces, moedas, colares, etc..

Como seu pai a fremia de beijos e carinhos, no entusiasmo do seu imenso amor!

E a pequenina fada afagava sua fronte com as mãozinhas delicadas e macias, cobrindo-o de beijos... Adorava o papai-zinho!... Muito queria a sua mamãe, mas... com o pai era diferente, por sentir uma outra coisa que não compreendia na sua tenra idade... Também, dizia: “Sua mamãe, às vezes, era má... Negava-lhe os beijos e os doces”...

Oh! Como poderia explicar-se aquilo que Jerusa, na sua inocência, não sabia explicar?

É que o cigano, nascido e criado aos rigores da sorte cheia de aversões, aprendera a ser bom, diziam todos; ou, diremos nós: sua alma trazia, acumulado no subconsciente, grande cabedal adquirido em outras existências; agora, sujeito a uma prova, conservava intacto, o que, talvez adquirira a custo de muito sofrimento.

Zaida, impulsionada pelo momento, querendo fugir às imposições paternas, fizera a sua união com um homem que não conhecia. De espírito um tanto volúvel, não tendo um guia

seguro que lhe orientasse ou porque tivesse o Senhor traçado, o fato é que possuía, talvez, por hereditariedade ou por fraqueza, alguns dos sentimentos paternos, cujos só foram percebidos quando as circunstâncias da vida lhe chocavam com efeito.

Acostumada ao conforto, ao luxo, à grandeza, ela que nascera e fora criada sem conhecer sofrimento, nunca pensara, ao deixar o lar, que ia cavar uma vida tão rude e cheia de desconforto; já começava a cansar-se do trabalho e das privações, apesar de que o nobre Yános nunca a expusera à apreciação pública nas exposições, como acontecia às outras mulheres; velava, com verdadeira usura, pelo seu tesouro.

Mas, a formosa dama, de primorosa educação, logo se ia enfadando até dos afagos “do seu cigano”, como a princípio, lhe chamava.

Yános sentia a amargura da sua desdita, que procurava disfarçar; mas, os seus companheiros percebiam a mudança, que se ia operando na vida, outrora tão feliz, daquele casal, que parecia — uma boa fada os haver unido!

As mulheres mais velhas deitavam as cartas para descobrir, simbolicamente, o mistério que turbava aquela felicidade.

Zaida, impulsionada pelo momento, querendo fugir à im- seu esposo, para receber os beijos que a lua derramava sobre a Terra; nem, nas manhãs formosas de primavera, corria, com ele, pelas campinas, aquecendo-se à luz solar. Recolhia-se, em mutismo, pelos recantos das selvas e, sob a fronde das árvores, passava horas sem sequer pensar na linda filhinha que deixava adormecida...

Como Yános sofria! Era incalculável a amargura que afligia seu coração, tão afeito à bondade... Seu único conforto era beijar Jerusa, muito... muito... com a alma, chorando sempre, de joelhos aos pés de Zaida.

Quantas vezes ela se esquivava ao seu olhar... E ele pensava: “Oh! Como é bela e quanto fui mau em arrancá-la do conforto em que vivia, para atirá-la, impiedosamente, a esta vida errante de miséria! Sim, fui cruel, porque ela nada co* nhecia. Não tem culpa”*...

Chorava... chorava muito... E era Jerusa quem, muitas j vezes, o vinha arrancar daquele horrível pesadelo, pulando nos seus joelhos: gritando: “Papá... papá”...

Sentia-se, então, animado com os afagos da filhinha; esta o puxava pela mão, para perto da esquiva Zaida que, também chorava de remorso, ante Jerusa que, caindo-lhe nos braços;! dizia-lhe: “Mamãezinha, como és linda e como o papai te ama!] Olha, ele chora, vês? E é tão bonzinho, eu o quero tanto, ma- I mãe, não o faças chorar”...

A jovem esposa acabava enlaçando a cabeça negra de Yános umedecendo-a com lágrimas.

Nesses momentos de exaltação, ele se enchia de esperança e, felizes, aparentemente felizes, porque aqueles instantes pou- I co duravam, corriam pelos bosques... Ele saltava as moitas espessas de espinhos para colher flores e cardos, com que enchia o regaço de Zaida.

Quantas vezes coroava-a com aquelas lindas flores de dife-j rentes matizes, frescas e belas, e a conduzia, nos braços, até a barraca, como se fosse uma rainha!

Radiante de felicidade, desferindo do olhar chispas luminosas de alegria incontida, proclamava-a rainha do acampamento, rainha do Universo... E os companheiros e os jovens a saudavam, com efusão, enquanto Jerusa, contente, gritava e batia palmas!

A felicidade daqueles três seres era a felicidade daquela gente boa e primitiva, que não estava habituada às maldades viciosas dos meios corrompidos, pois que passava a vida no seio da natureza virgem, longe dos enganosos atrativos das falazes seduções.

Aqueles momentos eram passageiros e o tédio envolvia» logo o espírito de Zaida, que relembra a convivência das amigas do colégio, os galanteios dos transeuntes que por ela dirigiam, quando saía a passeios...

E, assim, fazia, às vezes, um supremo esforço para manter a serenidade e ser resignada ao destino, embora se sentisse impelida para aquelas idéias de separação e pensava: Não nasci para esta vida errante e cheia de privações⁷...

Não compreendia que a felicidade só existe na paz da consciência e, quanto se enganava a pobre criatura, agora incontentável, e seria invejada por muita dama que, tudo possuindo, não dispunha do amor impoluto de um esposo amante, das carícias de uma encantadora filhinha e da veneração de um punhado de gente simples, mas leal! Que ironia do destino!

A vida bendita daquela gente, especialmente de Yános, se tornara triste, ante o aspecto sombrio da sua rainha, ante a penumbra de mágoa, que envolvia a fronte de Zaida, a quem ninguém ousava interrogar.

Até a pequena Jerusa se tornara triste. Quantas vezes esse anjinho enlaçava o pescoço de sua mãe e segredava-lhe, baixinho, bem baixinho, palavras de tema carícia.

Pobre Zaida, pobre Yános! Suspiravam todos... Por mais que o mancebo procurasse inquirir da esposa a causa da mágoa, não lhe arrancava uma palavra, mesmo porque nem ela o sabia explicar!

E a menina, que contava seis primaveras, que era tenra como a mais bela açucena, quem dela cuidava, com desvelado carinho, quando seu pai trabalhava e sua mãe se entregava ao mutismo constante em que vivia?

Tocaremos, de passagem, neste ponto e, enquanto a caravana dorme, refazendo-se no descanso, só um ente vela, no silêncio profundo da noite, tentando descobrir algo de revelador; porém, coisa alguma fazia-a encontrar a chave do grande enigma.

A criatura, que velava com interesse pela felicidade de Yános, era uma cigana, a mais velhinha da leva, que o amara muito e a quem ele devotava gratidão e simpatia. A velha Maffra tinha suas superstições a respeito de Zaida, com esse pensamento: "Deve ser a perseguição de algum gênio mau que a quer perder" e, na sua ignorância, não podia compreender que a esposa de Yános' era uma médium inconsciente, vítima da sua volubilidade. A pobre velha via, com freqüência, na escuridão da noite, passar um vulto negro, de um lado para outro, em direção à barraca de Yános e fazia exconjurios, porque seu espírito não compreendia a noção da realidade.

Maffra benzia Jerusa, colocava no seu pescoço breves contendo talismãs e jogava sortilégios, a ver se conseguia a felicidade do casal, cuja sorte se tomava cada vez mais triste.

TRISTE ACONTECIMENTO

Assim, continuava a vida daquela gente boêmia sem outra alteração, e já ninguém comentava o infortúnio do audaz companheiro, agora entregue à sua profunda dor.

Zaida passava os dias sob a cúpula das árvores, procurando afastar-se, mais e mais, da companhia de todos.

O pobre Yános formulava mil conjeturas sobre o caso da esposa sem, entretanto, formular sequer um pensamento que a pudesse macular; considerava-a uma entidade superior e não ousava feri-la, interrogando o motivo do seu retraimento. Refletia:

“Talvez sejam-saudades da família”... Mas, como fazer-lhe pergunta dessa? E se respondesse afirmativamente?”

O seu amor, tão egoísta, lhe dizia que só a ele deveria amar... E um sentimento esquisito se apoderava dele.... Talvez, uma espécie de ciúme...

Sim, sentia, perfeitamente. Era o ciúme que o fazia sofrer mais, muito mais.

Era Jerusa quem ia, todas as tardes, em companhia da vovó Maffra, buscar a linda mamã, para regressar ao acampamento.

Todos evitavam dirigir-se a Zaida, mas conservavam por ela a mesma reverência. O seu retraimento, tão cruel para Yános, fazia-o evitá-la. Conversavam pouco, e se distanciavam, cada vez mais, um do outro...

Só a velha cigana não se conformava com a desventura do seu querido filho... Referia-se a Yános. Era como se fosse seu filho! Falaria com Zaida, indagar-lhe-ia do assunto que a todos afligia e que toldava a felicidade daquela gente boa e alegre.

À tarde, dirigiu-se à árvore, onde Zaida costumava armar a sua rede e onde passava os dias.

Adormecera. Sentando-se ao lado do tronco, esperou o seu despertar. Súbito, ouviu um rumor, que se aproximava mais e mais... Alguma coisa de extraordinário se iria acontecer, ela o sentia. Aplicou a máxima atenção. O ruído se tornava mais nítido... E, conservando-se no maior silêncio, ocultou-se sob uma densa moita de rosmaninhos.

Um vulto de homem, de tez negra, chegou junto à rede, onde Zaida dormia e derramou-lhe nos lábios, entreabertos pelo sono, algumas gotas de um líquido esverdeado, por ela absorvido, insensivelmente.

E, com uma risada alvar, desapareceu, embrenhando-se na solidão da selva...

Maffra estremeceu e um frio convulsivo percorreu-lhe as veias.

Enquanto tudo se passara, despertou Zaida que, talvez, sonhava coisas ilusórias e desconhecidas. Tomandò-lhe, maternalmente, a mão, partiram juntas em direção às barracas.

Chegara o momento por que tanto ansiara. Abordaria o assunto que tanto a afligia.

Faria uma interrogação, pela primeira vez, à sua rainha para ver se lhe arrancava uma palavra, ao menos... E, quem sabe, essa simples palavra, uma pequena frase, viria tranqüilizar a todos, atenuar o sofrimento de seu Yános?

Assim, do pensamento à ação, foi obra de um instante.

Com a voz comovida e terna, repassada de amor, disse-lhe:

— Zaida, pareces doente, de certo tempo para cá; sofres alguma coisa? Fala, minha filha, como se falasse à tua mãe: por que vives tão triste? Acaso não mais amas Jerusa, tua encantadora filhinha? E Yános, teu nobre esposo, que tanto te adora? Fala, querida...

Zaida estremeceu e, com o olhar onde se lia grande inquietação, fitou a boa velhinha.

— Fala — disse Maffra —, que nada direi do teu segredo; fala, que a tua mão me diz que tua vida encerra um grande enigma. Fala...

A cigana pronunciou estas últimas palavras com tal acento imperioso que a moça, segurando as mãos descamadas da velhinha, disse, nervosamente, em sons entrecortados:

— Cale-se, tenho medo!

Maffra repetiu a mesma imperiosa ordem:

— Fala, fala!...

E Zaida, com a voz trêmula, pôde balbuciar:

— O preto! Oh! O preto! Que medo tenho dele!

— Que tem o preto, filha? Por que esse pavor? Inquiriu a cigana, com os membros enrijados de horror, ao recordar a figura satânica do negro.

— Fala depressa, Zaida. Fala!

— O preto me disse que devo obedecê-lo em tudo, fazer tudo o que me manda, pois do contrário, me matará... Falou, ainda, para não revelar esse segredo a ninguém pois ele acompanha todos os meus passos e pode me matar... Que não devo amar nem Jerusa, nem Yános, nem a ninguém... Somente a ele devo querer... Levar-me-á para um palácio encantado, onde serei rainha, cheia de riquezas e glórias... Que Yános não mais me ama e pertence à outra mulher, cigana e mais bonita que eu... E, disse ainda, que Jerusa não deve ser por mim amada, porque é filha dele!

Terminando, a pobre criatura fitou a boa velhinha, com o medo de lhe haver revelado o terrível segredo e, escapando-lhe das mãos, desandou a correr em direção à barraca.

— Pobre Zaida — suspirou a boa velhinha. — Como livrá-la do terrível inimigo que a persegue com tanta maldade. Ah! Ainda que tenha de perder a vida, salvarei esta infeliz e livrarei o querido filho deste imenso desgosto que tanto o acabrunha!

Enquanto tal se passava, Yános, já há muitos dias, não ia à função do circo, trabalhando no acampamento, em consertos de objetos de cobre e outros artefatos, pois não tinha coragem de se afastar, de perto, da criança adorada e, também, por que não confessá-lo, daquele ente de quem tão pouco se aproximava e que o fazia sofrer?

E pensava:

“Quem poderá vir em meu auxílio, nesta situação tão dolorosa?”

Sabemos que este infeliz, assim, clamava como se achasse num deserto, pois que nem fé podia nutrir esse ente, sem Deus, sem pátria e sem família!

REVELAÇÃO

Achava-se Jerusa brincando, perto do seu querido papai, que trabalhava sentado junto à barraca — a sua tendazinha —, quando a velha Maffra, se aproximando de Yános, pediu-lhe para falar-lhe, reservadamente. Precisava fazer-lhe uma revelação ... O cigano, entre surpreso e assustado, quase não ousou aceitar a proposta; temia que essa revelação lhe fosse roubar a última esperança... Mas, tais eram a dedicação e confiança que sentia pela boa Maffra, não recusou o convite que ela lhe fazia para que a acompanhasse. E, juntos, seguiram até um lugar solitário, e se sentaram, tendo deixado a linda Jerusa, brincando, muito alegre, na ingênua despreocupação da sua idade.

Maffra lhe contou, sem comentários, o que havia presenciado, na tarde anterior, e tudo o que Zaida lhe confiara.

Após a narrativa, durante a qual o seu semblante se transmudava, Yános permaneceu quieto, imóvel, ante a monstruosidade do que ouvira; a sua fronte altiva contraída, fisionomia abatida, num estado em que a boa velhinha notou os profundos sulcos que se viam naquele rosto tão jovem e, agora, mais e mais se acentuavam, como vestígio da tormenta, a qual lhe desencadeara n'alma.

— Estarei contigo, filho; quero ajudar-te a vencer!

Era, justamente, a hora do crepúsculo de ouro e púrpura, colorindo, das mais belas nuances, as montanhas e vales do Oriente.

Dirigiram-se, ambos, cautelosos, para junto da grande árvore, abrigo confidencial da infeliz Zaida.

Esta dormia aquele sono de sonâmbula, que substituíra as noites, pois passava em constante vigília; notavam-se as rugas já acentuadas nos seus grandes e formosos olhos, amortecidos pelo sofrimento íntimo, pela mágoa intensa, não exprimindo, pela dúvida mordaz que a atormentava.

Achava-se entregue aos sonhos vários da sua fraqueza de alma ou, talvez, arrastada por uma força irresistível, a que não ousava furtar-se...

Os dois entes, portadores, em parte, do segredo daquela vida, resguardaram-se entre as moitas agrestes, as quais se enroscavam em laços verdes de serpentes delgadas, de cujos bordos brotavam espinhos e flores. Assim permaneceram algum tempo.

Súbito, a velha se contraiu num gesto brusco de medo e, com a mão gelada, segurou a mão de Yános, dizendo-lhe:

— Olha, lá está ele... o horrendo negro... de dentes alvos- e olhar feroz... Olha! Vai derramar o líquido verde nos lábios dela!

Um novo estremecimento convulso agitou a velha, ao mesmo tempo em que Zaida, estremecendo, desferiu um profundo suspiro.

Yános nada compreendia do que se passava e julgou, de momento, que a sua protetora também era vítima de algum gênio mau. Como compreender se ele nada via? Nada!

Sem procurar entrar em entendimento com a velha cigana, deixou-a semi-aterrada e exangue e correu para a esposa querida; esta ergueu as pálpebras arroxeadas, como se despertasse de um sonho horrível; semiconsciente como estava, pareceu-lhe que o esposo vinha em seu auxílio.

Enlaçou-lhe o pescoço com as mãos enlanguescidas de momentânea ternura, e quando ia acolher o beijo ardente que Yános lhe imprimiu na fronte, recuou, com os olhos fulgurantes de estranho brilho. Acabava de ver o negro, impávido, a seu lado, sorrindo-lhe, como o fazia sempre.

Maffra, conservando-se à distância, entregue, ainda, à vertigem do espanto, viu, novamente, a mesma figura maléfica e o gesto terrível que fazia à Zaida; percebeu esta afastar, com as mãos hirtas, a cabeça de Yános sobre o seu seio.

E o cigano nada via.

Contemplou a esposa por alguns instantes. Que fazer? Tomá-la-ia nos braços e fugiria dali... iria para longe... para fugir à perseguição terrível de que lhe falara a boa Maffra!

Antes que ele pudesse fazê-lo, Zaida desatou a correr, como se o fantasma de medo a perseguisse.

Yános tomou a velhinha nos braços e conduziu-a à barraca, pois desejava uma explicação de tudo aquilo. E mais surpreendido ficou, quando ela, já reanimada, lhe revelou que o negro também a ameaçara de morte, se tentasse contrariá-lo.

Mas, que negro era esse que ele não vira? Estivera a seu lado e não o percebera?

— Não importa morrer — murmurou a boníssima cigana —, importa salvar o teu amor, meu filho. Tomarei conta da minha pequena e tu procurarás arrancar de Zaida o terrível segredo, pois, talvez, falando-lhe que tudo sabes, ela se traia como o fez a mim.

— Enlouqueces, pobre mãe, tu, que foste sempre tão boa e carinhosa, achas ou podes crer que minha esposa me oculte um segredo? Não! Yános morreria antes que acreditasse que isto seja a verdade! Zaida sofre com a falta de conforto e a saudade que tem...

— Não, filho! Lá a “buena-dicha” de Zaida e sei que um mau gênio a persegue. Coragem, meu querido, coragem!

Pairou um silêncio entre os dois, entre aqueles corações tão cheios de amor...

Yános seguiu cabisbaixo e meditativo para junto de Jerusa que, ao vê-lo, saltou-lhe ao pescoço gritando:

— Papai! Papai! Quem é esse homem preto, tão feio, que o acompanhava e que se afastou ao ver-me?

O cigano pensou que ia enlouquecer e, pela primeira vez, deixou sem resposta uma

pergunta daquele ente adorado.

O que lhe poderia dizer?

Jerusa, vendo a sua atitude e, trêmula de medo, pôde, apesar da sua inocência infantil, ter a compreensão de que não deveria insistir.

Para que, pensou, aborrecer o seu querido papaizinho?

Sim, percebera que ele não gostara da sua pergunta e, assim, não mais falaria nisso Não queria vê-lo triste... Deveria esquecer o que vira.

E calou-se.

O PASSADO

Lá ao longe, bem longe, existia o passado a acenar-lhes cheio das peripécias mais dolorosas, cheio de crimes pungentes que a ignorância daquela gente não podia compreender e, somente a lei bendita da reencamação nos põe ao par de tantas maravilhas, despercebidas pelos ciganos rústicos de índole primitiva.

Era, pois, o passado que bradava por justiça!

Eis a causa de muitos sofrimentos que, nem sempre, sabemos explicar.

Como, sendo o jovem cigano tão bom e não sendo Zaida má, assim sofriam tanto?

Vamos conduzir o leitor amigo, por algum tempo, através a Síria e o continente africano.

Foi em outra fase da existência, quando Zaida se chamou *Ailá*, que acompanhou seu esposo, negociante de escravos, até a África Meridional, onde fora comprá-los para o tráfico das índias.

Adquiriu o avaro negociante uma leva de pobres criaturas, já desprezadas pela cor e pela sua rude conduta: pobres pretos, sem noção da vida e infelizes escravos, entregues à mais cruel ignorância, habitantes daquela região semi-selvagem.

Assim, a troco de objetos dos mais insignificantes, levaria consigo essas criaturas, que seriam vendidas e tratadas como animais, posto que, destes só se diferenciavam na forma.

Ailá não tomava parte no que tocava àquela pobre gente abandonada aos rigores do infortúnio; era indiferente a que sofressem ou não.

O mesmo não acontecia com o negociante, cruel como era, fazia castigar por qualquer coisa, impiedosamente, os pobres escravos indefesos, pois que, aquela, que poderia ser o anjo tutelar dos pobres infelizes, minorando-lhes os sofrimentos com a bondade e a caridade peculiares à mulher, mantinha-se impassível aos rogos que, de joelhos a seus pés, lhe fazia aquela pobre gente.

Quanta torpeza de sentimentos e quanta falha no cumprimento da lei, que aqueles povos semi-bárbaros não procuravam compreender! Seus sentimentos, primitivos e grosseiros, faziam com o que o homem visasse, apenas, a fortuna, a mulher e o bem estar... E, assim, não cogitavam da infelicidade alheia, mormente, dos escravos, tratados com terrível crueldade.

Dias depois, haviam aportado à Índia, onde existiam, naquela época longínqua, as feiras

de escravos, os quais eram arrematados por quantia insignificante, mas que, representava algum valor, naquele tempo.

Entre os escravos de Ailá, contava-se um casal de jovens pretos que se queriam muito, visto que o amor sempre existiu em todas as classes. Á crioula, bonita e forte, foi vendida a um outro negociante, egípcio, e o rapaz preto, privado de quem era tudo para ele na vida — a sua riqueza —, se lembrou que, se pedisse, implorasse, mesmo, à sua senhora, ela se compadeceria dele. E assim fez.

Mas, tudo foi baldado...

Pediu-lhe que apiedasse dele, de não o separar daquela que era toda a sua vida, que ele se sujeitaria a tudo o que ela quisesse, desde que lhe devolvesse o seu tesouro.

Ailá permanecia indiferente a tudo e o seu coração, que deveria abrigar só bondade, continuou inacessível aos rogos, às exclamações de desespero daquele infeliz escravo.

E tudo dependia dela; de uma sua ordem viria a felicidade para aquele coração amante, mas da sua impassibilidade criou o desespero e o ódio para a alma do escravo!

Assim, este escravo, exausto de rogar aos pés de Ailá, ante a sua indiferença, proferiu uma blasfêmia, rugiu uma vingança e desapareceu da leva, indo atirar-se a um horrível poço de matérias putrefatas, onde teve a mais cruel das mortes.

Eis, o porque da aparição que Maffra e também a pequena i Jerusa viram e a qual atuava de forma terrível sobre Zaida, que, j como sempre, foi indiferente ao sofrimento alheio, e, agora sem' forças, não encontrou meios de reagir contra a terrível obses* são de vingança, que dela queriam tirar.

Aquele infeliz, a quem outrora tanto sofrimento, tanto martírio poderia ter evitado, acompanhava-a, exercendo grande fascinação sobre o seu ser, clamando vingança; desejando, enfim, que ela sofresse como ele, há tempos atrás. Fora, pois, a sua falta de caridade que dera causa à tortura de agora!

E bem poucos compreendem a lei de justiça.

O infeliz espírito de Mongo, o pobre preto, na rudez de sua consciência, não tivera forças para resistir à dura prova da separação cruel da sua preta adorada (os rudes e humildes também sabem adorar...); era, pois, quem, com a sua influência funesta, arruinava a felicidade daquele bando de ciganos, gente simples e sincera e que sofria pela angústia de Yános.

Este não tinha expiação a cumprir nessa fase dolorosa da atuação espiritual de Mongo sobre Zaida, mas uma missão de amor e defesa junto àquela a quem tanto amava e que tão pouco progredira nas diferentes escalas da vida!

Que reminiscências longínquas e dolorosas povoavam a mente do jovem cigano, confusa naqueles momentos de angústia!

Parecia que se recordava, vagamente, de algum fato que não era capaz de coordenar.

Quanto mistério encerrava a vida daquele homem de sentimentos tão nobres, apesar da sua rudez! Como sofria aquela alma, capaz de todos os sacrifícios! Ah! Se todos pudessem

compreender o porque das coisas!

Yános era um desses seres abnegados, mas ignorante ainda e colocado aí, no meio de ciganos, onde pedira para desenvolver-se a sua missão.

Eis que, em maior parte, nos parece uma ironia do destino, no entanto é a realidade da sábia Lei Divina, cuja para muitos parece: escrever o direito por linhas tortas...

Jerusa — o anjo da consolação — era quem vinha despertar o cigano do torpor da sua meditação e Zaida da sua permanente abstração. Ela os enlaçava, cobria-os de beijos ardentes de amor e, muitas vezes, os fazia chorar de emoção.

Mas, a figura hostil e ameaçadora do preto, logo turbava a visão de Zaida. Suas faces, de lindas e rosadas, se tomavam pálidas e sulcadas.

E eram as noites de vigília angustiada que mais a enfraqueciam, pois todos já percebiam, especialmente a velha Maffra, que uma tosse seca, às vezes, lhe provocava espasmos.

— Pobre Zaida — suspirava a velha cigana —, bem pouco viverás, talvez... diz-me a “buena-dicha”... E chorava, em silêncio, por compreender aquela situação e quem melhor pressentia a dor que, brevemente, viria aniquilar, por completo, a felicidade de Yános.

OCORRÊNCIAS DOLOROSAS

Decorria a vida monótona e cheia de preocupações para o bando de ciganos, que, depois de muito viajar, percorrendo todas as feiras, oferecendo seus espetáculos exibitórios, haviam estacionado nos arredores do Cairo. Aí construíram pequenas barracas que formavam o acampamento, e trabalhavam em consertos de artefatos de cobre e bronze. Desse modo, as mulheres e crianças viviam, agora, despreocupadas dos rigores das grandes jornadas de outros tempos.

É que, depois do casamento de Yános, viram que as grandes digressões não eram próprias à esposa de seu chefe, delicada e habituada a outra forma de vida, de conforto e bem estar.

Desde o nascimento de Jerusa, haviam reunido, sugestionando-se, entre todos, a formar uma força, que pudesse prodigalizar, à sua rainha e à sua princesinha, a maior soma de conforto possível à condição de vida.

Foi com grande prazer que Yános aceitou o que lhe propuseram os companheiros e, enquanto os dias se sucediam, trabalhava ao lado da esposa e do seu talismã — a Jerusa; e, à noite, ia ao circo permanente, onde, agora, já era notada a sua tristeza.

Dentre em pouco, passou a rarear as suas exibições, até que deixou, por completo, de freqüentar o circo, onde se havia arraigado desde a sua infância.

Os ciganos tudo faziam para que nada faltasse à Zaida e à sua filhinha, mas apesar de tudo, a situação da primeira agravava os pressentimentos de todos, pois, continuava a manter a mesma atitude taciturna.

Uma noite, Yános, ao se aproximar dela, viu-a semi-morta, com os olhos cerrados e, de sua boca entreaberta saíam gotas de sangue. Louco de dor tomou-a nos braços, meio

inconsciente, quando o estrídulo de uma gargalhada infernal o arrancou da sua loucura. Acabara de ver deslizar-se perto de si e de Zaida a figura sinistra de que tantas vezes lhe falara sua boa mãe de criação e de quem a Jerusa já havia visto.

Atirando o corpo da esposa sobre o leito, no mesmo instante em que esta voltava a si da síncope causada pela hemoptise, saiu correndo, como um alucinado, atrás do espectro, que lhe roubara a felicidade. Jerusa, despertando, nesse momento, acompanhou o pai, detendo-o aos gritos assustados que desferia; fê-lo parar e retomar o lado de Zaida, que arquejava ainda, debilmente.

— Zaida! Zaida! — disse Yános, caindo de joelhos, junto ao leito da esposa quase moribunda. — Zaida! — repetiu pela terceira vez, entre soluços. — Perdoa-me, Zaida querida, se fui a causa do teu sofrer, mas o amor é louco, Zaida, e amo-te loucamente! Perdoa-me!

“Vais morrer; morreréi também, pois não poderei suportar a vida sem ti! Não mais te ver... nunca mais... Que tortura!! Quero vingar-me de quem te fez mal, Zaida; quero perseguir, até o fim, esse negro miserável que te roubou a alegria, que roubou a felicidade!...”

Nesse momento Zaida se reanimou e, acariciando a fronte escaldante de Yános, disse-lhe:

— Perdoa, porque a falta foi minha e não tua. Agora, já lhe posso falar assim, pois vejo um quadro longínquo, e não compreendo muito bem. Mas sei que é real. Sim, efetivamente, ele se vai tornando cada vez mais nítido... Já percebo... E que.. !Vejo cada vez melhor... Vou contar-te, vejo-me junto a um homem, a quem estou ligada e que se parece com meu pai, viajando em longa excursão; vejo, ainda, uma leva de pretos, martirizados, e um que se arroja a meus pés, pedindo piedade e eu lhe volto as costas, impassível e indiferente aos seus lamentos. Ainda mais... que coisa horrível... levam-lhe a noiva... uma linda crioula e ele, louco de dor, ruge uma praga... uma vingança...

“Ah! Tenho medo, Yános, tenho medo! Socorre-me, querido posto que, bem tarde, reconheço o teu valor e o quanto errei. Acreditei serem verdadeiras as ameaças que me fazia o negro < não tive forças para o repelir... obedeci-o cavando, assim, í nossa desgraça, Yános!

“Dizia que não me amavas, que pertencias a uma mulher da tua raça, mais formosa do que eu... e acreditei. E tarde, meu amigo! Esqueci-me do Deus a que me ensinaram a amar e que devia ter feito teu conhecido, teu amigo, muito teu amigo! Tens, para o teu consolo, esse anjo a quem desprezei... Nada fiz de bom, de útil; nada possuo, fui sempre indiferente à dor alheia. Como pode Deus se compadecer de mim?”

O infeliz cigano conservava as mãos enlaçadas às da moribunda, que pressentia os últimos lampejos da vida, se extinguindo aos poucos.

— Jerusa — disse Zaida soluçante —, o Deus bondoso, que te fez tão boa, não te deixará de premiar, pois vejo-te na figura de um anjo de asas brancas e cheio de luz. Vou partir! A Deus compete o meu destino! Não odeio este infeliz preto, de quem, outrora, não tive compaixão. Tudo se esclarece, agora, para mim. Fui orgulhosa e má, não me apiedei dos

infelizes escravos que se prosternavam, súplices, aos meus pés... Nunca fiz um benefício, vivi somente para o meu bem estar.

“Vês, Yános, como sou culpada? Perdoa-me e vela por Jerusa, que não a terás por muito tempo, posto que as grandes almas não podem viver na Terra e sim nos céus. E ela veio aqui para te consolar... Adeus!”

Deixou pender a fronte, que o desditoso Yános premia de beijos e molhou de ardente pranto, nada compreendendo daquilo que a esposa lhe revelara, nos últimos instantes.

A velha Maffra rezava exconjurios, acorçada a um canto, a meiga Jerusa agarrada a seu pai, o cobria de beijos, soluçando. ..

A madrugada acabava de romper, com seu clarão de fogo, tingindo as montanhas e vales e já os rústicos ciganos sobraçavam flores silvestres, com que as jovens cobriam o ataúde de Zaida.

Como estava formosa, no seu último sono, a deusa de Yános, coberta de perfumosas boninas, lindos lírios e açucenas!

A cabana de Yános se transformara em um nimbo: Zaida estava amortalhada de flores. Suas faces marmóreas deixavam transparecer uma expressão de dor; os cabelos negros formavam um manto de veludo e cetim sobre o seu peito.

— Falou-me de Deus — disse Yános —, apertando a filhinha contra o seio —, minha mãe também me falou de Deus às vezes, e até na hora de sua morte... Se Deus existe e é bom, como me roubou a felicidade, a mim, que nunca fiz mal a ninguém? Não tive pai, mal conheci minha mãe; perdi a felicidade e, com ela, morte me leva a esposa adorada e até a filhinha me vão levar!... O que será de mim?

E só Jerusa sabia consolá-lo, com a sua ternura angelical, em seus momentos de desespero. Que pena tinha do seu pai- zinho, tão sofredor!...

A noite, quando a lua espalhou a luz prateada sobre as cabanas da caravana, os pobres ciganos entoavam uma canção dolente, e no coração do abnegado Yános brotava uma dorida saudade daquela que amara, com um verdadeiro amor, simples, mas divino!

Para ele tudo se acabara; só Jerusa o prendia à vida, mas ela também iria deixá-lo e ele não poderia mais viver! ^

ALGUM TEMPO MAIS TARDE

Quem seria aquela menina, de rara beleza, parecendo contar a idade de uma esbelta acácia que florira quatorze vezes nas selvas, emprestando ao verde da mata o ouro de suas flores?

Era Jerusa, a filha do cigano Yános, que a todos encantava com a sua formosura e seus gestos graciosos, qual deusa da graça.

Tudo se normalizara, mais ou menos, na vida dos ciganos, que voltaram novamente aos labores do circo, enquanto a boa Maffra velava pelo seu anjo — Jerusa.

Todas as manhãs, pai e filha corriam aos vergeis, colhendo frutos e flores agrestes, que a pequena levava, ao regaço, para os banquetes da caravana; ela mesma as enfeitava, com mãos de fada, de flores e ramos de palmeiras e cipós perfumosos.

Yános recordava, com saudade, a morta idolatrada. Uma noite, de esplêndido luar, dormiam todos no acampamento, quando começou a evocar a companheira querida, a lembrança de Zaida. Súbito, uma figura se apresentou à sua frente, envolta em roupagem, para ele estranha, aproximando-se pousou a mão sobre o seu ombro e, soluçando, disse-lhe:

— Sofro, Yános, a morte não me libertou do terrível inimigo que me persegue e do qual só tu me poderás livrar, se Deus o permitir.

Reconheceu a voz da esposa adorada e, estupefato, sem nada compreender, correu para junto de Jerusa. Ao chegar à casa, maior foi o seu desespero ao ver a filha adorada desmaiada no colo da Maffra, que, ao vê-lo, exclamou cheia de emoção:

— Filho, o negro, o negro!

A mesma gargalhada se fez ouvir, quebrando o silêncio da noite, enquanto Jerusa, desmaiada, dizia-lhe:

— Yános, Deus, que nos criou a todos e que fez esta natureza tão bela, quer que todas as criaturas — seus filhos — vivam e se amem. Este preto é também filho de Deus e, portanto, teu irmão; tem piedade dele, filho, dá-lhe um pouco do teu amor para que ele possa ser feliz, pois tem recebido só desprezo e ódio...

“Como poderá ele amar a quem só tem devotado indiferença e desprezo? Ele é ignorante, mas soube amar muito, demasiadamente, e desse louco amor nasceu a sua revolta. Perdoa-lhe, Yános, e pede a Deus que o perdoe também porque é seu filho; mas é um infeliz, por ignorar a grande Lei.

Pede a Deus por ele, Yános, para que ele se modifique, a fim de perdoar, também, a grande falta de caridade que cometi.

Conhecendo Deus, nunca procurei colocar-te ao par da verdade bendita; nunca pratiquei a maior das virtudes que é a caridade; não aproveitei as oportunidades que tive, de fazer o bem; eis porque sofro tanto e que nada é diante do que fiz sofrer a este pobre ser!

Deus é a suprema justiça!

Somente agora começo a penetrar a Grande Verdade e preciso do teu auxílio para reabilitar-me. Auxiliemo-nos, mutuamente, amigo, já que não podemos aproveitar a fase da vida material, em que nos ligamos, para nosso aperfeiçoamento. I Falar-te-ei de Deus e tu me ajudarás na prática do bem, sendo Jerusa o instrumento, entre nós, para esse mister.”

O espírito de Zaida partiu e Jerusa entreabriu os olhos.] Rápido, um estremecimento mais forte, convulso, a tomou de j assombrosa palidez e, cerrando os olhos, começou a falar:

— Hei de vingar-me! Hei de vingar-me!

A sua voz, de maviosa e terna se transmutara em imperiosa e forte. E continuou:

— Foi impiedosa, não atendeu às minhas súplicas; fez de mim um desgraçado, deixando

vender, vil e covardemente, mi- I nha noiva, minha *Rufia* adorada, que era a minha vida!

“Por isso, fiz dela uma desgraçada, porque também o sou, I pois que sofro atrocemente.

Coloquei, nos seus lábios, o veneno mortífero que corroe o peito, que se transformou em uma caverna e, agora, estou vin- . gado!”

—Deus te perdoe — exclamou Yános apavorado —, Deus te perdoe!

O rapaz se conservou genuflexo e Jerusa estremeceu novamente, voltando a si, como se despertasse de um sonho horrível.

Os três entes, tão unidos eram pelo coração, se conservaram mudos, após a cena descrita, até que a menina quebrou o silêncio:

— Papaizinho, eu tive um sonho tão esquisito! Era lindo porque vi mamãe, falei-lhe e ela me falou, mas... vi, depois, o negro de dentes alvos chorando... e eu tive tanta pena dele, papaizinho, por ele ser tão infeliz... Vi, ainda, aproximar-se uma criatura muito bonita, cheia de luz, segurando a mão de mamãe e a do negro, e fez com que se aproximassem e ouvi uma voz, tão meiga, que dizia: “Perdoem-se para que Deus os perdoe.” Depois, a figura se afastou, conduzindo-os consigo... e eu acordei.

Yános e Maffra ouviam, perplexos, o que Jerusa lhes acabava de revelar e a boa velhinha disse:

—Sim, Yános, eu ouvi, outrora, falar de Deus e de Jesus e também das almas dos mortos. E é isto que está sucedendo: Deus permitiu que Zaida e Mongo se encontrassem, agora, para se perdoarem e, assim, receberem o seu perdão.

i Quando Maffra terminou, Jerusa empalideceu e novo estremecimento a sacudiu, ao tempo em que seu pai a segurou nos braços.

—Graças a Deus — balbuciou Jerusa —, estou pronto para cumprir a sua vontade. Voltarei à Terra, serei um sábio na ciência de curar, especializando-em em curar o mal do qual fiz uma vítima, na minha obra de vingança. Ser-me-á concedido um importante segredo e que, com esforço e trabalho, adquirirei as possibilidades para curar esta terrível moléstia, que cor- roe o peito, ceifando vidas, no verdor da juventude. Serei um médico de grande renome, mas deverei tomar cuidado com o orgulho, porque ainda sou imperfeito e preciso ser muito humilde. E uma grande lição que estou recebendo!

“Quero amar-te muito, meu amigo, a fim de resgatar o que te fiz sofrer, vingando-me da tua adorada esposa”.

Jerusa despertara.

Raiava a aurora, num colorido de fogo, e a passarada, alegre, parecia chilrear uma alélua, em regozijo à grande felicidade que acabava de envolver os principais personagens desse relato.

O DESTINO

Mal compreendiam as criaturas simples e humildes, de quem nos ocupamos, que, estava

o fim daquela etkpa e, brevemente, novas dores viriam torturar, ainda, seus pobres corações!

Em conseqüência dos grandes abalos, a boa vovó Maffra adoeceu devido o enfraquecimento do seu boníssimo coração; grande foi a surpresa de Jerusa e de seu pai, quando, uma noite, ao regressarem do circo, a encontraram estendida no leito, as mãos cruzadas sobre o peito rijo e que tanto arfara por eles, dormindo o sono do justo, posto que, sempre praticara o bem.

Breve foi esse sono porque despertou, logo, do outro lado da vida.

Ao lado da sepultura de Zaida, mais uma campa foi aberta, para abrigar o corpo da humilde velhinha, que ia receber a recompensa a que fazem jus as almas boas e simples.

ISOLAMENTO

Não foi com grande dificuldade que pai e filha se submeteram à falta daquela que os amparava e aconselhava nos momentos de dores e lutas.

Depois de alguns dias de isolamento e saudade, Yános se aparentava um velho: os cabelos, em breve, encanecidos; a tez desenhada de sulcos, oriundos das grandes vigílias e reflexos do desespero que lhe ia n'alma, o olhar vago e repassado de tristeza.

E era essa tristeza que o acompanhava, ficando absorto em pensamentos, horas e horas, alheio a tudo.

Uma tarde, quando se achava pensativo, Jerusa, com uma série de agrados e carinhos, o fez sair desse torpor e disse-lhe:

— Meu pai, quero ir, hoje, à função; quero trabalhar contigo, nas tuas lides de arena. Estou moça e gostaria de ajudar-te a ganhar a vida, para podermos realizar alguma coisa de útil a Deus e aos que sofrem, conforme me falava, tantas vezes, a vovó Maffra.

Yános lhe fazia todas as vontades, mas essa... era impossível! Sabia quão ingrato era esse trabalho, para a adorada filha; sabia a quantas coisas ela teria de se sujeitar; ainda mais teria que sofrer muito... Sim, ele o sabia de tudo isto, ele, que empregara toda a sua vida nessas exposições circenses! Não! Não consentiria! Não podia admitir a sua filha exposta às exposições públicas e aos olhos sedutores do mundo, que ele tão bem conhecia e, por isso mesmo, detestava!

Carinhosamente recusou a proposta da encantadora fada e, enlaçando-a nos braços e cobrindo-a de beijos, prometeu levá-la consigo, mas não para trabalhar.

O que Jerusa queria era, justamente, distrair seu pai, pois sentia que a sua alma estava combatida, assim como seu corpo definhava, aos poucos, envelhecendo precocemente.

Depois de tantos dias de isolamento, o cigano e a filha se dirigiram ao circo; ela se achava riosamente bela, tendo a fronte cingida por uma grinalda de flores campestres, trazendo rico vestuário dos dias de festa, vestes usadas pelas rainhas daquela época.

Ao deixarem a barraca, onde tanta felicidade encontrara outrora, e onde, agora, era tão infeliz, Yános contemplava, embevecido, a linda figurinha — como estava bela a Jerusa

querida!

E uma sombra de profunda amargura o envolvia, sem que soubesse porque, adivinhando, talvez, que alguma coisa triste iria acontecer...

Logo depois, falando com Jerusa, ante a sua meiguice e o encanto, tudo desaparecia: estava disposto para a luta da vida, desejoso de vencer todas as vicissitudes, para que ela também fosse vitoriosa.

Era Jerusa a razão do seu viver, o único tesouro que o prendia ao mundo, a vida da sua vida!

TERMO DE JORNADA

O circo estava nos seus grandes dias. Enfeitado de bandeirolas e luzes, erguia-se majestoso, anunciando grande alegria para aquela noite: a volta de Yános, o cigano, que a todos dominava: as feras, com seus músculos de aço e ao público, às vezes, tão implacável e insatisfeito, mas que se achava sempre em atitude de adoração a ele — o principal artista.

O público aguardava ansioso a hora de reverem o seu ídolo, de aplaudirem as suas proezas. E era o alvo de todas as conversações, o assunto em todos os grupos, dividindo as opiniões. Alguns diziam:

— Não será o mesmo; afastado há algum tempo, sofreu abalos morais muito fortes e isso é o bastante para reduzir as suas possibilidades... Não será o dominador da arena, como o era...

E outros:

— Voltará como nunca; atuará como jamais atuou; é verdade que teve abatimentos sérios, mas a sua grande força, em repouso alguns tempos, há de se manifestar em toda a sua pujança! Havemos de ver... É um ídolo em plena ascensão!

Assim ocorriam os comentários, aqui e ali, ao longo das arquibancadas, por entre a multidão, ansiosa, que esperava o início da função.

A alegria era geral: as senhoras, com seus vestidos de gala, ostentavam a sua elegância; as crianças pulavam, riam, comentando os palhaços e os senhores, mais recatados, aguardavam aquela exibição, a qual os faria esquecer as lutas da vida e, também, distrairia os seus netos queridos.

Entre o esplendor das luzes que iluminavam a grande arena, surgiu Yános, trazendo, pelo braço, a linda Jerusa!

A multidão prorrompeu em aplausos, e ambos, comovidos, agradeciam; e, sob uma salva de palmas, atravessaram o circo; Yános deixou a filha perto das arquibancadas, lugar por ela escolhido, de onde não lhe perderia um só gesto.

As campainhas soaram, anunciando o começar da festa; serviçais caminhavam, de um lado para outro, em grande agitação, própria desses espetáculos.

A multidão estava silenciosa, desejosa de nada perder nem um gesto dos artistas, que, já

agora, desfilavam no interior do circo, em cumprimento ao público.

Iniciou-se o espetáculo.

Os números eram aplaudidos, alguns bisados; mas, para um observador atento notaria que o público não estava satisfeito, havia um certa agitação, uma certa impaciência: era o anseio de rever o empenho de Yános, aplaudi-lo freneticamente, gritar o seu nome em delírio...

Rápido, Yános pisou o solo da arena. A multidão o festejou, loucamente. E ele agradecia, enternecido.

Jerusa exultava de alegria; seu coração pulsava de um modo estranho, por ver o seu papaizinho, tão querido por todos!

E pensava:

“Ele precisava disso, desse estímulo, de ver que todos o querem, para que continue a ser o mesmo que era; agora ele não ficará mais triste, terá sempre essa distração. Como vai ser bom! Será tão alegre a nossa barraca, outra vez! Eu bem dizia..

Não perdia um só movimento do pai.

“O que ele fará? Lutar com um leão, no centro da arena? Entrar na jaula dos leões bravios e dominá-los!”

Esquecera de perguntar-lhe... Que pena! Mas, breve, veria qual a sua façanha dessa noite e, ao chegarem os dois, juntos, à sua barraca, ela daria muitos beijos, lhe faria festas, pelo seu brilhante desempenho.

E ele voltaria à função no dia seguinte, no outro... e sempre. .. Retomariam a ser alegres e felizes; ela, assim, o queria... e havia de consegui-lo.

Por que não, se o seu desejo era o mais justo, o mais plausível — ver o pai querido sempre alegre?!

Todavia, a sua agudeza de espírito e de inteligência, ou, talvez, o grande amor de filha querida, lhe enunciavam que Yános não está forte como das outras vezes; o seu modo de percorrer a arena não é o mesmo, com aquela atitude de dominador absoluto. Acha-o um pouco abatido, um tanto desanimado.

O seu desespero é grande.

Já se arrependia de tê-lo feito ir ao circo... Mas, não! Era uma desconfiança infundada, pensava, logo em seguida.

Então, por que não ter confiança no seu pai? Por que alimentara um pensamento destes? Se ele soubesse, como ficaria sentido com ela!... Não lhe contaria esse pensamento, como fazia com todos os outros, por mais íntimos que o fossem.

A multidão se achava como que suspensa, esperando o número de maior sensação da noite.

Súbito, abre-se uma das jaulas de feras — a do javali faminto que, rápido, avança para a arena, disposto ao combate.

O modo pelo qual Yános recebeu a saída da fera, um tanto indeciso, repercutiu em Jerusa uma comoção estremecida, temendo pelo êxito daquele combate.

O público aguardava, impaciente, por notar que o domador não era o* mesmo de outrora.

O javali faz a primeira investida; Jerusa percebe que seu pai está abstrato ante o grande perigo e, uma outra investida mais forte, a fera consegue jogar Yános ao chão.

É geral a emoção diante desse imprevisto, nunca dantes sucedido, e a idéia do fracasso do cigano se manifesta, patente, em todos os corações.

Jerusa corre para junto de Yános. Partem gritos da assistência. A rapidez do gesto de Jerusa não permite que ninguém lhe intercepte a corrida e, antes que o próprio Yános tivesse tempo de a deter, a fera, enfurecida, se atira sobre ela.

O desespero invadiu a todos, que presenciaram, impotentes, o exterminar daquela vida moça. Jerusa é um brinquedo em poder do javali, lhe enterrando as garras, de onde o sangue jorra, em borbotões.

Yános, petrificado; ele, que dominara as feras mais terríveis, que fazia com que leões bravios se tornassem joguetes, sob o domínio de seus pulsos, nada podia fazer para salvar a vida, daquela que representava tudo para ele; assistia, impassível, à destruição daquela carne, tão moça e cheia de vida.

Fora tudo obra de um instante...

Jerusa exalou o último suspiro, quando a fera, já dominada por vários empregados do circo, era recolhida à jaula, satisfeita nos seus instintos e orgulhosa da sua proeza!

E, os últimos momentos daquela criatura, que tão boa havia sido no mundo, foram breves.

Com a cabeça apoiada sobre o colo de Yános, ela, que deveria estar curtida de dores, com as carnes dilaceradas, dores essas superiores à sua resistência de anjo terreno, olhava-o, com um sentimento de alegria e gratidão; transmitia a impressão de se sentir feliz: cumprira a sua missão, dando a vida pela de seu adorado pai.

Não mais falou. A sua despedida foi silenciosa; mas, aquele sorriso, com que disse adeus ao mundo, falou bastante da sublimidade de seus sentimentos e da divinização daquele momento em que, possivelmente, grandes faltas eram resgatadas.

O público abandonou o circo, em desespero, entre preces e lamentos, soluços e maldições.

Terminara, de modo mais trágico, o espetáculo mais desejado daquela época, aquele em que se festejava a volta de Yános. Mal sabia ele que tornaria à sua barraca, já tão triste, sem o único consolo que restava na sua vida!

Com festas, também, se celebrava, no mundo da verdade, a volta daquele espírito tão puro; o feliz término da missão grandiosa, a que deveria desempenhar em sua curta permanência, na Terra!

Yános, sem sentidos, foi carregado para o interior do circo; o choque foi enorme e, após

recuperá-los, permaneceu ainda um tanto inconsciente.

Nada mais o prendia à vida... A sua decadência se manifestava mais intensa, de hora para hora.

Pouco sobreviveu a este doloroso acontecimento; vivia completamente indiferente ao meio, a todas as emoções, e os seusj pensamentos, de todos os momentos, de dor e de intensa saudade, eram endereçadas a Jerusa, estrela da sua vida e cujo espírito resplandecente o embalava, cobrindo-o de beijos, sem que ele os sentisse.

Ao despertar, porém, do outro lado da vida, viu Jerusa, de cabelos soltos e de túnica alva e mais linda que outrora, que, de joelhos e de mãos postas, orava, junto ao seu tosco leito, onde ainda se encontrava o seu corpo inerte e frio; ao abraçá-la, cheio de louca alegria, viu que também chegava, para recebê-lo, a amada Zaida.

As três almas amigas partiram, abraçadas, deslizando por entre as nuvens e jardins etéreos e, ainda, entre cânticos celestes, tão sublimados, como jamais foram ouvidos na Terra.

Maffra e outros amigos fraternais também haviam sido avisados do seu regresso; foram, pelo caminho, juntando-se ao grupo e, quanto mais se distanciavam do nosso pequenino planeta, notavam que esse mundo tão grande ia, agora, diminuindo de volume, até parecer, em poucos minutos, um grão de areia, na imensidão.

Os cânticos entoados pelos anjos, formando alas, eram em homenagem ao Amor que, com maior ou menor intensidade e pureza, havia sido cultivado, na Terra, pelos viajores, os quais, regressavam da sua última jornada; Amor que, jamais, perecerá nessas almas, através dos séculos, por ser centelha do próprio DEUS!

2ª PARTE NA IRLANDA

DIA DE FESTA

— Velas ao largo! — gritava o capataz da pesca.

Um grupo feliz de pescadores se preparava para soltar os remos, desfraldando as velas ao vento, enquanto seus batéis, como alvas gaiivotas, sulcavam as ondas bonançosas do esmeraldino mar.

Na praia, formosas donzelas agitavam, no ar, os lenços de renda, atirando aos noivos e irmãos que partiam, mar afora, lindos ramos de flores e a ternura do amor, que lhes embalava nos corações, cheios do ardor da juventude.

Os primeiros raios de uma aurora de ouro e púrpura estendiam, em clarão maravilhoso sobre a areia da praia, sobre o mar e sobre toda a natureza, que despertava da letargia da noite de sono profundo.

Em todos, a alegria era fremente! Semblantes frescos e almas cheias de esperanças, reuniam-se os moradores da formosa ilha, de grande comércio de peixes, na Irlanda, nesse dia feliz da festa da primavera, formando um conjunto de verdadeira felicidade.

Já os alviçareiros barquinhos desapareciam no horizonte e o bando álaure de raparigas, louras e rosadas, de saias rodadas, corpetes de veludo, toucas engomadas e alvos aventais, se entregavam pressurosas, em alegre azáfama, aos preparativos da festa.

Era o costume, quando os pescadores voltavam, de encontrarem as barracas armadas, enfeitadas de flores e bandeirolas; sobre as mesas improvisadas — a própria areia da praia —, cobertas de grandes toalhas de linho irlandês, encontravam-se as iguarias prontas, à espera, somente, do peixe que preparavam quase vivo, visto que, vivos braseiros os esperavam.

Trocavam, depois, mancebos e donzelas o seu abraço de regozijo e cada um deles oferecia, à sua preferida, o fruto do seu trabalho, que, cada qual, disputava — fosse maior.

Já as fanfarras executavam alegres melodias e velhos e crianças compartilhavam do bando feliz, celebrando a Páscoa.

Era maravilhoso o aspecto da ilha, no momento em que descrevemos! A praia se ia coalhando dos pequenos barcos que, uns após outros, chegavam de volta do labor desse dia e os tripulantes, rapazes fortes e simpáticos, como soem ser os irlandeses, desembarcavam, entre festas dos seus e de todos os outros, cantarolando canções sonoras e rítmicas, tão peculiares j aos homens do mar.

Como Comélia estava bela no seu traje de festa, singelo, | mas feito com gosto e arte!

A sua alegria era imensa. aguardava a volta do seu irmão, e a todos sorrindo, mostrava, no entreabrir dos lábios purpurinos, o fio de pérolas de seus dentes incomparáveis. Como amava o seu irmão e como ele a adorava também!

A ela entregou a sua pesca e quão bela havia sido, naquele dia!

Abraçados, num contentamento quase infantil, cantarolando e correndo, lá se foram — Comélia e Rodolfo, conduzindo o peixe, que constituiria o seu tributo ao grande dia.

Viviam felizes; sós no mundo se achavam. haviam sido enjeitados, criados por velhos pescadores, já, então, no além; assim sendo, o mundo, para cada um deles, se resumia no outro, na sua alegria, no seu bem estar. Juntos vieram ao mundo e juntos passavam a sua vida, na maior comunhão de pensamentos e de idéias.

Assim, enquanto cada pescador reunia, em volta da sua toalha estendida sobre a areia da praia, como lençóis de neve, a família, os noivos e os mais íntimos se trocavam alegres saudações, entre danças e bebidas, num divertimento festivo; Cornélia e Rodolfo, numa extrema dedicação recíproca, faziam a sua Páscoa quase que entre eles, egoisticamente, entre votos de suprema felicidade.

Somente um conviva se sentara à sua mesa: era um amigo de ambos, fiel companheiro de Rodolfo, depositário de todos os seus pensamentos até dos mais íntimos, de todas as suas esperanças; e possuidor de grande inteligência e dos melhores sentimentos: era *Dugue*, como o chamavam na intimidade; *Du-guemburgo* para os demais. Era o agenciador de peixe, a cujo negócio se dedicara muito e, apesar de trabalhar junto a Rodolfo, também tinha as suas horas dedicadas a seu mister, pouco se conversavam, pois era o dever o que mais os preocupava.

Ansiavam pelas horas de lazer, em que, como bons amigos, faziam confidências e trocavam impressões sobre tudo, ponto este em que Dugue era mestre.

Narrava-lhe os pormenores da vida de comerciante; comen-tava-lhe, com minudências, sobre o movimento nas grandes cidades e cuja descrição encantava ao amigo e também a Cornélia, quando era chamada a compartilhar dessas verdadeiras viagens, pelo pensamento, aos sítios e cidades dos mais variados pitorescos.

E era com grande admiração que, na sua ingenuidade, acompanhava as narrativas que, com uma verve brilhante e coloridos notáveis, lhes fazia o jovem Dugue.

Nesse dia de festa, os três se encontravam juntos, mais uma vez, sentados em volta da toalha de linho e rendas, que Cornélia estendera sobre a areia, sob a tolda da barraca.

Entregues aos assuntos mais variados, em completo isolamento ao meio, à alegria dos outros grupos, não perceberam que um conviva estranho passara, algumas vezes, pela sua barraca, lançando-lhes olhares furtivos: era um vendedor de bugigangas, de aspecto antipático e mal encarado.

As almas puras dos três convivas, da mais linda das barracas, não poderiam supôr que se decorresse, ali, qualquer coisa de anormal, no convívio amigo daquela boa gente.

O grande dia da Páscoa ocorrera entre a alegria dos pescadores da Irlanda, com danças e folguedos, entre todos e, findas as festividades, preparavam-se, já, os convivas, para se recolherem.

Cornélia desfez a sua mesa, arrumou o que devia e dirigiu-se à casa, para guardar os objetos, que usara na sua festinha.

Deixou ainda sentados na praia, os dois amigos trocando impressões, apreciando o bellissimo luar dessa noite maravilhosa que, brincando sobre a areia, dava-lhe reflexos de prata.

SOMBRA QUE SE ESGUEIRA

Cornélia vinha pensativa, pelo caminho, como que revivendo todos os minutos daquele dia tão feliz e que, por isso mesmo, transcorrera tão depressa.

E, de pensamento em pensamento, vivia outros sonhos, outras vidas, até que viu a sua modesta casinha lhe surgir a frente, chamando-a à realidade.

Como a achava linda, em sua humildade! Tão pequenina, tão pobre, mas era sua, era o seu lar, todo o seu encanto!

Era ali que vivia feliz com o querido Rodolfo e ela tudo fazia para tomá-la cada vez mais aconchegante...

Nesse dia, a casa estava encantadora, toda enfeitada de guirlandas de flores silvestres se enroscando pelas suas paredes, tão toscas!

Chegara à sua porta... sentia o perfume das trepadeiras em flor... era ali o seu céu, o reino, onde imperava o seu zelo e o seu amor!

Lembrava-se dos seus velhos pais de criação, a quem pertencera e de quem a haviam herdado.

Ela o sabia: foi ali, naquela mesma porta que, numa noite de tempestade, eles, velhos pescadores, quando voltavam da sua faina de todo o dia, a encontrara, com seu irmão, quase mortos de frio e de fome, e tão bondosamente os acolheram para toda a vida.

Era nessa cabana, onde viera ter como enjeitada, a qual agora, dominava como rainha!

Como a queria!

E, cantarolando, penetrou no seu reino, entregando-se a arrumar sobre a mesa os objetos que trouxera da praia.

Mas, em sua abstração pelo caminho, não pressentira que alguém a seguira, esgueirando-se qual réptil pelas sombras, sem perder um só de seus gestos. o traficante que, de tempos a tempos, aparecia na ilha especialmente nos dias das festas tradicionais, vendendo suas mercadorias, mascateando miudezas de adorno feminino.

Era um tipo de sírio de má índole e, alguém mais perspicaz, já haveria notado os olhares furtivos que lançava sobre a jovem irmã de Rodolfo.

Entretanto, ninguém ousava formular sobre o caso, qualquer idéia, visto que, não somente pelo caráter altivo de Cornélia, todos lhe devotavam e ao seu irmão, estima e amizade.

No momento em que colocava os objetos sobre a mesa, percebeu que qualquer coisa se esgueirava junto às paredes, passando como uma sombra escura.

Distraída com a arrumação, não prestara atenção a isso, mas, qual não foi a sua surpresa, quando surgiu à sua frente a horrível figura do mascate!

Num momento, procurou cingi-la pela cintura, tentando amordaçá-la.

Apesar do choque recebido, num esforço inaudito, pôde Cornélia dar um salto e, desvencilhando-se do fatal inimigo, gritando por socorro, correu até a praia, caindo desmaiada nos braços do irmão. Este e o amigo ficaram atordoados ante a surpresa do acontecido.

Nunca, naquela ilha, onde todos se consideravam irmãos, registrara-se uma ocorrência de natureza a sobressaltar os espíritos pacíficos dos rudes pescadores e de suas famílias, tal como acontecera com Cornélia — “a princesa da praia” — como diziam.

Esse fato abalou de tal forma a população do lugar, que todos se empenharam em descobrir o causador do atentado que, astuto e sagaz, já havia fugido, com os meios que deixara, de ante-mão, preparados, caso falhasse o seu plano de rapto de Cornélia.

Os dias que se seguiram, foram de apreensão e tristeza: Rodolfo já não ia tranqüilo para o trabalho, não se demorando na pesca.

Dugue pouco se afastava da ilha, pois haviam combinado de não se descuidarem um momento, porque o ataque se poderia repetir, e de forma mais segura, apesar de não mais terem visto o famigerado mascate.

Assim, os dois amigos já não usufruíam a alegria e a despreocupação de outros tempos e viviam sob a impressão de uma constante ameaça.

Quanto à Cornélia, bastante abalada, se tomara meditativa e tomada de certo pavor, definhando, dia a dia, pela insônia e pelo desassossego.

Dugue procurava distraí-la com palavras persuasivas, pois lhe dedicava um afeto fora do comum, bem como Rodolfo; mas nada conseguia apagar do seu espírito, a nuvem de pavor que a envolvera.

Enquanto isso, Raicai concebia novos planos de assalto, planejava novas atitudes, não abandonando o ideal que traçara — raptar Cornélia.

Assim decorriam-se as semanas, os meses, e a impressão desse acontecimento se ia reduzindo no seio da população trabalhadeira dessa ilha da Irlanda e a calma voltou a habitar em todas as casas, em todas as criaturas.

Entretanto, Dugue e Rodolfo continuavam vigilantes, como sempre.

Projetavam-se novas festas, pois que, breve seriam lançados ao mar novos barcos de pesca e, como se procedia anualmente, o fato seria comemorado entre a alegria de todos.

Dessa vez, o contentamento era ainda maior, para o que concorriam dois fatos: Dugue e Cornélia seriam os padrinhos dos barcos e, também, porque se comemorava a notícia do noivado de ambos, que tanto júbilo causou a todos, unindo-se duas criaturas das mais estimadas e conceituadas da ilha.

O noivado foi para Cornélia uma trégua ao seu sofrimento, pois que, realizando o sonho de toda a sua mocidade, unindo-se a que, tanto admirava, vivia, aqueles dias, entregue ao seu ídolo, radiante de felicidade.

E todos compartilhavam dessa ventura, principalmente Rodolfo, que também via realizado o que tantas vezes pedira em suas orações.

CLARÃO SINISTRO

Trabalhava-se ativamente em toda a ilha, nos preparativos da cerimônia do lançamento dos dois barcos, que se daria na manhã seguinte; após o batismo, levando na proa o nome dos dois namorados, seriam postos ao largo, para, em um passeio, terem o início de sua vida, como a enunciar que o destino de seus padrinhos deveria ser o mesmo: juntos lançados à correnteza da vida, sempre juntos deveriam seguir, enfrentando as tempestades, como o mar revolto, para melhor usufruírem as delícias da bonança!

À noite, Comélia, Dugue e Rodolfo deixaram a praia em direção às suas residências, onde se poderiam refazer das fadigas do dia, na delícia do sono de um justo.

Os dois namorados se despediram satisfeitos, ansiosos pelo alvorecer do dia seguinte, para o encontro que passariam horas juntos.

Em pouco tempo, a casinha estava mergulhada nas trevas.

Cornélia não podia adormecer naqueles instantes de recolhimento, vivia para o seu ideal, imaginava realizado o seu sonho de felicidade, assistido pela dedicação e pela alegria de seu irmão.

Assim, os seus últimos pensamentos do dia se dividiam entre o adorado noivo e o querido Rodolfo.

E o tempo se escoava...

Logo, percebeu que um clarão estranho iluminava os arredores de sua morada... e se avolumava, mais e mais.

Alguns moradores da ilha também notaram o fato, não comum naqueles arredores, e ficaram de sobreaviso, investigando a causa do ocorrido. Em pouco, a idéia de um incêndio se apoderou de todos e foi grande a confusão estabelecida: todos corriam, falando uns com os outros e viram que o fogo partia da casinha dos bondosos irmãos.

Enquanto isso, Comélia, sentindo a extensão do sucedido, i pois a sua casa estava envolta num clarão vermelho, despertou o irmão e, juntos, se dirigiram para o jardim. Ao transporem a porta, uma figura sinistra se atracou com Rodolfo, travando ' luta corporal.

Comélia assistia, atônita, o rolar dos corpos na terra e, de quando em vez, o baque de um deles, violentamente atirado ao chão pelo outro contendor.

Por ser obra de um instante, Rodolfo foi apanhado de surpresa, pois nem uma arma defensiva tinha levado em seu poder.

Em pouco, jazia por terra...

Comélia correu pela ilha afora, como louca, enquanto che- 1 gavam todos os amigos, moradores mais próximos, em socorro i ao pescador.

Era tarde, porém.

Puderam ver, de um lado, Rodolfo, que tombara para sem- i pre, e, de outro, o miserável estrangeiro que roubara o sossego daquela gente bondosa e trabalhadeira, estorcendo-se em dores, arquejante.

Na luta, um violentíssimo soco que Rodolfo lhe aplicara, no 1 peito, era a causa do seu sofrimento, tomando-o, talvez, inutilizado para o resto da vida.

Exterminava-se, dessa maneira, a mais idiota possível, uma 1 vida moça e preciosa.

Os vizinhos e amigos choravam a separação daquele querido companheiro de lides do mar; as últimas homenagens que lhe prestaram foram simples, mas sinceras, a que se associaram todos os moradores da ilha.

Quanto à Comélia, a sua dor foi profunda, pois, o separar-se daquele seu companheiro de todas as horas, e que, até o seu conhecimento mais íntimo com Dugue, representava todo o seu mundo, parecia-lhe impossível.

Felizmente, Dugue ali estava, dedicado e amoroso, para ajudá-la a vencer mais esse transe, que lhe parecia superior às suas forças.

E era no seu afeto tão puro, no seu coração tão leal, que encontrava abrigo às suas lamentações, às suas desventuras e às suas saudades!

Reunia-se, nele, todo o afeto que dedicava a Rodolfo; viveria para ele e seriam felizes.

Após os acontecimentos, já relatados, e que tão apreensiva deixaram Comélia, Dugue resolveu abreviar as suas bodas, para melhor amparar e assistir à amada noiva.

Realizaram-se singelamente na capelinha da Padroeira, assistidas por todas as pessoas do lugar que, também, levavam as suas despedidas àquela que fora a sua princesa por tantos anos, pois que o novel casal partia, logo após a cerimônia, para Dublin.

Fora nessa cidade que Dugue conhecera aquela que seria, mais tarde, sua esposa e Rodolfo. Estes tinham ido passear à cidade, onde Dugue era empregado num caminho de ferro; os dois rapazes se sentiram atraídos por simpatia.

Rodolfo, em suas palestras diárias, contava ao amigo as peripécias da pesca, a vida de homem do mar e as vantagens que trazia esse ramo de negócio, um dos mais rendosos dessa época.

O assunto interessou a Dugue; palestravam horas e horas, até que Rodolfo convidou-o a visitar a sua ilha natal, onde melhor poderia apreciar esses fatos e, talvez, dedicar-se, uns dias, à pesca como distração.

O convite foi aceito, entre a alegria dos três; Dugue se licenciou na companhia e, em sua viagem de recreio às praias, deram-se os fatos já descritos.

Voltava, pois, agora, trazendo a encantadora esposa, para reassumir o cargo.

Instalou-se o casal Duguemburgo em uma pitoresca casinha, nos arredores da capital e iniciaram sua vida conjugal, sempre cheia de recordações.

Dugue amava demasiadamente Comélia, para quem era todo delicadezas; ela era irascível,

algumas vezes, não só devido ao estado nervoso de seu espírito, como pensava o esposo, como também, pelos resquícios das existências passadas, das quais não se pudera libertar ainda, conservando sempre a altivez e o desprezo ao amor daquele a quem, mais de uma vez, se havia ligado.

Dugue cativava-a com afeição profunda e Cornélia se sentia, então, bem feliz.

Costumavam fazer digressões aos bosques e outros lugares aprazíveis, nos dias de descanso; Dugue inventava excursões para que ela se distraísse e ver, se assim, não manifestava a sua constante irritação.

Desejava o aumento de seu lar, desejava perpetuar o seu amor, prolongar o seu afeto, na dádiva sublime de um filho ou filha, que viesse povoar o ambiente de lar, ultimamente tão frio, tão triste e que também distrairia Cornélia, prendendo-a mais a ele, que tanto a queria.

Mas os dias se passavam, possuídos do mesmo tédio, e isso não acontecia.

E, enquanto era essa a vida do casal, o assassino de Rodolfo, personagem já conhecido dos leitores em duas outras existências: uma — de traficante de escravos; outra — de negociante do Cairo; era, agora, um aleijado que cumpria, na prisão de Dublin, a sua pena e que ia acabando os seus dias, torturado de sofrimento e de remorsos.

MANHÃ DE PRIMAVERA

— O ar fresco e embalsamado é um revivificante para as criaturas que passam a sua existência nas cidades — dizia Dugue a Comélia.

E, assim, todos os domingos e dias santificados, em que não tinham outros afazeres, corriam para o campo, onde passavam horas felizes, colhendo flores silvestres, caçando borboletas, de que já possuíam uma bela coleção.

Com a entrada da primavera, faziam grandes planos de passeios. A jovem esposa, *como* homenagem a Rodolfo, que adorava a estação das flores (e era essa a primeira após o seu desaparecimento), propôs passarem, na ilha natal, o primeiro domingo, visitando aquelas paragens memoráveis, onde nasceram — ela e o irmão Rodolfo —, a fim de visitarem os amigos da juventude.

Com o nascer da aurora, partiu o casal e, pelo caminho afora iam relembrando o passado, com emoção.

Foi, justamente, numa viagem idêntica feita em companhia de Rodolfo, que Comélia conhecera Dugue. Não dera grande importância a ele, visto ser refratária ao casamento e, portanto, pouco olhar para rapazes; depois, com a convivência, observando o seu modo de pensar e de agir, entrando mais na sua vida, começou a apreciá-lo. Essa apreciação foi aumentando, aos poucos, visto Rodolfo lhe falar sempre no amigo com admiração e afeição e, também, devido às longas conversações que mantinham.

Assim, apesar de ser um tanto volúvel, resolveu aceitar os conselhos do irmão, referentes à sua união com Dugue.

A viagem fora rápida.

Chegaram, enfim, à pequena ilha, onde tantas cenas se desenrolaram para-o casal de gêmeos e, onde Cornélia passara tantos sustos e tantas mágoas, como a morte súbita do irmão. Como tudo estava mudado, no período de um ano!

A vida daquela gente se toldou de um manto de tristeza com a morte de Rodolfo e a retirada de sua irmã, que eram os personagens queridos dos pescadores.

Os dois visitantes acharam tudo ermo e sombrio, cheio de tédio e de saudade!

De lugar em lugar, de uma morada para outra, cenas surgiram ante a lembrança dos esposos que, unidos, seguiam em silêncio, vivendo todos os detalhes de anos atrás, para Cornélia, e de um ano, para Dugue.

Fazia apenas um ano, mas as cenas foram tão venturosas, as recordações tão fagueiras, que ele tinha tanto o que recordar como Cornélia!

Esta fremiu de emoção quando chegaram junto à sua antiga morada. Que transformação! Que amargura sentiu Cornélia ao rever a casinha, todo o seu encanto: antigamente, limpa, poética em suas trepadeiras em flor, agora, era como que uma casa abandonada!

Pararam algum tempo à sua porta.

Só então perceberam que nela morava alguém e, já se preparavam para continuarem a peregrinação, quando uma encantadora criança, de uma formosura angelical, de uns cinco anos de idade, correu-lhes ao encontro, teimando para que entrassem.

Cornélia não resistiu ao desejo de rever, detidamente, o lugar onde reinara tanto tempo. Entraram.

O seu interior condizia com o abandono, a miséria externa.

A menina os levou até o quarto e mostrou-lhes a sua mãe. O casal não mais se pôde conter.

Falaram-lhe, indagaram-lhe da sua vida, da razão de tudo aquilo. E souberam: era uma pobre lázara, que vivia isolada da sociedade, entregue somente à dor e seu único consolo era a sua filhinha, a linda Inna, que lhe amenizava o seu sofrimento.

Dugue e Cornélia se sentiram como que irmanados com esse sofrer e, sem poderem explicar, se sentiram ligados àquele anjinho, ali destinado ao mais cruel dos abandonos e à mais triste das sortes.

Quanto a Dugue, não justificava a grande compaixão e o grande afeto que sentia pela senhora.

Propôs conduzi-la à cidade e interná-la em uma casa apropriada, onde teria quem zelasse por ela; e, quanto a Inna, não se preocupasse: tomaria conta dela, com todo o amor e carinho, ele que não tinha sido digno de possuir um filho.

O convite foi aceito, entre os agradecimentos da enferma e a alegria da menina.

Oito dias depois, tudo se arranajara e Inna estava alojada com carinho, no seu novo lar, onde seria um sol de felicidade!

Dugue a queria muito, mas Cornélia, no seu egoísmo, manifestava ciúmes e era necessário

que ele lhe desse constantes lições de moral, a advertisse, sempre, do seu erro.

O seu estado nervoso piorava ante esses aborrecimentos.

Se não fosse isso, Dugue estaria completamente feliz: o seu ambiente estava povoado de alegria sem par, pois Inna o amava mais do que se fosse sua própria filha; ele a adorava e quase que vivia, agora, só para ela!

Durou pouco, como costuma acontecer, essa felicidade.

Comélia, que se tornava, dia a dia, mais nervosa, teve que se submeter a uma operação, à qual não resistiu.

Grande foi a dor de Dugue, pois que muito a amava; mas, como sempre na vida, há uma compensação, ficara-lhe a dedicada filha adotiva.

Após o desaparecimento de Comélia, quando, absorto, se encontrava em suas recordações, com o pensamento voltado para a sua antiga companheira, era Inna quem o tirava da abstração, distraíndo Dugue com as suas brincadeiras e carícias.

E, assim, se passaram alguns anos.

Dugue, porém, não se achava tranqüilo: temia pela sorte de Inna, que através de uma intuição, seria idêntica à da sua mãe.

Sujeitava-a a tratamentos preventivos, que lhe indicavam médicos e amigos, na esperança de poder vencer a terrível tara, que a pobrezinha trouxera.

Baldados foram os seus esforços.

Quando Inna contava doze anos, os terríveis sintomas começaram a manifestar-se. Louco de dor, tudo tentou fazer em benefício daquela que era o seu anjo.

A moléstia, que corroe o organismo em uma existência inteira, parece que teve pena de destruir aquela carne tão moça, minar-lhe o organismo por muitos anos; e assim, o seu trabalho de aniquilamento foi rápido, se bem que doloríssimo.

Assistida, em seu definhar diário, em seu martírio constante, pela sublime dedicação de Dugue, seu enfermeiro de todas as horas, era doloroso presenciar-se os últimos dias de vida de Inna, cuja existência se extinguia com a maior tortura física e a mais elevada resignação!

Em breve, terminava a sua prova.

Dugue, abraçado a ela, chorava, despedindo-se o que lhe ! restava na vida.

O que seria dele?

Viver sem um grande afeto como este, sem uma companhia de todas as horas?

E, ao contemplarmos Dugue ao lado do corpo inanimado de Inna, tínhamos a impressão de que ele se lembrava de algo de j extraordinário, de existências outras!

TERMO

Curta foi, na Irlanda, a existência dos entes principais desta novela, que representa algumas fases de vida terrena.

No cenário da Terra, esta fase terminou com a morte de Inna e a retirada de Dugue para a vida de clausura, onde desapareceu para o mundo e foi receber, sobre o hábito marron, o nome de *Gaspar*, “o monge”.

Dedicou-se à prática de uma verdadeira reclusão e, nos momentos de maior elevação, seu espírito encadeiava os acontecimentos das suas diversas existências.

Maravilhado, sentia, em êxtase, o contato dos seres adorados, em diversas fases, e era Inna, outrora Jerusa, quem o envolvia numa auréola de luz. Nesses momentos, parecia sentir, na sua humilde cela, as resplandecências do céu!

Já não o torturava a saudade e o isolamento da vida, porque os entes queridos não se afastavam dele.

Quantas vezes, frei Gaspar procurava falar aos seus companheiros sobre as coisas maravilhosas da vida futura! Mas eles o detinham, pedindo-lhe que nada expusesse do que lhe sucedia.

Dedicava sua vida ao estudo, e à prática da Caridade, visitando os enfermos dos arredores, aos quais curava com a imposição de suas mãos caridosas.

Foi longa a existência do monge e, nessa prática bendita, viveu até setenta e três anos, idade que não parecia ter, visto a saúde de ferro que gozava.

Assistido, sempre, pelas entidades queridas, especialmente por Inna, que não o deixava, o monge se dirigiu às montanhas, pois sonhara que lá havia alguém sepultado na neve.

Em companhia de um excelente cão do convento, que auxiliava a salvar os peregrinos perdidos, frei Gaspar se dirigiu aos lugares que nevavam e, ajudado por Gropp, começou a pesquisar a neve, que era densa.

Após ingentes esforços, conseguiu encontrar um corpo enregelado, hirto, e que, as suas mãos miraculosas, não conseguiam reanimar.

Regressando ao mosteiro, já se sentia alquebrado por intensa febre, que foi a primeira manifestação de forte pneumonia. |

Seus padecimentos, agravados rapidamente, em nove dias chegaram ao seu término.

Foi um período de grande exaltação espiritual, de um recolhimento religioso em alto grau, assistido, em seus últimos momentos, pelos amigos do espaço. Assim, ele, que foi tão bom e humilde, partia, serenamente, para a vida espiritual onde se reuniria aos entes amados!

Que felizes foram os momentos de frei Gaspar, ao transpôr os pórticos da vida do Além!

Viu-se no Cairo, ao lado de Zaida, carregando nos braços a Jerusa adorada... Viu, depois, a mesma Zaida se transformar em Comélia, da última fase; Jerusa em Inna e a pobre lázara, por quem tanto se sentira atraído, era a boa mãe Maffra!

Reviu todos os personagens do mesmo drama, inclusive Rodolfo — o antigo Mongo, o escravo-amoroso!

Em seguida, frei Gaspar, com seus amigos, se alaram às regiões etéreas, onde foram suavizar dolorosas recordações, bem como fruir a paz e a harmonia do arrependimento das faltas.

Ganhariam forças para encetar nova peregrinação terrena, a fim de fazerem jus à perfeição, conforme lhes ensinava o anjo, seu guia: Jerusa — Inna.

Permaneceram vinte e cinco anos, no espaço, em desempenho de várias missões, cada um progredindo o mais possível, \ à espera do dia, em que lhes fosse ordenado voltar à Terra.

Esse dia foi determinado pelo Senhor que, acorde com os l desejos dos nossos amigos, lhes permitiu essa nova oportunidade de se aperfeiçoarem.

Cada qual prometeu melhor desenvolver a sua tarefa, de l acordo com as necessidades de seus espíritos.

Somente Jerusa ou Inna não mais tomaria, nessa exis- l tência, o corpo carnal, para trabalhar, do espaço, conforme a l determinação Divina.

Dias incertos de sombrosa invernia! A chuva caía, copiosamente, alagando toda Madrid, que se agitava em hora de intensa luta comercial e de trabalho do operariado; terminavam as aulas nas academias e todos corriam, pressurosos, em busca de lugar nos veículos, que mal chegavam, naquela época para transportar a população.

Caleças e pequenos bondes puxados por animais e até possantes homens carregavam, nos braços, criaturas que não podiam vencer, a pé, a inundaçãõ.

Nesse momento, pára à porta de um dos grandes templos um rico “coupé”, puxado por valentes animais de raça, ajaezados de prata, e dele, salta um jovem altivo e simpático, enquanto que o laçao fecha a portinhola do carro, saudando o rico senhor.

Este, embuçado em custoso casaco, guarnecido de peles, penetrou no templo.

Celebrava-se a missa.

Dirigiu-se a um dos altares laterais da nave e ajoelhou-se.

A seu lado, se encontrava uma formosa dama, de alta linhagem e que, em sua grande contriçãõ, desfiando entre os dedos fidalgos um rosário trabalhado em ouro, não percebeu a aproximação do rapaz. Só ao terminar o officio se falaram e, juntos, se encaminharam à porta da igreja, onde tomaram o “coupé”, que os esperava.

Regressaram os irmãos ao seu palácio, em que os aguardava um amigo que os festejou demoradamente, e, todos se dirigiram ao interior do palácio.

Esse rapaz era um médico, amigo do milionário, figura de nome na alta sociedade, pelo seu talento, cultura médica e apresentação social — o Dr. Antonino Silas, que cortejava a nobre dama, irmã do amigo — o conde Roberto Soles de Mont’- Alverne.

A sua afeição não era correspondida, pois que ela pretendia tomar o hábito de irmã de caridade, o que já não havia feito ainda, devido à tenaz opposiçãõ do irmão.

Silas havia tomado, no espaço, antes de retomar à Terra, nesta etapa, o compromisso de trabalhar como médico, a fim de debelar a peste branca, como meio de resgatar a falta do passado; entretanto, o seu desmesurado orgulho não deixava cumprir a tarefa.

Deveria procurar, de preferênciã, os pobres infelizes sem recursos e onde essa doença grassa com maior intensidade, e empregar todos os seus esforços em benefício dessas criaturas, pois, os seus estudos acurados lhe deram margem a obter resultados assombrosos, na cura dessa terrível moléstia.

A posição elevada, a situação de grandeza em que o colocavam, não lhe davam tempo para meditar no seu maior dever; passava a maior parte de seus dias, entretido com os gozos, com o preito que lhe devotavam os amigos, a sociedade.

Assim, seu talento e a descoberta formidável que obtivera para a cura da tuberculose, cujos meios lhe foram outorgados para desempenho completo e perfeito da sua missão, tinham resultados completamente opostos: colocavam-no fora dela.

Silas detestava as pessoas de cor, ele que outrora fora preto em mais de uma existência.

Um dia, apareceu no seu consultório, ricamente instalado, um rapaz negro, que lhe levava

a noiva, tuberculosa em início, para ser tratada.

Devido à sua cor, o médico se negou a acolhê-los. O rapaz lhe pediu, insistentemente, que desse um alívio ao seu sofrer; estava em suas mãos, pois dele dependia, em grande parte, a vida da sua querida noiva. Tudo em vão...

O orgulho de Silas falava mais alto que o seu coração! /

Em breve, a moça, entre os mais cruéis padecimentos, desencarnava; Silas ficou em situação grave, no que o conde teve que intervir, visto que o preto era um diplomata, representante de uma possessão do México, e cuja fortuna lhe concedia todas as possibilidades de ação. Quis processar o jovem e orgulhoso médico, tão talentoso, mas falho quanto ao sacerdócio que abraçara.

A medicina é um verdadeiro sacerdócio e, mais ainda, no que se referia a Silas que, por seu intermédio, iria resgatar faltas passadas, curando, com o talento e fortuna com que desceu à Terra nessa encarnação, todos os infelizes que o procurassem em busca de um lenitivo ao seu padecimento e talvez, muitos entre eles foram prejudicados pelo seu orgulho e ignorância de encarnações outras!

EM CONJETURAS

Deixemos os dois amigos, médico e banqueiro, entretidos com as coisas mundanas que os atraía deveras, e vamos acompanhar Olga Ramidoff, uma jovem russa, e Branca Soles, duas amigas, da sociedade madrilena.

Conheceram-se no colégio, onde ambas receberam educação primorosa e, desde então, quase inseparáveis, profunda afeição as ligava.

Branca pretendia fazê-la esposa de seu querido irmão, estreitando desse modo, ainda mais, os laços de amizade, desde a infância.

Roberto, que nunca pretendia casar-se, se opunha tenazmente; não que Olga, em sua beleza singela, não o interessasse; mas, importava-lhe tanto quanto todas as demais mulheres da sociedade, belas e elegantes, e a quem cortejava, somente para sobressair a sua alta posição, a sua beleza e, acima de tudo, o seu título, sem que se prendesse a nenhuma delas.

O rico e luxuoso consultório do Dr. Antonino Silas regor-gitava de clientes, quando parou à porta, o "coupé" do fidalgo conde.

Conduzindo, recostada em si, a querida irmã, deu entrada no salão de espera. Branca tinha as feições contraídas por profundo abatimento: os lindos olhos negros, sombreados pelos cílios aveludados e longos, estavam profundamente tristes, denotando que havia algo fora de comum nela.

Silas, ao ser avisado da inesperada visita, deixou os clientes e correu a recebê-los; sua surpresa culminou ao notar a aflição do seu amigo e a transformação que se operara em Branca. Numa inspeção mais detalhada, teve a perfeita intuição do que se passara, percebendo o início da terrível moléstia, da qual se especializara, mas que, poucas vezes conseguira debelar, por haver, o seu orgulho, crestado as luzes da sua glória.

Como já vimos, Silas pedira uma grande missão de caridade e humildade, mas, as condições da sua posição social lhe fizeram esquecer o compromisso assumido para com o Criador; assim, já não podia confiar na sua ciência, apesar das formidáveis descobertas que alcançara com seus estudos perseverantes.

Uma vez no interior do consultório, soube do que se passara: Branca fora acometida, bruscamente, de uma hemoptise, quando regressava com seu irmão de um passeio ao campo; e ele a levava, pressuroso, ao gabinete de Silas.

Este, ao fitá-la, percebeu a gravidade do seu estado e, ao examiná-la, manifestou-se outra crise do terrível mal. Em seguida, disse a Roberto o verdadeiro estado de Branca, que não possibilitava a cura, visto que a manifestação da moléstia era de caráter fatal; porém, aconselhou uma estadia na Suíça, onde os seus padecimentos, se bem que incuráveis, poderiam ser bastante atenuados.

O conde procurou dissimular, à sua irmã, a grande preocupação que o afligia; mas ela, inteligente, sabia qual era o seu estado: sentia que a vida se lhe extinguia e uma vaga melancolia envolveu o seu espírito.

Em breve, partiram todos para a Suíça, refúgio esperançoso de todos os atacados pela terrível moléstia.

Um vago pressentimento lhes dizia ser infrutífera mais essa tentativa de cura...

Lá, passaram três meses, conjugados todos os esforços para debelar o mal; nada lhe faltou: medicamentos, cura ao ar livre, tudo, enfim.

No entanto, os desígnios divinos deveriam ser cumpridos e, A escoado esse lapso de tempo, entre tristeza e o desespero daqueles corações amantes, Soles de Monfalverne, Silas e Olga regressavam da Suíça, depois de cobrirem de flores e lágrimas, o jazigo da morta querida!

...

Olga resolveu, depois de dissuadida de conseguir a afeição, de Roberto, dedicar-se à vida mundana, entrando para um grande teatro.

Dr. Silas, a quem uma oculta paixão por Branca fizera-o quase enlouquecer, retirou-se da vida social — causa de todo o fracasso da sua missão — deixando-se dedicar, com ardor, ao estudo; assim, surgiram as suas mais interessantes descobertas sobre o combate ao terrível bacilo da tuberculose e que, talvez, anteriormente alcançadas, pudessem ter debelado o terrível mal que abatera aquela vida que lhe era tão cara.

Pròfundamente desgostoso, resolveu, para ver se apagava de seu espírito o remorso que lhe invadia todos os pensamentos, viajar pelo continente europeu. Mas, a figura da morta querida lhe acompanhava, como que tornando ainda maior a sua culpa!

Em uma de suas excursões, foi assaltado, roubado e quase estrangulado. Reduzido à miséria, teve que trabalhar em um hospital da Holanda, onde terminou os seus dias, isolado de toda e qualquer afeição, devido que o orgulho continuava, ainda, a governar o seu eu, minando a sua alma, apesar de tão rudemente abatido.

Roberto, após os acontecimentos já narrados, se refugiou em um dos seus castelos, nos arredores da Espanha, onde viveu, até os sessenta e oito anos, uma existência de isolamento egoístico, separado, daquela que foi a sua grande afeição. Sua missão era o bem.

A grande fortuna que lhe fora confiada, deveria empregá-la em obras de engrandecimento e de caridade. Apesar de sentir-se, constantemente impelido a isso, por uma força oculta, resistia sempre, dominado pela idéia da grandeza e da ambição.

Ele mesmo não sabia porque não seguia o que essa força lhe indicava.

Sabemos nós que era ela representada pelo espírito, já esclarecido, daquela que tanto o amava em várias existências e que, nesta, procurava, no mundo espiritual, zelar pelo seu progresso — Jerusa, impelindo-o à prática do bem.

Constantemente, aparecia-lhe, em sonhos, mas ele, engolfado no gozo de sua enorme fortuna, não podia pressenti-la.

PRENÚNCIO DE MISSÃO

A tarde estava sombria, numa tristeza invernal. Os pássaros já se haviam recolhido aos ninhos e, na torre da ermida do velho mosteiro de Santo Estevam, acabava de soar a última badalada da Ave-Maria, hora triste e meditativa, de reminiscências e de saudade.

Recostado numa rica poltrona, estofada de couro persa, Roberto, entregue aos seus pensamentos, sentia o tédio lhe invadir a alma.

Pela primeira vez, pensou nos acontecimentos passados e presentes e sua visão espiritual se pôde estender, mais longe, para um futuro, talvez, pela primeira vez compreendendo...

Viu sua fortuna disputada pela nação, seus castelos invadidos pelos poderes públicos, seu corpo estirado em um esquife, e milhares de crianças e velhos esqueléticos proferindo maldições ante sua avareza; viu, ainda, de joelhos, perto do seu esquife, um anjo que orava, em soluços...

Sentiu o peso da sua responsabilidade e pôde compreender que existia algo além da vida material, de opulência e orgulho, e nesta atitude de êxtase, sentiu uma espécie de medo e, pela primeira vez, chorou de remorsos, pensando no bem que nunca o impressionara, durante tantos anos de riqueza e conforto.

Sentia-se, agora, isolado, sem família, nem amigos; pensou em Olga, que tanto o amara; em Silas, como ele, tão indiferente ao sofrimento alheio!

E nada via, em tomo de si, que o animasse! Nem mesmo a recordação da irmã querida lhe confortava. Só aquele anjo bendito velava por ele, no derradeiro instante, no extremo de suas dores.

Neste pensamento, Roberto chorou, ainda... e sentiu que o anjo se aproximava, mais e mais, bafejando-lhe a fronte com ósculo de paz!

Tentou agarrar-se à essa visão mas ela se afastou, envolvendo-o, apenas, em uma espécie de nuvem.

Pela primeira vez, na sua vida, o fidalgo orou, isto é, curvou a fronte e, na concepção de

um pensamento elevado, adormeceu para, no dia seguinte, despertar para outra vida mais feliz, pois seria dedicada aos que sofrem.

Efetivamente, nessa nova aurora de sua vida, o conde se sentia reviver, pois, agora podia perceber e compreender a consolação carinhosa que recebeu de seu anjo, que não era senão o espírito bendito de Jerusa!

Dirigiu-se ao velho mosteiro e tomou o hábito de monge, doando todos os seus haveres àquela grande instituição, onde trabalhou o resto da sua existência, acompanhado de um fiel cão que, nas nevadas, trabalhava com ele no salvamento dos forasteiros das montanhas.

A bondade, a dedicação, as preces de Jerusa venceram,1 afinal, a ambição, o orgulho e a altivez do fidalgo conde!

E quão grande era a sua alegria, no mundo espiritual, por ter podido lapidar, um pouquinho mais, e auxiliada pela misericórdia do Senhor, aquele diamante ainda tão bruto, entregue à sua guarda!

Rendia graças ao Senhor!

ALVORADA NO ESPAÇO

Com a idade avançada, novamente entregue ao mesmo afã, à mesma tarefa, vestindo, *como outrora*, o hábito de monge, foi o ancião atacado mais uma vez, pela friagem do gelo, de que resultou sua desencarnação.

Seu espírito, ainda bastante atrasado, foi encontrar o anjo bendito que, na última etapa, lhe despertara para a regeneração.

Jerusa, após o despertar de Roberto ou Frei Donato na região do Além, tomou-o sob sua proteção, conduzindo-o à diversas paragens. À proporção que caminhavam, encontravam-se com os seres queridos, tantas vezes ligados em missões e em provas; e, de surpresa em surpresa, as vidas passadas se iam distendendo às suas vistas espirituais.

Como num cenário de luz, tudo se esclarecia às instruções de Jerusa, que os ia colocando ao par de tudo que fizeram, dos seus erros, das suas faltas.

Frei Donato viu, com profunda mágoa, que toda a enorme fortuna que lhe fora concedida pelo Senhor, constituía empréstimo para a prática do bem e verificava, com pavor, quando havia sido falho e materialista, avarento e egoísta.

Compreendia, agora, porque Silas falara na cura de Branca: pelo seu orgulho e vaidade, pois foi por ela que pedira aquela missão de tanta responsabilidade... Branca, por sua vez, não pudera cumprir a grande tarefa de os ajudar, com dedicação e amor, na prática sublime da Caridade.

Agora, vivendo na pátria da Verdade, caindo na realidade dos fatos, esses pensamentos e tudo o que Jerusa lhe transmitia o fazia sentir dolorosas emoções.

Anos e anos passaram no espaço, procurando progredir, conduzidos, guiados e amparados por Jerusa.

Desejavam uma nova oportunidade para o resgate de suas faltas. E, mais uma vez, lhes foi feita a vontade: foi-lhes concedido, pelo Pai Celestial, intermediado por Jesus, o alvará espiritual, que lhes permitia uma nova fase de rigoroso trabalho, *de perfeita união*.

Frei Donato viria como comandante de um grande exército de homens, isto é, de um grande transatlântico; Silas, como marinheiro africano, preto, resgatando o seu horror a essa raça e as faltas que dali decorreram.

E assim por diante: todos os demais personagens tomariam suas novas tarefas de resgate.

Neste tempo, Jerusa os orientou com carinhoso amor e os despediu, um a um, para a nova jornada na Terra!

3ª PARTE NA DINAMARCA

EM VIAGEM

Largara ferros o grande navio veleiro, rumando às Antilhas, com escala por diversos

portos da Inglaterra e outros países.

O mar estava envolvido de uma serenidade esmeraldina, onde nuvens sem bruma se refletiam brandamente.

Reinava a alegria nos corações da grande tripulação, naquele domingo de Páscoa, em que o sol brilhava com seus raios de fogo, animando, ainda mais, as festas que se realizavam na nave, organizadas pelo seu comandante, capitão Van der Grei.

Pela manhã, realizara-se a festa infantil, com lindos prêmios para as crianças que mais se destacassem nos vários folguedos; seguiu-se um lauto almoço e, mais tarde, danças, teatro, etc..

O aspecto do transatlântico era maravilhoso, em sua decoração festiva, abrilhantado pela presença de lindas jovens, de todas as nacionalidades e de elegantes mancebos, que davam, a tudo, um encantador realce.

Fulgindo de alegria e luz, tocou a nave em um dos portos do seu percurso, ainda no território dinamarquês. Eram oito horas da noite, de uma belíssima noite, em que as estrelas formavam constelações estupendas.

Van der Grei passeava na varanda, conduzindo, pelo braço, uma dama da alta sociedade londrina, que regressava de uma excursão.

Apesar da convivência de poucos dias, era grande a afeição que ela lhe devotava, a que ele correspondia com o trato maneiroso, fruto da delicadeza e da fidalguia de sua posição, posto que seu coração nunca se havia dedicado à mulher nenhuma.

Estavam em meio da palestra, quando três pessoas, transpondo a estreita escada que ligava a nave ao escaler, cruzaram com eles: era uma formosíssima jovem que vinha entre um casal idoso, dando o braço a ambos, em uma atitude de amparo e de meiguice.

Foi grande a impressão que exerceu sobre o comandante, notada, aliás, pela dama que o acompanhava. Em uma inspeção mais meticulosa pôde Van der Grei verificar, pela semelhança de traços e de maneiras, que os velhos que a acompanhavam eram os seus pais, pessoas gradas na cidade de XXX, na XXX.

Desde esse momento, a atenção do bravo homem do mar estava presa àquela jovem; ele mesmo não podia explicar como conseguira arrebatá-la a calma e o sossego, se ele é tão superior, a essas tentações do belo sexo!

Parecia-lhe que uma transformação se operara na sua vida, até então, indiferente ao amor! Como em um só momento se operara esse fenômeno?

O certo é que estava dominado, absorto em meditações, provocando a observação e o ciúme da dama aristocrata, a quem, até então, cortejara, banalmente, como uma distração para aquela travessia marítima, talvez...

E, assim, decorreu o resto daquela noite.

Às dez horas, o navio largou ferros, conduzindo mais passageiros, entregues aos folguedos de bordo, em busca de maiores aventuras.

RETROSPECÇÃO

Quem era o comandante Van der Grei? E o seu imediato, aquele rapaz negro, de fisionomia simpática, que seguia todos os passos do seu chefe?

O primeiro — Guilherme — fora outrora, em precedente existência, o mesmo Roberto que nasceu em Barcelona, onde foi criado juntamente com sua irmã Branca, indo, mais tarde, por morte dos progenitores, residir com a mesma em Madri; ali iniciou os seus negócios bancários, com o que apurou dos bens paternos, logrando alcançar a posição já descrita.

Aquele Silas de outrora, tão orgulhoso e avesso aos pretos, já o leitor deverá ter encontrado na pessoa do Jacó Keruch — o imediato —, nascido em uma península africana e criado por um homem do mar, que o fizera seguir, também, a vida de marujos; inteligente que era, seu protetor o fez estudar, possuindo conhecimentos de todos os ramos das diversas atividades, o que lhe valia a alcunha “o enciclopédico”. Dotado de muito espírito e muita alegria, distraía a tripulação de bordo com a narrativa dos seus casos, falando a linguagem da sua terra.

Como até de medicina entendesse, quando havia doentes a bordo, modificava o receituário do médico a seu modo, já que era da farmácia.

Sabemos nós que eram dotes adquiridos em passadas existências.

Gozava da simpatia de todos e o comandante nada fazia sem ouvir-lhe a opinião.

Quando Jacó percebeu que seu chefe estava abstrato, não lhe dando atenção, tratou de acompanhar, mais de perto, tudo que lhe dizia respeito e percebeu que uma violenta paixão o tinha abalado.

Van der Grei se esquivava, mais e mais de Júlia Bartey — a aristocrata dama inglesa —, que se revoltava por não compreender como rejeitava a sua afeição, sendo rica e formosa, por causa de outra criatura.

Entretanto, Hélen a todos fascinava com a sua beleza, | quem palidamente, poderia descrever, mas falta-me meios de exprimir o seu espírito fascinante, não só pelo conjunto plástico, como pela expressão, reflexo do todo.

Notaram todos a transformação do comandante, jovial, | afável, e, agora, meditativo...

É que o amor tem sua espontaneidade e seus acordes de melancolia e um misto de pressentimentos.

O espírito do altivo comandante se alhejava, agora, das j coisas do seu mister e divagava, absorto; substituía-o, a bordo, | em grande dedicação, o capitão Jacó.

Júlia não podia simular o ciúme que lhe minava o íntimo, | quando, pelas noites enluaradas, se encontrava com Van der | Grei, no tombadilho, completamente alheio a tudo, sem lhe prestar nenhuma atenção. De uma feita resolveu abordá-lo e interrogá-lo sobre a mudança brusca, que nele se operara, desde | a noite em que o navio aportara em... e falou-lhe, mesmo, da sua desconfiança a respeito da paixão que lhe inspirara a for-. | mosa menina, que aí embarcara.

Van der Grei, sincero e altivo, afirmou-lhe que era a primeira vez que amava... O jovem comandante não sabia o mal que fizera em dizer-lhe a verdade, incentivando, ainda mais, o ciúme que a dominara por completo.

De tudo se apercebera Jacó, que seguia, na sombra, os menores gestos de todos.

Já há alguns dias, o possante veleiro sulcava os mares em demanda da Inglaterra, termo da jornada da maioria dos viajantes, entre os quais se encontrava Júlia. Esta pediu ao comandante uma entrevista, renovando-lhe o seu afeto, propondo-lhe visitá-lo e retribuir a sua dedicação; ele, porém, se manteve inabalável, ao que a bela inglesa jurou vingar-se.

Júlia era a mesma Olga de outras eras, bem como a cigana Menda, de rara beleza e que fora, em grande parte, a destruidora da felicidade de Yános, no Cairo, conforme fora dito a Zaida pelo preto Mongo e de quem, intencionalmente deixei de narrar, nos períodos anteriores, justamente para forçar o leitor a uma retrospectiva ao passado.

No seu desejo de vingança, Júlia elaborou um plano e começou a pô-lo em ação: aproximou-se de Hélen, dois ou três dias antes do término da viagem — Londres —, insinuou-se, facilmente, em seu espírito bastante infantil, até que, quando achou a ocasião propícia, disse-lhe:

—Minha amiga, deixaremos, em breve, este navio, onde passamos dias alegres como em uma só família e desejava continuar, na Inglaterra, as nossas relações de amizade que, nascidas sobre as águas tranqüilas do mar, poderão vicejar com mais intensidade, em Londres.

“Permitindo-me visitá-la, convido-a, também, para ser a minha companheira de todas as horas: iremos a passeios, festas, enfim, estaremos sempre juntas. O que diz a esses meus projetos? Aceita?”

—Certamente, se só poderei lucrar com essas suas gentilezas, a que agradeço imensamente...

E a palestra, tomando um tom cada vez mais íntimo, mais afetivo, prosseguiu, até que Júlia, em caráter bastante maternal, disse-lhe:

—Desejava falar-lhe antes de nos separarmos, do amor que, percebo, inspirou você ao comandante, bem como já notei que tem por ele alguma afeição. Quero colocá-la em atitude defensiva contra esse homem, a quem deve desprezar, visto não ser digno do amor de uma donzela como você.

E muitas coisas lhe contava, procurando orientá-la em seu proceder para com Guilherme.

Assim, preparava terreno para que, ao separarem-se, Grei e Hélen não mais se encontrassem, pois que Hélen se esquivaria e ela, talvez, ainda conseguisse triunfar da sua afeição.

Quando estava iludida na sua idéia astuta! Grei nunca a poderia amar!

Tal foi o tom de sinceridade com que Júlia revestia as suas palavras, que Hélen sentiu por Guilherme uma espécie de revolta por vê-lo tão indigno, e tentar cativar-lhe o afeto.

E prometeu a Júlia ser a sua companheira de todas as festas, quando chegassem a Londres.

Jacó, que a todos espreitava, resolveu pôr o seu chefe e amigo a par do que se passou e, antes que chegassem ao fim da viagem, Van der Grei dissuadiu Júlia de suas intenções, aumentando-lhe o desespero e o ciúme, e procurou falar a Hélen sobre o seu imenso amor, recusado por ela, após já lhe haver dado algumas esperanças.

Vendo o efeito que as intrigas de Júlia causaram no coração de Hélen, falou-lhe, sinceramente, das intenções que motivaram esse procedimento de Júlia, procurando abrir-lhes os olhos, vendados pela inexperiência de sua pouca idade.

E percebendo que Hélen seguia os seus planos, ainda pensando em reconquistar Guilherme, Júlia usou de outra astúcia, dizendo-lhe que não desanimasse na sua afeição pela linda menina, pois que ela se tomara sua amiga e iria visitá-la; desse modo, ele indo também à sua casa poderia encontrá-la sempre.

Em seu louco amor, quase Guilherme se deixou vencer, pensando em poder estar, algumas vezes, com aquela que era tudo para ele... Foi o Jacó que, arguto e observador, lhe abriu os olhos, fazendo com que, mais uma vez falasse com Júlia sobre o fracasso de suas pretensões e pusesse Hélen ao par de toda a iniquidade do procedimento daquela, que se dizia sua amiga.

Era tarde!

Hélen não mais poderia confiar em seu afeto, deixando extinguir-se, em seu coração, a chama, por um momento atea- do.

Chegou, enfim, o ponto de separação desses corações, que tão unidos já tinham sido!

O veleiro se aproximou do cais e, após rápidas manobras, dirigidas, em pessoa, pelo comandante, que agia maquinalmente, já que seu sentido estava noutra ponto; começou o desembarque dos passageiros.

Dentro em pouco, possuído do maior desalento, Van der Grei via desaparecer a única ilusão querida que o embalara tão docemente, por momentos passageiros!

Os vários passageiros, descendo do escaler, perdiam-se no tumulto do cais. Ainda assim, com a luneta podia acompanhar os últimos passos daquela única criatura que, verdadeiramente amara nos curtos momentos de uma felicidade fictícia.

E, pouco a pouco, ia distinguindo, cada vez menos, a sua silhueta, até nada mais perceber...

Acabara o seu sonho, pensava... E, em profunda meditação, deixou-se ficar imóvel, no tombadilho do veleiro, pensando na dureza do seu destino.

Enquanto isso se passava, Jacó, após uma conversação bem longa com o pai de Hélen — o Dr. Thomas Blance —, *grande* indutrial, dele obtinha o seu endereço, sabendo também, que ia passar com a família, uma temporada de negócios em Londres, e, ao mesmo tempo, proporcionar à sua encantadora filha o conhecimento da grande capital.

Incontinenti, o fiel imediato de Grei colocou-o ao par de tudo que pudera conseguir sobre a permanência da família Blance, em Londres, e o comandante, de retorno das Antilhas, resolveu passar a direção do veleiro ao amigo, ficando em Londres, por alguns dias, onde iria tentar encontrar Hélen.

AINDA UMA VEZ

No luxuoso Hotel de Londres, situado na mais aristocrática das praças da grande capital inglesa, hospedou-se o mancebo, que assim se identificou: Guilherme der Grei, comandante do navio *Dinamarquês*.

Estamos em um dia festivo, em que se realizava um sarau dançante. Os salões estavam repletos da alta sociedade bancária, de forasteiros e da fina flor feminina, entre as damas da sociedade inglesa e as hospedadas, nesse momento.

A um canto do “fumoir”, recostado numa poltrona, encontramos o nosso ilustre comandante fumando um havana, cuja fumaça, subindo ao ar em espirais, formava, para a sua imaginação e o seu coração amante, a figura daquela a quem amava.

Absorto em seus pensamentos, todos a ela dirigidos, foi com grande surpresa que notou uma elegante dama que, de há muito, passeava de um para outro lado, pretendia vir em sua direção.

Ao fitá-la, reconheceu Júlia, a quem considerava o seu anjo mau.

A sua atitude era a de uma vitoriosa, com um sorriso de superioridade e de ironia a bailar-lhe nos lábios. Não se mostrou surpreendida ao vê-lo e, com simulada hipocrisia, disse-lhe:

— Sabia que viria procurar-me, cedo ou tarde, comandante, pois o amor de uma dama não se rejeita assim.

O desespero de Guilherme chegou ao auge; num momento, perdendo toda a fidalguia do trato, a delicadeza, apanágios do seu espírito, pôs-se em pé e, olhando-a bem de perto, bem nos olhos, como se quisesse penetrar aquela alma tão ardilosa, respondeu-lhe:

— Engana-se, nunca a amei para ousar convencer-se de que viria procurá-la; pelo contrário, sinto somente ter que falar a uma dama de forma rude e, isso, para não a enganar. Só amei uma vez na vida e alguém procurou sepultar esse amor em um profundo pélagos de dor, aproximando-se do ente que amo e, com tais artimanhas, consegui que ele me desprezasse!... Começava a pensar em mim de como sinto algo de revolta íntima, pois, parece, fostes sempre a sombra da minha desdita!

É que o passado longínquo revivia, nesse momento, na sua imaginação febril.

Júlia, no auge da indignação e do despeito, se afastou, para evitar que alguém os escutasse.

Van der Grei retomou à meditação.

Assim se encontrava, quando, pelo braço de um cavalheiro, surge Hélen; atônito, seguiu-a com o olhar ardente.

Ao terminar a contra-dança, a ela se dirigiu, saudando-a cordialmente e convidando-a para dançar; Hélen se desculpou, alegando achar-se comprometida para todas as contra-danças.

A cena era percebida, de longe, por Júlia.

Era de praxe, em certos momentos, os cavalheiros trocarem os pares; somente por esse

ardil, achando-se perto de Hélen, conseguiu dançar com ela. Não havia tempo a perder e, em breve, pô-la ao par do procedimento de Júlia, da sua astúcia. De nada valeram os seus argumentos; Hélen ficou inacessível, sem lhe dar a mínima esperança.

Demolidos todos os seus castelos, vendo a irrealização de seus sonhos, recolheu-se aos seus aposentos e, na manhã seguinte, abandonava o hotel.

* * *

Após esse incidente, os dias decorridos foram de grande martírio para Van der Grei; sentia-se só, sem uma alma amiga, a seu lado, sem esperanças, sem um fim, na vida.

E ele era tão alegre e tinha tanto gosto em viver!

Dentro em pouco, vamos encontrá-lo de volta a seu posto; o veleiro ia, nessa jornada, até a Ásia, África.

Ao lado do dedicado Jacó, sentia-se mais reconfortado e ambos se dedicavam, agora, inteiramente, aos misteres de bordo.

Dia após dia, as horas eram povoadas da mesma monotonia.

Quando o navio velejava próximo a Madagascar, o mar, que tão tranqüilo se manifestava, até então encapelou-se; a própria natureza se debatia em fúria e uma cruel tempestade fez com que o possante veleiro se tomasse um brinquedo das ondas.

O comandante dava ordens à tripulação. Todos lutavam, a bordo, contra a fúria do oceano.

E as horas escoavam... As forças faltavam, bem como os recursos, no interior da embarcação.

Rápido, uma faísca elétrica, cortando o espaço, caiu sobre a grande nau ocasionando um terrível incêndio. Toda a tripulação se empenhava no combate às chamas. Mas, dentro em pouco, o navio adernava para, logo depois, sossobrar.

A mortandade foi geral; na ânsia de salvação, agarravam-se uns aos outros em pedaços de madeira... O comandante, tendo a seu lado o capitão Jacó, providenciava para o salvamento de todos.

E o mar continuava a sua obra destruidora, tragando em seu seio, vidas preciosas... O espetáculo era indescritível, dan-tesco!

Na abstração, em que se achava, da vida, salvo o momento em que a tripulação e passageiros corriam perigo, Grei não ousava lutar pela vida, mesmo porque não se lhe afigurava possibilidades de salvamento, numa época em que tudo faltava, não existindo a rádio-telegrafia, nem outro qualquer meio de comunicação.

Somente, quando viu que nada mais lhe restava fazer a bordo, o comandante deixou o seu posto, no cumprimento do seu alto dever, no que foi acompanhado pelo fiel amigo — Jacó.

Irmanados por um grande afeto, também assim se encontravam na dor, no sofrimento, nos últimos minutos que lhes restavam de vida.

Encontravam-se perto um do outro, nadando, esforçando-se para se manterem à tona d'água, sem que, no entanto, tivessem a menor esperança de salvamento.

Pouco a pouco, as forças foram faltando; o mar, em sua fúria titânica, procurava tudo arrasar.

Quem, de parte estivesse, notaria todo o horror que lhes ia n'alma, nos estertores da morte, traduzido pelos olhares que trocavam. E, quem ousaria traduzir o que eles, em sua linguagem muda, mas tão expressiva, significavam?

Enquanto lhe foi possível, Jacó não perdeu de vista o amigo; mas, de uma feita, a uma onda mais forte, Van der Grei desapareceu, para não mais tomar à tona...

Dominado pelo temor da cena, de que era o único espectador, Jacó ainda foi tentar salvar o seu companheiro; baldados, porém, foram os seus esforços, pois não mais o tomou a ver.

Era ele, agora, o único sobrevivente da horrível catástrofe.

E, pensava, quantas horas, talvez, ainda teria de sofrer? Que martírio!

Assistir à morte de todos os companheiros, do querido amigo, e ficar, ao vai-vém do destino, naquele desespero?

Sim, porque lhe parecia impossível a hipótese de ser salvo por alguma outra nave...

Já sem forças, exângue, quase hirto, num último esforço, pôde agarrar-se fortemente a um pedaço da quilha, sobre o qual ficou e o seu corpo flutuando ao sabor das ondas.

Quanto tempo permaneceu assim? Não soube dizer..

A princípio, notava ainda o quebrar do oceano revolto de encontro aos destroços da nave, ruído que chegava aos seus ouvidos, repassado de todo o horror de uma destruição completa, em que perdera todos os seus companheiros de trabalho...

Depois, pouco a pouco, nada mais percebia, até que o cansaço dominou o seu espírito.

Desfaleceu.

Porém, estava escrito, nos desígnios de Deus, que a sua vida material não se extinguiria ali. Ainda tinha que resgatar faltas passadas, no desempenho de uma missão de amor e caridade.

Horas após o naufrágio, seguindo a mesma rota do *Dinamarquês*, surge um outro veleiro.

De bordo, perceberam todo o horror do acontecimento; desceram escaleres, à procura de alguns sobreviventes, na esperança de prestarem, ainda, algum socorro.

Nada encontraram.

Apenas, os destroços do veleiro, tão gloriosa outrora, levados pela fúria das ondas, batiam uns contra os outros numa ânsia de destruição ainda maior.

Em tudo pairava um quê de desolação...

Quando, já desanimados, preparavam-se para voltar a bordo, um dos escaleres pôde descobrir, boiando sobre uma tábua um corpo humano.

Dentro em pouco, era o náufrago, um rapaz de cor, recolhido ao veleiro. Era Jacó, o único escolhido para sobreviver à catástrofe!

Aí foi carinhosamente tratado pela tripulação, e, depois de alguns dias, foi recuperando

as forças. Mas, de nada se lembrava e nada podia narrar do acontecido... Sua memória estava como que adormecida, após as cenas lancinantes que assistira, os choques e a luta tremenda que travara com o abismo. I

Pouco a pouco, tudo se foi esclarecendo em seu espírito.. .. J Ora, era um detalhe de que se recordava, ora o nome de alguém que conseguia balbuciar... mais tarde, o nome do navio... o destino que levavam... cenas ocorridas a bordo... antecedentes do naufrágio... E tudo era anotado pelo comandante, que estava sempre à sua cabeceira.

Só alguns dias depois do seu salvamento, pôde dar a sua identificação. Conseguiu-se, então, reconstituir tudo.

Os dias, que se seguiram, foram de convalescença, reconfortando o seu organismo e distraíndo o seu espírito. Todos se empenhavam na sua completa cura.

Assim, rumava o veleiro para as bandas africanas e, dentro em breves dias, ancoraria em um porto, o primeiro da sua jornada.

Resolveram, os maiores de bordo, que Jacó desembarcaria ! aí, onde os cuidados seriam maiores, bem como os recursos para o seu tratamento e, por conseguinte, mais rápida a sua cura.

O bondoso comandante se encarregou de tudo; conhecia um casal de pretos, africanos, dedicados e honestos, e que tratariam, com o maior desvelo, daquele que já consideravam como um companheiro de bordo.

E assim se fez...

No dia seguinte, novamente, partiam para a sua luta de todos os dias, deixando em terra firme, aquele que, como todos diziam, havia ressuscitado.

Alguns meses mais tarde, vamos encontrar Jacó, já em pleno gozo de saúde, vivendo uma nova vida. A princípio, procurando ares mais puros para respirar e, depois, para reconfortar o seu espírito, em contato pleno com a exuberância da natureza, nessas paragens, embrenhava-se pelas florestas e, ali, ficava em meditação. Relembrava os seus conhecidos, o seu infeliz amigo... Pensava no imprevisto do seu salvamento, que lhe parecera impossível...

Por que fora ele o único que escapara? O seu comandante, que era tão bom, por que não sobrevivera também?

E, de indagação em indagação, obtendo ou não, explicação para os fatos, seu espírito se ia esclarecendo, até que compreendeu, claramente. Se lhe havia sido dada aquela oportunidade, é porque tinha alguma coisa a fazer no mundo; e, necessário se tomava aproveitar do melhor modo possível a nova vida que se lhe deparava.

Muito deveria que produzir, trabalhar muito, pois que algo lhe dizia que teria de caminhar muito para o perdão de faltas passadas.

A noção de um Deus de bondade e justiça se firmava no seu espírito e, constantemente,

lhe rendia graças pelo elucidar de seu cérebro e do seu coração!

Nessas peregrinações pelas matas, começou a estudar plantas, as suas qualidades, seus recursos medicamentosos; passava horas fazendo experiências várias, lembrando conhecimentos que tivera nos bancos escolares e, dentro em pouco, iniciava a cura dos habitantes da região.

Os chás e outros remédios, que receitava, entraram a produzir efeito, as curas se patenteavam aos olhos de todos e a sua reputação de curador se firmava, mais e mais, naquelas redondezas!

Peregrinava às paragens inóspitas, levando o concurso da sua boa vontade e algum saber aos que sofriam de enfermidades e até muitas vezes, os confortando com palavras de ânimo, contando-lhes a sua história tão triste.

Depois dos acontecimentos já narrados, envelheceu, repentinamente, ficando com a cabeça como flocos de algodão; daí, o chamarem de *Pai Jacó*.

Onde quer que houvesse um gemido, uma lágrima, um doente do corpo ou do espírito, um desanimado, um ente que blasfemasse (e eram tantos, naquelas paragens!...), ele, aí, estava procurando aliviar o sofrimento alheio. Como era bon-zinho o Pai Jacó! Como era caridoso e humilde!

O passado, com todo o seu séquito de orgulhosa vaidade, lhe vinha, agora, à mente, para que pudesse resgatá-lo.

E o seu pensamento se voltava para Deus, agradecendo-lhe tanta misericórdia.

Quanto mais trabalhava, mais vontade tinha de prosseguir no aproveitamento de suas faculdades que se desenvolviam de dia para dia.

Lembrava-se, sempre, do seu bom amigo Van der Grei, das ocorrências da sua vida e parecia vê-lo a seu lado e, muitas vezes, via-o acompanhado por uma visão celestial.

Jacó, em um progresso constante, era vidente, auditivo e sonâmbulo; assim, a princípio se assustava ao ouvir e reconhecer a voz de Grei, chamando por ele.

Naquelas regiões, quase selvagens, tomou-se, o bom Jacó, um Deus, o pai de todos. Quanto bem fazia o bom velhinho, cujas câs lhe cobriam a fronte da neve do martírio!

À custa de muito sacrifício, construiu, ajudado por seus filhos, como a todos chamava, uma enorme palhoça, onde colocava os seus doentes; aí, exercia o seu sacerdócio, e passava o melhor tempo da sua vida, tratando com grande amor aqueles infelizes que batiam à sua porta.

Sempre com um sorriso de bondade em seus lábios, já emurchecidos pela idade, era ele a árvore miraculosa, sob cuja fronde hospitaleira e sã, todos se sentiam como que revivificados em seus sofrimentos!

E o tempo se escoava, em sua lentidão de todos os dias e todas as noites, sem que nada viesse perturbar aquela missão de luz e de amor, por entre as graças de todos os nativos.

* * *

Uma noite, forte tempestade desabou sobre a região; os trovões ribombavam no espaço, faíscas elétricas atravessavam o firmamento escurecido, até que forte chuva veio alagar todas as habitações.

Foi uma noite tremenda, em que parecia desencadear sobre a Terra toda a fúria dos Céus, como acreditavam, em sua simplicidade, os habitantes daquela região.

Como passaria o bom Pai Jacó?

Era essa a pergunta ansiosa que pairava em muitos corações; mas, logo presumiam. — melhor que todos nós, pois, apesar de sua aparente solidão, está sempre com os seus amigos e protetores.

Mal amanheceu e como sempre, após uma tempestade, um belo dia de sol ardente e céu azul acorreram todos até o pequenino hospital.

E entre lágrimas e imprecações de dor, puderam atestar todo o horror do acontecido.

Antes deles, o primeiro raio de sol, tão admirado pelo bom velhinho, em suas exortações à natureza, já fora encontrar, ao penetrar a tosca palhoça da caridade, o corpo inanimado daquele semeador do bem. Pai Jacó dormia o seu último sono, tendo deixado impressos, em seu rosto encarquilhado, os traços da serenidade e da fé.

Em quem depositara Jacó a sua fé?

No Deus-Verdade, no Deus-Amor, no Deus-Bondade e Justiça, que ele só reconhecera e soubera amar, quando a adversidade o feriu, bem fundo!

* * *

Foram simples, mas tocantes, as últimas homenagens prestadas pela povoação africana ao seu ídolo.

Mal a triste nova se espalhou pela localidade, cada um daqueles que dela tomava conhecimento, corria até o pequeno templo, onde repousava o envoltório material daquele espírito de escol, trazendo um punhado de flores silvestres.

Em pouco, a simples palhoça estava juncada das mais belas flores da região e povoada do maior* silêncio: silêncio de respeito e de saudade daquele que era o anjo benfazejo de todos os lares!

Como passariam, agora em diante, sem o seu concurso?

À tarde, realizou-se o enterro, assistido por todos os habitantes daquelas redondezas, que prestavam a última homenagem àquele que tanto bem espalhara em todos os corações.

A sua campa, coberta de flores, seria, no futuro, o retiro abençoado para onde todos acorreriam, o refúgio sagrado por todos desejado para as suas meditações, os seus desabafos, na certeza que seriam ouvidos pelo bom Pai Jacó, que continuaria, do mundo espiritual, amparar e consolar todos com as suas palavras de amor e de fé!

NO ESPAÇO

Com que serenidade, o espírito do bondoso Pai Jacó deixou que se abrissem as algemas

que o prendiam ao corpo, para que pudesse voar, voar em busca do sonho dessa última etapa, cuja, na humildade com que praticou o bem — a verdadeira caridade —, entre pobres seres ignorantes e desprotegidos do conforto da civilização, encontrou a sua regeneração!

Na humildade em que o atirou o Destino, nesta última fase, soube conquistar com esforço e trabalho, com caridade e amor, os meios para a purificação do seu espírito; não possuindo sequer o suficiente para o seu viver, procurou, no seio da natureza — mãe sábia e boa —, os recursos preciosos para aliviar os sofrimentos do seu semelhante, o que, ainda faz hoje, do espaço, e com maior intensidade, na conquista sempre crescente de seu aperfeiçoamento espiritual.

E, quando até nós, míseras criaturas cheias de imperfeições, chega esse amigo que, aos videntes, se apresenta como um pretinho velho de nome Pai Jacó, falando-nos com a sua meia linguagem, não sabendo muitos que esse ser possui grande elevação espiritual, devido ao seu esforço e boa vontade, avançando, mais que outros, com quem conviveu, em condição inferior de alma!

Pai Jacó cultua, ainda hoje, com maior facilidade no mundo espiritual que na Terra, para o trabalho de sua elevação, tudo o que a ciência, a medicina, com seus conhecimentos vários, pode proporcionar em benefício dos que sofrem.

Ei-lo que passa, horas e horas, junto aos leitos dos hospitais, enxugando lágrimas e confortando aflitos, no cabal desempenho da missão de amor que lhe foi confiada pelo Pai.

Quando Jacó transpôs as fronteiras da vida espiritual, um anjo de forma etérea (como soem ser os anjos), o recebeu nos pórticos da outra vida com um sorriso dulcíssimo de amor — Jerusa, incansável em sua dedicação.

Falou-lhe, pormenorizadamente, de suas várias encarnações, de várias fases da sua última jornada, ao que Jacó ouvia com atenção e interesse.

Quando Jerusa se referiu a Grei, Jacó estremeceu e, tomando-lhe as mãozinhas diáfnas, suplicou-lhe que o aproximasse do querido amigo.

Com que alegria o fitou!

Partiram, juntos, irmanados por um mesmo afeto, em busca de outros seres, a quem se deviam ligar.

Jerusa lhe avisou que Grei e ele voltariam à vida material, em novas missões de progresso e que ficariam, ainda, por algum tempo no espaço.

— E Hélen — perguntou Jacó —, o que será feito dela?

— Sofre muito — disse Jerusa. — Casou-se com um industrial alemão e a sua vida é de verdadeira dor!

— Que fazes por ela!

— Procuo atenuar o seu sofrimento, envolvê-la em fluidos benéficos, mas sendo sempre avessa às coisas espirituais, sofre ainda mais.

“Grei voltará à Terra e Hélen virá retemperar-se e aprender alguma coisa de que careça,

a fim de voltar, novamente, para dulcificar, no amor, o fim da jornada de Grei e, assim, resgatar a sua falta.”

E, trocando impressões, partiram os espíritos, numa revoada de luz e de paz, para um estudo profundo: procuravam arquitetar o plano de novas elaborações de progresso e de elevação.

Depois de instrutivos trabalhos e importantes divagações, pelas regiões etéreas do infinito, o Criador ordenou a Grei tomar um novo corpo, para uma nova fase de progresso.

Jacó já havia tomado à Terra, anteriormente, e, por coincidência, lhe deram, no meio humilde onde nascera — na África e de onde veio para o Brasil ainda criança, como escravo —, com o mesmo nome Jacó.

Na cidade de Assunção, no Paraguai, um robusto menino, que recebeu o nome de Leonardo, veio povoar de ventura um lar pobre, mas laborioso e feliz.

Alguns anos mais tarde, Hélen, vítima de um acidente, partia para o mundo espiritual, onde se demorou pouco, somente o tempo preciso para receber novas ordenações do Senhor.

Desceu, novamente à Terra, para que pudesse, em tarefa de verdadeira abnegação, cumprir uma missão de resgate.

Jacó trabalha, do espaço, até novas determinações do Criador.

Jerusa, o anjo de infinita bondade, por todos vela com amor e carinho, guiando, amparando, bem de perto, aquele que sempre lhe esteve ligado por um grande afeto — Yános — Dugue — conde Mont’Alveme — Comandante Van der Grei — e Leonardo, na atualidade.

E a sua companheira de todas as horas e pelas noites tristes de dolorosa agonia, esse espírito bendito roça as suas asas de arminho sobre a fronte do seu amigo e protetor de todas as épocas.

* * *

Antes que isso sucedesse, tocaremos, de leve, na existência de Jacó, que, detalhadamente, será assunto de capítulos adiante. Após uma existência, em que veio como escravo, nessa parte negra e triste da História Brasileira, toda ela dedicada ao bem do próximo, com seu espírito transbordante de humildade e de abnegação, obteve, logo após, a sua libertação espiritual pelo seu próprio Senhor, como prêmio de algumas, existências de cultivo do bem e de todo o sofrimento dessa existência última.

NA ATUAL EXISTÊNCIA

Por LEONARDO TORRENTS

(1930 a 1934)

A narrativa feita por Jerusa e o Pai Jacó, das minhas vidas sucessivas, de alguns séculos até a passada encarnação em Dinamarca até o momento de voltar à Terra em missão e provação, ficou na página anterior.

Não quiseram continuar, informando que eu é que devo atual, porque melhor abordaria

o assunto; que receia va, dizendo-lhe que fosse ela própria a incumbida da parte sem a finura de sua linguagem melindrar alguém, sem tratar desta parte.

Recusei-me e, falando a Jerusa, manifestei-me contra, devido a minha pobreza de escrever o assunto, literariamente.

Jerusa nada respondeu-me e por isso pensei que se encarregaria dessa parte.

Posteriormente, em palestra mediúnica com o Pai Jacó, revelou-me ele: “É o amigo que terá de tratar da parte atual e não eu ou a Jerusa.” De novo fiz-lhe ver os meus receios e supliquei-lhe que ele ou a Jerusa completasse o trabalho.

— Não — replicou esse querido amigo. — É o meu amigo quem deve completá-lo. Procurará relatar os acontecimentos da maneira mais de acordo com a sua elevação, por que quem quiser pode, em outra fonte apropriada (se permitido) obtê-los; visto que, a verdade é uma só em qualquer parte e em qualquer época. Só na Terra é que a verdade poderá ficar debaixo do alqueire.

— Não posso omitir ou dizer de forma menos verdadeira alguns fatos?

102

JERUSA

— A intenção é tudo. Tu podes o que nós não podemos; a nossa responsabilidade é maior. Não podemos inventar a verdade. Se por um sentimento digno, disseres as coisas de outra maneira, isso ser-lhe-á levado a “crédito”. Na Terra, nem sempre se pode ser franco, e há inverdades necessárias, cheias de doçura e de caridade. A intenção é tudo, meu amigo. Confiamos em ti.

Diante disso, farei algo, só o indispensável, uma vez que não pude fugir dessa responsabilidade.

Pretendo, pois, só transmitir a verdade se a memória me for fiel.

TERESA (HÉLEN)

O NOSSO PRIMEIRO ENCONTRO

Eu freqüentava com assiduidade o “Abrigo Tereza de Jesus”¹ onde tenho muitos amigos. Ouvia sempre com grande prazer, às quartas-feiras, à noite, as preleções espíritas do grande e abnegado trabalhador da Seara, o irmão Inácio Bittencourt, cujo para mim foi um verdadeiro apóstolo da Caridade e doutrinador dos mais competentes e inspirados. Muito aprendi com ele e sempre aprendo quando tenho a ventura de ouvi-lo.

Em 1930, em uma quarta-feira, às 8 horas da noite, quando eu entrava na sala das sessões, deparei com uma criatura simpática que, pela primeira vez, via naquela casa. Tive desejos de sentar-me a seu lado, mas pensando melhor, fui ficar bem distante, no meu lugar predileto. Dominei-me durante a sessão para não procurar vê-la; a minha concentração, porém, foi bastante prejudicada, o que nunca

¹ (*) Um dos mais acatados educandórios espíritas brasileiros, sito à rua Ibituruna ns. 53 e 91, no Rio de Janeiro.

me aconteceu. Na verdade eu não prestava atenção preferente a nenhuma moça, por mais linda que fosse; agora, não sabia explicar como aquela criatura desconhecida se transformara em imã, para mim.

Finalizado a sessão, retirei-me olhando-a mais uma vez, e de novo, achei-a encantadora.

Passei pela Secretaria para falar a um amigo, e, ao sair, ouvi que alguém me chamava. Era um dos diretores do Asilo, Dr. Henrique de Andrade. Aproximei-me e dele ouvi:

— Esta senhorita está pedindo uns passes, quererás praticar essa caridade?

— Pois não — respondi.

Era a mesma senhorita que eu havia visto pela primeira vez.

Fomos ao refeitório, naquele momento o local mais apropriado para a concentração. Uma senhora nos acompanhou; soube depois ser a sua progenitora.

Terminados os passes, disse-lhe:

— Venha sempre aqui, senhorita, às quartas-feiras, caso queira que continue dando-lhe passes e, se quiser também nas terças-feiras, poderá ir à nossa casa, à Rua José Higino n. 13, e assistir se lhe aprouver, as nossas sessões práticas e de estudo. Assim falando, entreguei-lhe o meu cartão de visita e acompanhei-as até o portão, onde nos despedimos.

* * *

Escusado é dizer que desse momento em diante, aquela figura angélica não mais saiu da retina dos meus olhos.

, Na terça-feira seguinte, com surpresa para mim, ela apareceu em companhia da sua mãe, à nossa casa, assistindo aos nossos trabalhos e recebendo passes.

Assim, durante muito tempo, nos encontrávamos nos aludidos dias, e fomos mantendo relações amistosas, indo mesmo à sua casa, a seu pedido, por várias vezes, a fim de dar passes a outra pessoa enferma de sua família.

Quando me relatou os lugares por onde andara, em busca de melhoras, tomei mais interesse pela sua saúde e, resolvendo-me ouvir o Pai Jacó, fui mais vezes à Jacarepaguá para consultá-lo, por uma médium de minha inteira confiança.

O meu amigo achou-a bem doente, ser o seu estado um cristal e disse-me: “Tenho, porém, confiança em Deus, de que poderei restituir-lhe a saúde, mas sujeitando-se às minhas prescrições”. Ela aceitou-as, ausentando-se desta Capital, onde² foi tratada por ele, Pai Jacó. Esse tratamento foi longo, um ano mais ou menos.

Eu ia aos domingos levar-lhe os medicamentos que me pedia e também respostas dadas às suas consultas, algumas frutas, etc.; procurando ainda distraí-la um pouco no seu isolamento de entes amados em que se achava, pois ninguém, absolutamente ninguém do Rio a visitava.

Nos rápidos momentos em que me achava com ela, acompanhava-a em passeios rápidos pela cidade ou arredores, por ela própria escolhidos; regressando à estação na hora da saída

² (*) Barão Homem de Mello — Itatiaia.

do trem.

Ela recebia-me sempre com grande alegria — e com essa alegria que eu lhe proporcionava, sentia-me pago pelo sacrifício que às vezes fazia, em afrontar tempestades fortíssimas ao sair de casa, pela madrugada. Como me era sempre agradável esse sacrifício!

* *

Assim fomos solidificando mais e mais as nossas relações de amizade que, principalmente de minha parte, sentia-a mais forte. Por que? Não sabia explicar... Depois, já era eu quem não mais podia passar sem visitá-la. Quando acontecia não ir por motivo imperioso, passava o dia ou os dias sem achar graça em coisa alguma. Não sabia ainda que havíamos tido ligações no passado.

Comecei, então, a pensar seriamente nessa simpatia tão grande que se apoderara de mim, quando eu havia dobrado a montanha da vida material.

Como nunca, na minha vida, havia sentido atração tão vibrante como no momento, esforcei-me por arrancá-la, ou melhor, em esmagá-la, “antes que tomasse proporções maiores”, pensei; mas, a minha força de vontade, sempre forte na luta de todos os dias, verificava agora ser impotente para calcar esse sentimento que, sem saber, já havia criado raízes profundas no meu ser. Ainda assim não desanimei. Procurei lutar ainda, mas em vão... Nessa situação, lembrei-me do amigo Pai Jacó, para que me orientasse sobre o que significava essa prisão, essa simpatia tardia, que brotara no meu coração. Expliquei-lhe ainda que empreguei todas as minhas energias no sentido de subjugá-la, sem nada conseguir.

Respondeu-me:

— É afeição profunda e antiga, de existências outras, que jamais morrerá. Na Espanha, em Barcelona, foram irmãos únicos e muito se amaram. Viviam um para o outro, ela mulher e tu homem; eram fidalgos —, e concluindo para: “Continuem amando-se muito, cada vez mais, meus amiguinhos”. E afastou-se. Assim, não pude perguntar-lhe mais nada, mas o pouco já era alguma coisa para a explicação do enigma.

Satisfeito, comuniquei à minha doente o que aconteceu e ela mostrou-se muito alegre e, constantemente, conversávamos ou dissertávamos sobre o assunto, como se nos pudéssemos recordar da nossa vida de infância em Barcelona.

Teresa, a doente e irmã querida, quando em Espanha — Branca de Soles de MonfAlveme —, restabelecida completamente, teve alta, voltando ao seu lar.

Depois, nos encontrávamos freqüentemente ou em sua casa ou na cidade; ela sempre amável e gentil, continuando, desse modo, a cultivar a sua amizade — que eu tanto prezava.

Decorrido, porém, mais algum tempo, nos encontrávamos menos vezes, depois... raras vezes e, por fim, o seu afastamento foi completo! Tenho certeza absoluta que não lhe dera motivo algum para proceder comigo desse modo. Deve ter sido vítima, sem dúvida, de alguma “influência estranha”, que não lhe dera tempo de medir o mal que, com o seu afastamento, ia causar à minha saúde. Esta alma branca, em plena consciência, seria incapaz de proceder de

modo tão injustificável, mormente quando nunca lhe fiz mal algum. Quem sabe se não se trata apenas de uma tempestade em um copo de água? Deus que tudo vê, será o meu Juiz!

PAI JACÓ (JACÓ KEEUCH)

Como já vimos neste relato o papel que o meu grupe, através dos séculos, desempenhou esse personagem, posteriormente meu amigo, quando (como espírito) em Egipto, envenenara a minha esposa Zaida por vingança, fazendo-a contrair a tuberculose que a levou ao túmulo — era, agora, o mesmo espírito que, curava a nossa irmã Teresa (Zaida) da sua enfermidade!

Já vimos as existências outras do Pai Jacó. Falta a última fase, a atual, após a sua em Dinamarca, quando “imediate” do transatlântico de que eu era o “comandante”, o único sobrevivente do naufrágio.

Em traços rápidos vamos narrar a sua vida, na última encarnação.

Primeiramente, devo relatar como nos conhecemos no presente, depois que ele partiu para o Além, deixando-me ainda aqui. A nossa amizade continua: ele da vida do Espaço e eu da Terra, unidos pelos mesmos laços do amor de outrora.

Nas sessões presididas espiritualmente por Pai Jacó, em Jacarepaguá, à Rua Cândido Benício, sendo diretor material — o general³ Jacques Ourique —, e que se realizavam poucas vezes por ano (quando determinadas do Alto) — só podiam assistir as pessoas indicadas, dois dias antes, pelo guia (Joaquim) da médium, em cuja residência tinha lugar essas sessões.

Joaquim é um espírito de luz, companheiro inseparável de Pai Jacó; apresenta-se aos videntes como um menino de 7 a 8 anos, cabelos ruivos e cacheados, com um grande laço de fita na cabeça, camisolinha alva e muito travesso.

Sempre o meu nome era contemplado entre os doze indicados, na lista dos que deviam ser avisados.

Nessas reuniões, além das vidências lindíssimas, havia também manifestações físicas, escritas diretas, chuvas de pé- tálas de rosas naturais sobre a mesa e a assistência; e ainda o que de mais estupendo nos era proporcionado assistir em vida: preleções do grande Santo Agostinho, que depois da sua saudação em latim, produzia um poema, em versos decassílabos de tal elevação e beleza, que jamais foram por nós ouvidos na Terra! Não há termos em que se possa traduzir essa elevação e beleza que a todos extasiava, durante trinta ou quarenta minutos, e que em catadupas brotavam dos lábios da médium.

Quando terminava esse hino celestial 'e se fazia a luz clara, não havia face que não estivesse umedecida de lágrimas — lágrimas de satisfação, de encantos e de êxtases!

Nesses rápidos momentos, nos sentíamos como que nas regiões superiores... “A última túnica de Jesus, tecida por Maria”, “Como me tomei um crente” e “A casinha de Maria” perduram ainda no fundo da nossa alma — e duração eterna- mente pela sua grandiosidade

³ (*) Desencarnou em 1931.

e sublimidade sem par. De entre os presentes, não havia quem pudesse reproduzir, mesmo em parte, as suas concepções estupendas!

Eram esses os trabalhos presididos por Pai Jacó ou Antônimo Silas, como se chamava em Espanha, quando médico notável na cura da tuberculose, como já vimos.

Foi assim que, conheci, na atual existência, o Pai Jacó, por um *acaso*, dirão os leigos, que julgam poder existir “acaso – -inteligente”. Era o traçado, o delineado, o que deveria acontecer no momento preciso. Tínhamos de nos encontrar novamente para a proconsecução de nossa tarefa, embora ele do mundo espiritual e eu do material. Ele tinha que curar Teresa, da mesma enfermidade que a matara quando Zaida. Já vimos o que lhe acontecera, pelo seu desmedido orgulho, em Madri e à sua eleita Branca Soles de MonfAlveme.

Estava, pois, ligado a nós e a cura completa de Teresa lhe interessava tanto quanto a mim. Tínhamos de nos encontrar desse modo fatalmente... trabalho que coube a meu anjo de guarda e ao seu espírito já iluminado.

Como se vê, há um encadeamento, uma força oculta que dirige o destino da criatura para duas únicas finalidades — o *Amore* e o *Resgate* — pelo amor ou pela pena de Talião —, para nos depurarmos das nossas inferioridades.

— Quem foi Pai Jacó na atual existência, após a de Dinamarca? É o que vamos relatar, repetindo de memória as suas próprias palavras, que faz uns seis anos, mais ou menos, em Jacarepaguá, estando eu presente e outras pessoas íntimas, tais como o general Jacques Ourique, Álvaro Duque Estrada Bastos.

“Nasceu em Guiné, na África, se não me falha a memória, pois estou escrevendo estas rápidas notas do meu leito, enfermo, bastante enfermo, apenas duas ou três tiras de papel por dia. Tenho receio de partir sem terminar este encargo.

Criança ainda, veio ao Brasil, como escravo.

Foi comprado por um fazendeiro, que era um homem rústico e de coração duro, que nunca na sua vida foi capaz de chorar nem por sua dor nem a dos semelhantes.

Em criança chamava-se Jacó, não sabendo se foi ou não batizado com esse nome. Depois já de velho passaram a chamá-lo Pai Jacó, coincidência digna de meditação.

Sempre fora resignado, humilde e trabalhador. Gozava da confiança do seu patrão, a quem sempre procurava servir satisfeito e da melhor boa vontade.

A véspera de Natal, para festejar, era costume do seu senhor convidar, para o lauto banquete, todos os seus vizinhos fazendeiros a passarem a noite na sua fazenda, com grande fogueira onde dezenas de pessoas se reuniam e dançavam até o alvorecer.

Desde o dia 22, o seu senhor havia comprado perus, patos, galinhas e leitões para a festa do dia 24 de Dezembro. Designou o Pai Jacó para tomar conta destes para que não fugissem.

Na manhã seguinte, verificou o senhor que desapareceram, por um buraco feito no cercado de taquara, muitas aves e animais.

Indignado pelo acontecido, mandou prender o Pai Jacó em uma enxovia apropriada, sem luz e sem água, depois de recriminá-lo asperamente e ordenou ainda que nenhum alimento, nem água lhe fosse dado.

Na manhã do dia 24, apareceram no terreiro, não se sabe como, todas as aves e leitões desaparecidos.

Na madrugada desse dia, Pai Jacó, na sua prisão, ajoelhou-se e, em uma prece sentida entre lágrimas, pedia a Jesus que o seu amo não o culpasse da falta de que estava inocente e orando também por ele, para que recebesse do céu a luz de que carecia; que a ele concedesse a resignação e humildade que necessitava, para suportar a sua ira e a fome, porque estava passando e não sabia quantos dias continuaria assim, sem uma gota de água na sua prisão.

Ao terminar a sua prece, viu clarear-se, repentinamente, a prisão, abrir-se o teto e aparecer um anjo, que lhe parecia o “menino Jesus”, trazendo, sorridente, em uma das mãos, um pão muito alvo, e na outra um copo com vinho, dizendo-lhe com voz angélica. “Pai Jacó, trago-te, meu amigo, este pão e vinho”. Jacó, estupefato, ajoelhou-se novamente, chorando de alegria e fitando aquele menino, que pairava no espaço, à pequena altura, envolto em muita luz.

O escravo comeu o pão e viu que saíam chispas de luz do mesmo, cada vez que levava aos lábios; depois bebeu o vinho e o menino Jesus, sempre de fisionomia sorridente, abençoou-o com as suas mãozinhas rosadas e desapareceu, fechando de novo o teto e voltando a escuridão em que se achava. Mas, pouco tempo durou essa escuridão, pois notou que, pelas frestas da tosca e pesada porta, partiam raios luminosos que ele admirava; sem saber explicar o que era, ajoelhou-se novamente e em uma outra prece cheia de gratidão, agradeceu a Deus a sua misericórdia.

Quando terminou de orar, ouviu rumores de fora e vozes que se aproximavam; abriu-se a porta e apareceu o seu senhor, seguido do feitor e de outros escravos, e lhe disse:

— Pode sair, Jacó — e ordenou a um dos escravos que lhe fosse dado alimento, respondendo-lhe ele:

— Não preciso comer, meu senhor, ninguém abriu até agora esta porta.

— Como, então não tem fome?

— Porque na madrugada do dia 24, creio que era de madrugada. .. eu fiz uma oração a Deus e abriu-se este teto. O menino Jesus veio cheio de luz com um pão e um copo de vinho e deu-me. Comi o pão do qual saía uma espécie de fogo, e bebi o vinho que era saboroso.

“Depois, o menino Jesus subiu lentamente e desapareceu, fechando-se de novo o teto da minha prisão.”

“Por muitos dias, meu senhor, não precisarei de alimentar-me. O meu senhor — continuou Jacó —, que ouvia como que petrificado a minha narrativa singela e verdadeira, ficou olhando-me admirado e pelas suas faces corriam grossas lágrimas, lágrimas que ele as vertia pela primeira vez na sua vida; pois nunca chorara assistindo, embora, a morte de pessoas familiares, por muitas vezes!... Chorava, sim, pela primeira vez aquele coração endurecido, que não havia dor que o abatesse.

Daí por diante o meu senhor mudou completamente: tratava bem os escravos e, portanto, a mim também, inteiramente regenerado, dando-me a liberdade quando já doente e sem forças para trabalhar. Pouco tempo, entretanto, durou a minha liberdade terrena, porque parti em busca de uma liberdade muito mais ampla, onde me acho, graças à caridade do Nosso Pai.

Oh! como sou feliz! Como bendigo os sofrimentos porque passei na Terra!

Quanto maiores são os sofrimentos que não buscamos pelas nossas maldades, maiores são também as dádivas do Céu!

Felizes dos que sofrem com resignação e humildade, porque sem essa resignação e humildade, teremos de recomeçar na presente ou em nova existência, as nossas tarefas de resgaste.

Devendo o meu progresso espiritual à minha condição humilde⁴ de escravo, e não de branco e grande médico em Espanha, prefiro que me chamem Pai Jacó e não Antonino Silas; e sinto-me bem quando posso falar na minha *meia língua* de africano, *no meio de íntimos*, na Terra, o que não posso fazer no meio de desconhecidos, para que não me julguem dos “Candomblés”.

Parte das comunicações de várias procedências, recebidas dos meus amigos do Além sobre a trama envolvente dos personagens da presente novela.

LEONARDO S. TORRENTS. 21-12-33.

Boníssimo e muito caro amigo Leonardo⁵

Seja Deus louvado em todas as fases da nossa triste existência de sofrimentos e dores.

Triste, digo, visto que os sofrimentos como provas do nosso fracasso, vem sempre melhorando a nossa personalidade, de existência em existência, ou em fase em fase.

Tuas etapas foram de progresso, conquanto os sofrimentos tivessem seu cunho de força, devido às grandes missões perdidas, porque quanto mais elevação, maior abnegação.

Quando se chega a um certo grau de conhecimentos mais elevados, também são as missões que nos prendem aos sofrimentos!

Sofre, pois, querido, consciente de que este teu sofrimento encerra *uma grande tarefa de amor e bondade*, visto que são vibrações de espírito que te impulsionam, uma vez que ps sentimentos materiais foram por ti calcados, voluntariamente, para te elevares mais.

Esta ambição de conquistares o que desejas é pelo gozo de um bem cumprido, portanto,

⁴ (*) A humildade é uma virtude conquistável, como de resto são todas as virtudes, atributo inalienável do Espírito. A sua manifestação e efeito independente da lembrança desta ou daquela posição social que haja tido o Espírito na vida terrena, como a indumentária, mesmo a mais rica, em nada modifica o caráter real do homem. Certamente, as virtudes são os efeitos do progresso de cada Ser espiritual.

O Espírito não tem linguagem — tem pensamento. O pensamento é a teoria da palavra. Não confundam — N. do R.

⁵ (*) Leonardo Severo Torrente, sub-diretor da Contabilidade do Tesouro Nacional, desencarnado a 26-1-35.

sê calmo e resignado porque tudo tem o seu *porque*.

Não te afirmarei a perfeita conclusão do que tanto desejas no cumprimento de um compromisso espiritual, moral e material para não provocar acontecimentos; entretanto, afirmar-te- ei que *vencerás*, mas é preciso calma e paciência e, ainda mais parcimônia na ação e nos gestos, como na palavra.

A prece vencerá melhor. Conversa, expõe os teus pesares, mas aos teus verdadeiros amigos que, na Terra, são bem poucos.

Deus te abençoe, visto que te vais -acomodando aos salutares conselhos de quem vela por ti e melhor conhece as tuas necessidades.

Confia e espera, porque o *traçado não fugirá à rota*.

Deus é Bom e Misericordioso. Ele ouve os teus lamentos, aliás bem justos e envia os mensageiros de Jesus para fluidificar-te, para que não seja alterada a tua saúde e não percas o fruto de tantos e tão elevados trabalhos e lutas!

Os momentos se aproximam de sua finalidade e é necessário que os mais beneficiados, isto é, os que, como tu, mais têm alcançado, possam dar, aos que ainda lutam, a prova de sua capacidade espiritual e moral.

Procura, sempre, orando, repousar para que teu espírito, em vôo ao Espaço, possa receber a força e o alento de que careces.

Paz! Que a doce, maravilhosa paz de Jesus te envolva.

Antonino Silas.

★ ★ ★

4-1-34.

(Trata-se de minha missão espiritual e do assunto particular que ocupava todo o meu pensamento). Leonardo Torrents.

Bom e querido irmão.

Que a paz do Mestre Divino fortifique a tua alma de efeito ao bem, suportando, pacientemente, as provas decorrentes das faltas da que tanto amas.

Para ti, é sempre alviçareira alegria, receberes as mensagens dos teus verdadeiros amigos, o que te é concedido em virtude da confiança absoluta que tributas à *Verdade*.

Para nós, amigos, é de profunda alegria a certeza da tua fé, a confiança que a nós te prende e o amor impoluto que nos prende a ti.

O elo fraternal, que nos liga, vem de longas eras e foi criado por abnegações indescritíveis, *por altruísmo sem par*.

Vencemos muitas épocas de lutas, entretanto, a maior luta é a do momento, que decidirá da *nossa quitação completa*, isto é, tu da Terra e eu da vida espiritual, cuja união por laços indestrutíveis, formaremos barreiras a fim de vencermos o mal, para que a humanidade sinta o refrigério do bem.

Fortifica-te na fé e na bendita caridade, para que possas terminar a nossa tarefa, pois, no momento preciso, sentirás, mais de perto, a presença dos teus amigos.

Vais ver alguma coisa quando menos esperares; prepare-te, pois.

A prova terminará quando tiver chegado ao seu auge, já que não pode haver vitória sem luta.

Grande será a bonança, depois de passada a pior fase, que o que te parece muito intensa, agora é início, ainda da borrasca. ..

Prepara-te, amigo, recrudescendo de vigilância no preparo do teu eu e do teu ambiente.

Nenhum acontecimento deve ser surpresa para ti, visto que teu espírito está, assaz, preparado para tudo suportar e vencer.

Nem de leve podes supôr o *quanto de elevado e bom te envolve*, no mundo espiritual!

Sê bom e caridoso, perdoadando ainda, amando sempre!

Confiamos em ti, na tua força e perseverança.

Faze dos teus momentos de repouso verdadeiro ambiente de paz e reerguimento espiritual, para que, também, a tua matéria se reabilite para o verdadeiro cumprimento da tua grande tarefa.

Adeus, querido amigo, que a suavíssima paz de Jesus e a assistência dos justos te reanime para os grandes surtos do teu e... nosso progresso.

Adeus.

Antonino Silas.

★ ★ ★

10-11-33.

(No dia 6, meu aniversário, sentindo-me triste, fui passar o dia em Petrópolis. Meditei durante toda a viagem).

Amigo irmão Leonardo.

Que a doce e suavíssima paz do Divino Jesus te envolva no eflúvio santo do Seu puro amor!

Centelha do grande todo, ascenderás um dia, às moradas felizes da harmonia e da bem-aventurança, onde habitam os bons que já foram premiados, os justos, os pacíficos, os humildes de coração, visto a frase do Divino Pastor: os humildes herdarão a glória!

Amigo. Fiel ao cumprimento de uma suave promessa, venho, também, hoje, embora que te pareça tardiamente, trazer-te as minhas flores siderais, neste ósculo carinhoso que, levemente, toca a tua fronte austera, onde se lê a mais sincera das boas vontades, onde nítida se estampa a retidão dos teus atos.

Sou uma amiguinha sincera e reconhecida que, por mais que procurasse, nunca poderia expressar a imensa amizade que nos liga.

Observei com verdadeira emoção espiritual o que sentiste no dia do teu aniversário e, por isso, procurei reanimar-te e, alentando-te, acompanhei em todos os teus sentimentos.

Percebi o engolfar do teu espírito na meditação, à medida que escalavas a altitude acridoce das montanhas, que mais te separavam da ingratidão e tão magoado suportavas.

Que melhor presente poderia eu ofertar-te, amigo, que o carinhoso auxílio dos sentimentos bons que a ti me ligam?

Ouvi que, a alguém, disseste: *“nada recebeu para mim?”*

Vim, pressurosa, pedir a este alguém que se prestasse a transmitir-te o que, ora, te ofereço:

“As vagas encachoeiradas, também, se retêm, no seu curso, para formar catadupas mais fortes num maior ritmo de forças!

Também as brisas se detêm nas corolas das flores, retardando o sussurrar sonoro de seu frescor...”

Assim, me detive, também, e, só hoje, venho trazer-te o ramalhete perfumoso das minhas flores etéreas, para aureolarem a tua frente augusta.

Fui tua filha, em vida passada, amei-te muito e muito me amaste! Sacrificaste por mim, felicidade, vida, tudo!

Que sublime abnegação!

Adoro-te e por ti tudo farei para ver-te feliz, mas... a felicidade que tanto almejas, com real abnegação, parece fugir-te; não te importes, amigo meu, tudo tem sua hora! Continua firme e alcançarás essa felicidade, porque a fé verdadeira, a perseverança sincera transpõem montanhas.

Tudo passa. Também as catadupas da procela gemem, sussurram e choram, mas... passam. Assim, a procela que agita o teu espírito passará, levando consigo as ilusões falazes da vida, cheia das quimeras da mocidade, ilusão e descrença.

O crepúsculo sussurra, brandamente, tenuemente, soluça-te, chorando o passado fugidio; as ilusões desfeitas e a alma combalida chora, procurando aquecer-se ao calor da chama que lhe crestou a felicidade e sente, então, premência de amor, de vida, de luz, que busca com afã! Aí, então, a missão se cumpre.

Amigo, sente a realeza do amor profundo que já não se promiscue às coisas efêmeras e, com paciência e coragem, cumpre a tua missão, semeando carinho e perdão, amor e conselho.

Não me esqueci de ti no dia da colheita das tuas flores, nem isso poderia ser, pois acompanho-te passo a passo e, nunca pagarei os juros do que, por mim, fizeste!

Somente hoje, encontrei essa possibilidade de vir falar-te de um passado tão longínquo e um presente tão real. Deixa que seja eu hoje, como outrora, o elo desta cadeia de um passado tão distante e um presente tão perto.

Sua beleza, sua posição a tornam orgulhosa. Que queres? Não tem, ainda, a fé precisa para calcar os encantos sedutores da mocidade, que passa e que, breve, a fará sentir o isolamento da sua própria fraqueza, para que logo procure o amor sincero, a que não se soube aliar e, então, realizar-se-á o que foi traçado.

Consola-te, amigo, que muito tens recebido do Senhor! j

Abranda com carinho as ondas que se chocam e sentirás, brevemente, o cicio das brisas fagueiras da bonança...

Osculo-te, com o mesmo respeito, com que outrora te osculava a mão protetora e peço ao Bom Deus que possas sentir, neste ósculo puro, o refrigério para tua alma. Adeus. Até um dia,

no planeta da paz.

Jerusa.

★ ★ ★

7-1-34.

Meu bom amigo.

Paz, querido, no perfume bendito desta flor singela e pura,

— *a Fé.*

Graças a Jesus, o Divino mediador e diretor nosso, venho, hoje, mais uma vez, trazer-te, querido amigo, as flores puras do meu afeto ou o perfume sideral do grandioso afeto que nos liga desde remotas eras; quando, em uma longínqua paragem do Oriente, na Síria, numa noite, que regressavas da pesca, tropeçaste em qualquer coisa que te chamou a atenção; tomando nos teus braços caridosos o objeto que te embargara o passo resolutivo, que nunca encontrara tropeços, deparaste, com surpresa, com uma criança, enrolada em alvas cambraias e holandas custosas.

Levaste para a tua cabana o precioso achado e, qual não foi a tua surpresa ao deparares com uma linda menina, toda aleijadinha, que mais parecia uma aparição do que uma realidade!

Começou, desde então, querido, a tua abnegação pelo desditoso ser que conquistou toda a tua piedade, todo o teu afeto e eis porque veio, depois, *Jerusa* povoar de carícias e amor, de gratidão e coragem a tua vida de cigano...

Ah! Como te sou grata, amigo! Só mesmo tu, com a tua grandeza de alma, te poderia condoer da infeliz enjeitada, filha de uma falta, nascida na opulência, em tão tristes condições e em tão dolorosa prova!

Meus olhos tinham a cor do céu, desse firmamento azul que servira do docel à pobre enjeitadinha e que contemplos, hoje, em evocação!

Dedicaste a tua vida ao pobre ser que, apenas, rastejava, mas, que tinha fisionomia dos mártires e tudo fizeste pelo seu bem e para que fosse suavizada a sua prova.

Essa criatura foi a mesma alma que animou, mais tarde, o meu corpo, para proporcionar-te a recompensa do que fizeste pela pobre aleijadinha-enjeitada!

Oh! Meu amigo, como a gratidão eleva as almas!

Como compensação ao bem que me fizeste, dediquei-me, de toda a minh'alma, a ti, e eis porque te venho trazer, hoje, mais uma vez, a centelha do meu amor neste afeto e nas carícias de

Jerusa

★ ★ ★

19-1-34.

(Procurando alentar-me).

Meu querido amigo.

Que a paz bendita da consciência envolva teu espírito, para os surtos do teu crescente progresso.

Nò constante acalentar dos teus sonhos de ventura espiritual, mantidos pelo desejo ardente do cumprimento de uma missão de amor, junto a uma criatura tão cara; peço, ardentemente, a Jesus dar-te a força precisa para não desanimares ante a pequena e passageira borrasca, como expressei quando, pela irmã Albertina, palestramos pela última vez.

Trata de revigorar o teu físico, de elevar, cada vez mais o teu espírito e procura (simulando, embora) fazer crer que a *esqueceste* e verás como as coisas, brevemente, mudarão, pois, conforme afirmei, *ninguém foge ao destino traçado*.

Essa união se realizará quando menos esperares, mas é preciso que, disso, te despreocupes e com resignação e coragem te eleves mais, procurando, mesmo esquecê-la.

Ora, confia e dá tempo ao tempo; deixa que a tua Jerusa não te abandona um só momento, orando com o maior fervor para ajudar-te e a ela.

Adeus, amigo, não desconfies do grande afeto que ela te dedica e que a faz sofrer, também. Mas...

Alguma coisa se cumpre que, só mais tarde, saberás claramente, visto que, agora, só te pode ser revelado em síntese.

Aceite o meu ósculo singelo e puro, no puro amor da

Jerusa.

★ ★ ★

5-4-34.

(Pouco antes da borrasca que ela — Jerusa — já conhecia e que se aproximava).

Leonardo.

Quer, suavíssima desça sobre ti, a paz do amor dos justos!

Que sorvas, sempre no amor do meigo Jesus, a vida do espírito, bem como a orgânica que se concretizam no mesmo ponto.

Distendo, mais uma vez, sobre ti, querido amigo, o manto diáfano do mais puro afeto que nos ligou, **liga e ligará, eternamente.**

Sinto que a Terra, que habitas ainda e, porque pediste mais esta missão de amor e amparo, gema, cada vez mais, subjugada pelas correntes do mal, que são pólos negativos das forças do bem. Que fazer?

Correr com as forças benéficas em auxílio dos que se asfixiam, que são nossos irmãos mais infelizes, necessitando do amparo, daqueles que se acham em melhores condições, como tu, por exemplo, da Terra e eu, do espaço.

Ajudemos, amigo, como sempre o fizeste, como a mim o fizeste, para que esses pobres irmãos não sossobrem e sim que se levantem, auxiliados pelas nossas forças, porque também já fraquejamos muitas vezes, e o braço bendito de outros amigos nos amparou!

Venho, das esferas da paz, afagar-te a fronte enca?iecida pelos sofrimentos decorrentes das fraquezas dos que amas, para auxiliar-te a vencer, como vejo, com alegria, que vai sucedendo.

Deus te abençoe, querido, e permita que creias, sempre, na tua d'alma.

Jerusa.

★ ★ ★

26-6-34

(Procurando levantar o meu espírito ferido e abatido).

Meu amigo.

Ora, sempre, por ela, para que Deus a ilumine.

Sofra, meu amigo, com resignação e coragem, porque a dor santifica a criatura.

Meu amigo, Deus está atento e cumprir-se-á Sua vontade.

A luta é necessária.

Outrora, também, a tua vítima sofreu do teu orgulho e vaidade. Sofra, também, agora, meu amigo, até que Deus diga *bdsta!*

Não faças dela mau conceito. Ela é boa criatura. Espera. Tenha confiança no Pai Celestial.

Precisas reerguer-te, amigo, para a tua tarefa, que é bem mais sublimada que colheres essa flor tão cheia de espinhos.

Jerusa está vigilante!

O traçado tem muita força. Tranqüiliza-te, amigo.

Os teus amigos estão a teu lado, pedindo a Deus por ti e ela Teresa.

Que a paz de Jesus fique no teu coração, amigo.

Jerusa.

★ ★ ★

7-12-33

(Sobre a minha carta de 23 de Novembro, não respondida, mas que foi comentada por todos que a leram.)

Prezado amigo.

Que a serena paz de Jesus Cristo te envolva para os grandes lances a que teu espírito deve estar bastante habituado, visto as longas etapas de luta, com a diversidade dos sentimentos dos seres a quem tanto tens amado, com real abnegação.

Deus e Jesus te darão a força e a coragem precisas para, com altruísmo, relevares com amor e perdão, as fraquezas dos seres a quem tens devotado o maior amor e dedicação.

Dá tempo ao tempo, amigo irmão, orando sempre, para que entre tu e os seres que recusam o *cumprimento da tarefa* fique estabelecido inquebrantável, o traço de união para todos os efeitos, na finalidade das vossas atribuições.

Deus faculta às criaturas os meios ou o "livre-arbítrio", de que elas abusam, quando mal orientadas e sem o compreenderem, tanto mal vão acarretando, a quem só bem merece.

Nem todos colhem flores sem se ferirem nos espinhos, este é o caso da nossa irmãzinha; benevolência e piedade para ela!

O efeito produzido pela carta de 23 de Novembro tem um misto que deixo ao teu arbítrio, visto nem

sempre nos ser permitido atingir os direitos de liberdade de cada um, no que deves resignar-te. Os comentários variam, segundo a idéia de cada um. A apreciação da irmãzinha que, embora *lutando, às vezes, com a sua consciência, mostra-se resoluta* e procura até *evitar-te* para esquivar a voz da consciência que lhe chama à realidade, sendo *justificada* pelo que lhe vai no preconceito.

Jamais serás desamparado e estende, mais uma vez, a tua proteção espiritual, a tua piedade sobre quem, pelos seus conhecimentos esclarecidos, já deveria proceder de outra forma.

Pobrezinha! Ao menos que a misericórdia de Deus e a tua piedade, a auxiliem!

Paz e luz, amor, força e coragem é o que te deseja o menor dos teus companheiros, que te assiste em todos os teus atos de elevação e caridade, bendizendo a fé, que fez de ti um resig-nado, e o sofrimento, que de ti fez, ontem e hoje, um regenerado.

Adeus. Aceita a dedicação espiritual e sã do menor dos servos de Jesus.

Antônio de Oliveim.

★ ★ ★

28-9-33.

Permita Jesus, o Mestre Divino e Puro Amor, que possais assimilar com alegria e calma o fundo teórico da sublime Mágica Divina, que existe no concerto harmonioso da Criação.

Tudo se movimenta no encadeamento de todas as coisas que, teórica e matematicamente *se ligam* para os Divinos preceitos do amor e da felicidade.

Preconceitos, vaidades, orgulhos néscios, são fatores do estacionamento humano.

Felizes daqueles que podem compreender a grandeza maravilhosa do movimento cósmico que nos liga e nos conduz, entre os choques das tuas vibrações.

A obra de Deus, gigantesca na sua concepção, é tal qual sentimos na harmonia de todas as vibrações. Somente aqueles que são de boa vontade podem compreender o maravilhoso dos fatos.

Jesus, o Instrutor sublime das maravilhas divinas, os resumiu em duas máximas estupendas: Amar a Deus e ao próximo!

Na execução desse plano maravilhoso está a felicidade, que é a finalidade da obra do Senhor.

Todos os sentimentos inferiores, satisfações pessoais ou coletivas, tudo desaparece ante a realidade, que é a Verdade.

Aqueles que fogem ao cumprimento da lei, vencidos pelos preconceitos, ou em obediência a sentimentos menores, terão que tornar a ele em condições mais penosas, talvez.

Tal o fato que prende o meu irmão Leonardo a alguém, que não soube, ainda, ter a elevação de calcar os aludidos preconceitos.

A cada um.....

Deus bendito, lembrai-vos de vossos filhos em falência e deles vos compadecei, por piedade.

Saudares do amigo de sempre, que vos afirma ser o menor dos servos de Jesus.

Ayres de Oliveira

O (Um dos diretores espirituais de Cristófilos e Discípulos de Jesus)

★ ★ ★

14-12-33.

(Explicações e revelações feitas pelo grande espírito, médico do corpo e da alma, meu protetor e amigo).

Glória, sempre glória a Deus, nas alturas do céu e paz aos seres de boa vontade, na Terra e no espaço.

A dor profunda avassala, quase, os corações em prova, mas Jesus lá está, dizendo-lhes.

“A imensidade não é maior que o meu amor”.

Que o dulcíssimo amor de Jesus te envolva, sempre, nos momentos de luta, caro amigo, para que possas ter a força necessária a vencer os momentos mais difíceis.

Digo-te, ainda: “nada se move sem que a vontade de Deus se cumpra”.

Vence pela Fé e Confiança no Senhor esta etapa tão dolorosa da tua vida, não direi a mais dolorosa, visto que tuas existências precedentes foram também escaladas de dores e *sempre amando sem recompensa*, o que te parecia, às vezes, “injustiça”, mas, digo-te eu, não deixa de ser o *porque* do drama formidável de existências outras, primitivas!

Tudo tem uma razão de ser, amigo; luta e vence pela fé e abnegação.

Concentra todas as tuas possibilidades, todos os teus esforços a fim de formares uma aura de perdão e de paz, com o que, a situação será melhorada.

Todo o negror da situação decorre dos comentários; evita, pois, da tua parte, a agravação desse fato e veremos...

Ora, confia que estaremos, ao teu lado, amparando-te e fluidificando-te.

Na verdade, tua saúde se vai ressentindo, visto as noites de vigília, os sentimentos sempre agitados por novos choques, que experimentas.

Moderá-te, amigo, pois é preciso que veles pela tua vida, tantas vezes sacrificada pelo mesmo amor!

Confia, pois, e reveste-te de calma e coragem, procurando repousar e ter paciência. Tudo chegará a seu tempo. Adeus. Teu irmão e amigo

Bezerra de Menezes.

★ ★ ★

6-6-34.

Meu amigo.

Depois que deixei em meu lugar a Jupira, para dirigir os trabalhos, à rua José Higino, do “Centro Amara Deus”, desço, hoje, para te abraçar e dar-te coragem, no transe porque estás passando.

Agradeça a Deus, meu amigo, a oportunidade que te proporcionou de te libertares de um dívida do passado.

Peça-lhe forças!

O mundo espiritual te acompanha com carinho e satisfaz-se com a retidão dos teus atos e a tua abnegação por essa criatura a quem tens o dever de amparar, por solicitação tua, ao baixares.

Perdoa-a e ama-a, sempre, meu amigo.

Confia no Pai, que tudo acompanha, vê e espera.

Tudo tem a sua época própria, o seu dia, a sua hora e o seu minuto determinado pelo Criador, em suas leis imutáveis.

O traçado, meu amigo, tem muita força e só pode ser contrariado pelo suicídio e... coitado de quem se suicidar!

Que Jesus te ampare, dando-te o que mais careceres, nesta hora, são os votos do pequenino trabalhador da seara do Mestre.

Manoel de Andrade.

★ ★ ★

30-7-34.

Mês de Maio, mês das flores, mês de surpresas, de emoção e de abalos profundos à tua alma!

Disseram-te: “da minha amizade, apenas, por favor, podes contar com um resto de estima” e, isso mesmo, sob a condição de não te lembrares mais dela. Senão, nem com esse resto poderás contar...

Mereces esse desprezo?

Teus atos deram lugar a seres assim tratado?

Certamente que não e ela, alma boa que é, só procederia, assim, influenciada por uma entidade má. É o que tu pensas e é a verdade.

Faze bem, amigo, em perdoá-la, julgando-a incapaz de tratar-te como o último dos seus criados. Quando lhe voltar a razão terá que arrepender-se.

Continue, pois, amigo, a orar por ela. À tua linda e mimosa flor, talvez, não caiba a culpa de haver sempre brotado em desertos áridos, sem o rocío do amor; daí o não possuir, ainda, o perfume que completa os encantos de uma flor.

Em várias etapas foi essa a flor da sua predileção.

Ambos combinaram se unir, ainda no presente, mas parece que, desta vez, não mais deseja pousar sobre o teu coração, levada pelos comentários, desde novembro até agora, das que almejam a sua felicidade...

“Uma vez na Terra, devemos viver para as coisas da Terra” — é o que pensam e aspiram e ela terá de ser vencida por esses conselhos.

É o que me parece, vendo-a resistir às vozes e à sua própria consciência, por onde temos procurado falar-lhe.

Só Deus sabe dos seus desígnios.

Estamos contigo.

Adeus.

Marta.

★ ★ ★

13-6-34.

Meu Leonardo.

Quem está presente, nesta hora, é aquele que todos os dias, todos os momentos te fala e que tu pensas ser a voz da tua consciência.

Digo mal, assim pensavas, outrora, quando não conhecias o Espiritismo. Agora, sabes, que é o teu guia — Antônio de Pádua.

Sou o encarregado do teu programa moral e espiritual, de integrar-te e conduzir-te a Jesus, limpo de coração e receberes d'Ele a túnica alva.

Estou satisfeito contigo, meu amigo, e quando terminares a tua grande tarefa, espero ver coroados os nossos esforços, conduzindo-te ao nosso Mestre, quando chamado.

Trate da tua matéria, também, para que possas levar de vencida essa tua missão, de grande responsabilidade.

Deves reagir, tirando do sentido essa criatura que tanto tem depauperado a tua saúde, que pouco lhe interessa.

Se lhe interessasse, outro seria o seu procedimento.

É uma linda flor que, na sua vaidade infantil, tem pisado corações...

Ninguém a merece. É natural que fosse também pisado o teu...

O que estará plantando?

Deixa-a à vontade.

Entretanto, debes, sempre, envolvê-la nas tuas preces e no teu amor; é o teu desejo e o dever.

Houve um momento em que se ascendeu a luz da sua razão, mas a sua vaidade e os conselhos das lantejoulas apagou-a, logo após.

Prefere o que brilha, na Terra, ao que brilha, no Céu. Deixa- a, amigo, que realize a sua felicidade como ela entenda.

Não poderá recriminar-te, porque tudo, absolutamente tudo, suportaste dela, com heroísmo e resignação.

Cuida, agora, de ti, meu amigo, e entregue-a a Deus. Sempre teu amigo

Antônio de Pádua.

★ ★ ★

22-7-34.

Leonardo.

Há quanto tempo não conversamos!

Desde o casamento da Lúcia. Sabes quem sou? A Jupira, guia da Ormindá, que também auxiliava os teus trabalhos, à Rua José Higino, 13, e depois n.º 9. Tenho estado em várias missões aqui no Espaço, mas sempre que posso estou contigo, confortando-te no teu padecer. Sinto-me feliz em ver o teu progresso espiritual, e mais ainda, agora, ao receberes de Jesus a grande missão em que estás, auxiliado pelo Jacques e o Jacó, devendo esforçar-te para o seu êxito completo. Isso vale muito mais que as riquezas da Terra, porque essas não poderás trazer quando regressares.

Não te preocupes mais, amigo, com as criaturas que te procuram diminuir. Cuida da tua saúde que à elas é indiferente!

Paga essa indiferença envolvendo-as na tua piedade.

Deixa-as que tomem o destino que preferirem. Preferem o que “brilha” passageiramente, na Terra, ao que é fixo no Céu. Deixa-as. Talvez seja para o teu bem e quem sabe se não será uma das últimas dívidas que estás resgatando? Só Deus o sabe.

Meu amigo, sofre tudo que puderes na Terra, para que não mais voltes.

E aqui que existe a verdadeira felicidade. Basta ver o suplício dos que têm de voltar...

Assim, meu amigo, cada punhalada que receberes dos que vivem no teu coração, encantando tua alma — recebe-a como uma dádiva do Céu, porque verás, aqui cada golpe transformado em flores, ornando a tua frente. Deverás orar, pois de toda a tua alma, como tens feito, por essas criaturas talvez ingratas, para que quando lhes chegar o arrependimento — que chegará! — Deus possa atender as tuas preces.

Nessa hora serás tu quem mais gozará do perdão, porque em parte, será obra tua.

Como é sublime o Amor!

Jupira.

OLYMPIA S. BELÉM

CONTRIBUIÇÃO

de LEONARDO TORRENTS, jó no Além, no remate desta novela.

Primeira comunicação de Leonardo Severo Torrents, após sua desencarnação, ocorrida a 26-1-35, e recebida a 10-2-35.

Graças, infindas graças, sejam dadas ao divino Mestre Jesus que dirige sabiamente os destinos das criaturas na terra e nos espaços que se ligam à Terra!

Deus vos salve, criaturas de boa vontade, que vos reunis na prática do bem e da caridade!

Desejais, como de fato necessário é, terminar a extraordinária novela das nossas sucessivas existências e eu aqui me acho, para a concluir, graças a Deus, congraçando-se o meu espírito nesta feliz idéia. Pois bem: depois de vos saudar amistosamente, passarei a descrever, com exatidão, os últimos sucessos da pálida fase que se extinguiu, materialmente falando; visto que a alma reata o fio na vida espiritual. Deixamos a nossa novela no momento em que Pai Jacó, sollicitamente pediu-me que eu a terminasse, mas, isto só poderia fazê-lo quando os laços materiais se quebrassem e eis a dificuldade que sempre encontrava quando tentava realizá-lo.

Quando o meu espírito sofria a dura prova da recusa da Teresa, permitiam que assim fique expressado, eu recebi as maravilhosas comunicações de Jerusa que, aliás, são um verdadeiro testemunho, uma matemática prova da verdade, porque tudo se realizou. Bem, eu sentia que não poderia resistir à prova e meu espírito, às vezes, desanimado já em idéias de renúncia, procurava na morte voluntária o alívio que em vão buscava na vida, e até mesmo na fé! Esse anjo adorado que me veio no maior e mais difícil transe acalantar a alma, dava-me a coragem para afogar as dores da alma. E afinal, a matéria combalida já não oferecia

mais resistência, quando um belo dia de sol brilhante, de primavera, a criatura adorada, Teresa, tão cara, aparecendo no limiar do meu exílio, onde eu carpia, sozinho, a minha dor, e resoluta propôs-se não mais abandonar-me em tão cruel emergência.

Oh! era demais para que eu pudesse acreditar na realidade de uma coisa tão sublime!

A princípio, duvidei e relutei. Era inacreditável que todos os preconceitos sociais e de família fossem abdicados pela compaixão que eu lhe inspirara,, ou talvez, pela gratidão que, agora, nela começava a vibrar!

Assim se revelou a linda fada que povoou de ilusões e de tormentos o meu espírito, vítima, talvez, de uma perturbação cruel...

Quem sabe, Deus bendito, interrogava eu orando, se de fato não se realizará agora, tudo o que Jerusa e os demais amigos predisseram?!

Mas, a sociedade com sua lei ferina e inclemente justiça?

Teresa estava irredutível e eu não tive ânimo de recusar a sua dedicação. A sua caridade, pois, era o que eu precisava para resistir melhor o resgate obrigatório, trazido como castigo, talvez, ao meu orgulho e vaidosa presunção.

Como solucionar o difícil problema tão premente em situações desta ordem?

Orei muitas vezes e ela firme sempre, apesar das minhas ponderações, tomou-se a minha companheira leal e dedicada, o meu anjo de caridade e amor espiritual; procurando, como dizia, cumprir aquilo que havia faltado!

Preocupava-me intimamente a sua, ou nossa situação, mas não resistia a alegria de a ver ao meu lado, dia e noite! Egoísmo humano! Chegou, afinal, um dia, a Mafra⁶ de outrora, para, a mando do Alto, trazer as boas novas do plano que se havia de executar e, numa ordenação imperiosa, disse-me:

“Cumpre o teu dever, para que não sejas agora o faltoso.”

À matéria enfraquecida, procurou manter o necessário equilíbrio, e dentro de alguns momentos, cumpria-se a grande promessa da meiga Jerusa e dos demais amigos. A Zaida de outrora ou a Teresa, estava ligada a mim, na sua santa missão de Amor e Caridade, para Deus e para o mundo!

Estávamos, pois, casados. Cessara materialmente o meu estado de viuvez.

Que nos importava a chalaça, os ditos chistosos dos seres pouco escrupulosos? Deus determinara. Estava cumprido. E a Teresa, posso dizer, a minha santa, cumpriu abnegadamente a sua missão de caridade junto ao seu amigo, moribundo que, então, já desejava viver muito ao seu lado e ser com ela, feliz.

Os padecimentos agravaram-se, visto que a matéria não poderia resistir mais e chegavam os últimos momentos, entre o bafejar suavíssimo do amor dos amigos da outra banda, e eu já

⁶ (*) O ato se realizou a 30-10-1934, com todas as formalidades legais e até com superabundância de precauções jurídicas.

gozava os prelúdios desta vida, mais feliz pelo esclarecimento do espírito e pela integração completa de tudo.

Os amigos verdadeiros cercaram-me carinhosamente, enquanto os interessados urdiam a trama terrível de aniquilamento, pois esta é a nossa situação material.

Neste entrechoque, eu deixei,⁷ bruscamente, o pesado fardo de há muito insensível, sobre o leito e em suave rocío de afetuosa amizade, fui recebido no espaço em cujo éter mergulhei-me para somente agora voltar, a trazer-vos a conclusão da formosíssima página desta verídica história de tantas *existências*.

Oh! admirável Teresa! Oh! abnegado coração! Oh! espírito feliz, de cuja luz eu fiz o meu archote, quero agora guiar-te, amparando-te sempre como tributo do que por mim fizeste.

Deixo de falar aqui de outros amigos bondosos e abnegados, porque não é preciso mencioná-los, mas Jesus o sabe e os recompensará.

Tive, nos últimos momentos, a felicidade que poucas vezes se recebe na Terra, de ter ao meu lado o formoso querubim, Jerusa, Pai Jacó e outros que me envolveram e sou feliz.

Continuação — 13 de Fevereiro de 1935 —

Segunda comunicação

Que o perfume bendito da saudade embalsame os vossos espíritos, queridos amigos, e deixem que continue o meu relato.

Sou feliz, disse, porque libertei-me dos inúmeros sofrimentos que me turbavam, apesar do quanto recebia de carinho e bondade dos que me rodeavam, tanto dos do espaço como dos da Terra, especialmente da adorada Teresa, da minha doce e bendita companheira dos amargores dos últimos tempos. Quanta alegria me invade a alma, em lembrar todos os pormenores das múltiplas etapas que hei transcorrido!

Falemos de Pai Jacó:

Quando menino, Jacó Keruch dedicara-se com desvelo à uma criança enferma, das imediações da casa de seus pais. Eles, os pais em reconhecimento, convidaram-no para padrinho do menino e deram-lhe o seu nome.

Jacó Mosamby era filho da Guiné, na África, e conduzido ainda pequeno para o Brasil, vendido a senhor mau que o criou sob o açoite do castigo. Jacó era um santo que sofria atrozmente sem um lamento, sem uma exprobação, por isso a história que conhecemos.

Quando Jacó Keruch trabalhava nos seus misteres nas costas inóspitas do continente africano, depois do grande naufrágio em que Grei sucumbiu; Jacó Mosamby sofria no Brasil a ferreta do seu cativo, tonificando o seu espírito e aprendendo a conhecer a medicina silvestre. Quando Pai Jacó Keruch, nas costas da África, exalava seu derradeiro suspiro, o velho Pai Jacó Mosamby, apoiado ao seu bordão, percorria as matas brasileiras, delas arrancando as plantas medicinais com que tratava dos seus companheiros de infortúnio,

⁷ (*) Desencarnou a 20-1-35.

especialmente das crianças por quem tinha desvelada predileção.

Pai Jacó deixava o cansado farrapo humano, entregue à sua cova rasa, na fazenda de seu senhor; cruel senhor que tanto o martirizara e que acabara reconhecendo a sua bondade; e já seu espírito encontrava-se amparado pelo espírito de seu padrinho, que continuou encaminhando-o e protegendo-o na tarefa de curar.

Jacó Keruch, o fino, educado imediato de Grei, que teve na África a alcunha de Pai Jacó, por ser o pai, ou protetor dos infelizes, outro não é senão o Antonino Sílas, etc..

Com verdadeiro devotamento, Jacó tomou sob sua proteção o espírito do seu afilhado, que também era conhecido por Pai Jacó, não só pela sua velhice, como pela sua reconhecida bondade.

Jacó Keruch permitiu a Jacó Mosamby usar a sua personalidade muitas vezes, como prova da afeição que os fundia em uma só pessoa.

As tarefas de Pai Jacó Keruch ou Antonino não eram as mesmas de Pai Jacó Mosamby, que prepara ainda a sua felicidade espiritual e sente-se desvanecido ao usar o nome do seu amado padrinho.

Os leitores deveriam estranhar a confusão existente entre estas duas personagens que usam o mesmo nome.

Pai Jacó em curas, sob a sábia direção do seu mestre e padrinho, eis explicado este pormenor, aliás, tão interessante.

Agora vou tocar, de passagem, no grande sentimento que vibra as almas mais ou menos esclarecidas já, — O Amor!

Terceira comunicação

Paz, muita paz à humanidade e a ti, meiga Teresa, dedico a última página do livro da minha vida terrena, página esta de luz e harmonia alcançadas nas plagas siderais, pelo sofrimento curtido com abnegação e fé.

Dedicando-te a última página do livro, afirmo-te que a vida espiritual para mim continua mais cheia de luz, de irradiações harmoniosas, de encantos indescritíveis.

Prometi descrever o *Amore* a ti dedico, Teresa-Zaida, este último sentimento interpretado na sua sublime e genérica acepção.

Descrevê-lo, já se-vê, em síntese. Liberto, tanto quanto possível, da chama escaldante do fogo das paixões rasteiras que o transforma, sempre, em atos da mais vulgar frivolidade. Mal disfarçada satisfação dos instintos animalizados—o Amor — perde aí a sua majestosa significação, para tomar-se, então, o veículo do abastardamento do espírito imortal, na transitória forma humana, retardando-lhes os vôos evolutivos!

E ele — o Amor — sem dúvida, a sublime e mais elevada antena que liga uma às outras, todas as criaturas e elas todas ao Criador — o único significado do Amor.

Dentro dos limites em que, na escala evolutiva, o meu espírito se locomove ainda, no grau de sentimentalidade que nele vibra, mantendo-me em ligeiro descritivo, isto é, falo do Amor

doçura, Amor abnegação, Amor perdão, Amor caridade, Amor espiritual, Amor divino... — Amor de Mãe, o sublime sentimento sem interesse... parelha do Amor que nos ligou nos últimos dias dessa minha triste existência material que, estiolar-se-ia à mingua deste *grande bem*, se não fora esse sentimento Divino que te conduziu à beira do meu leito de dor, fazendo de ti uma verdadeira devotada!

Calcaste todos os preconceitos sociais, as censuras ponderadas dos nossos entes caros de tua e minha família e praticaste o *Amor Caridade*, o VERDADEIRO AMOR.

A matéria quase putrefata não oferecia seduções!

Dinheiro, bem sei que tens o suficiente para tua vida material e não te sujeitarias às censuras humanas por uma migalha de dinheiro, mas a tudo resististe pelo cumprimento desse maravilhoso dever, de que nos deu exemplo Jesus.

Oh! Teresa, como o meu sofrer foi amenizado pelo teu carinho!

Como me alentava o convívio daqueles que sabiam compreender a nossa situação!

Aquelas orações fervorosas, aqueles hinos da adorada Je- rusa, tudo, tudo enfim, que formava em tomo de mim o conceito bendito da fé e da caridade; tudo contribuiu para que os desígnios divinos se cumprissem e eu pudesse alçar o meu vôo espiritual em busca do descanso, de que tanto necessitava, após o grande padecer!

Todas as formas de amor são explicáveis pelas necessidades da vida de relação, mas o amor que liga os seres através todas as épocas, isto sim, é o verdadeiro amor.

Deixei-te, querida Teresa, companheira da minha última etapa de dor acerba, mas estava satisfeito, porque todas as missões se cumpriram e tudo servira para o nosso progresso.

Uma pequena nuvem tolda ainda a minha felicidade espiritual, porém estou certo de que essa nuvem passará, posto que trabalhei para conseguir que a luz bendita da elevação espiritual envolva todos os seres.

Desejei descrever o *Amor* e só pude fazê-lo, servindo-me deste traço de união restabelecido nos extremos da minha dolorosa agonia, e este tópico que a todos parece um pequeno lapso de fugitivos instantes, encerrou, para mim, todo um mundo de maravilhosos acontecimentos, cumprindo as terníssimas pro- messas da Jerusa!

Como o meu espírito compreendeu agora o desfecho do grande enredo do drama de nossas vidas! Como é bom dei- xarse esse fardo pesado da matéria e integrar-se o nosso espírito na verdadeira vida!

então» podemos analisar parceladamente todas as nossas misérias e faltas. Nossas consciências se estremecem, mas gaga as tranquilizar somos integrados na Grande Lei — o

Todos os sentimentos bons baseiam-se nesse grande lema: pomcfts criaturas podem definir o grande sentimento que serve de tema à minha última página. Mas, eu peço a todos que a igtecl. às minhas adoradas filhas, almas boas, puras, devo- «aiss ass meus netinhos, inocentes crianças, que iniciam agora tuna sscva etapa de vida; ao meu querido filho e todos os meus mais caros e dedicados, e, especialmente, aos que dedi- mãsznsate comungaram comigo nestes colóquios

sublimes da a acÀts. eu peço como maior e última homenagem ao meu espírito compartilharem do enredo desta última página com o mesmo sentimento com que eu a descrevo, como realmente é, amor **Divino**.

Vou ausentar-me dos limites da Terra por tempo indefinido e que a Jesus compete determinar, para um dia, mais forte xafoa. resomar, quando Deus quiser, a tarefa interrompida; e, satisfeito de mãos dadas com Jerusa — o meu anjo adorado —, sob D **do** meu Mestre, irradiarei na conquista dos bens espirituaise, cara Teresa, e a vós todos, amigos, envolvidos no perfume suavíssimo da saudade.

15-2-35.

Leonardo.